

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

ROBERTA VARGAS COLHAÇO

LEVANTAMENTO DO POTENCIAL TURÍSTICO SUSTENTÁVEL DE LOCALIDADES  
PERTENCENTES AO DISTRITO DO RIBEIRÃO DA ILHA

FLORIANÓPOLIS

2003

ROBERTA VARGAS COLHAÇO

LEVANTAMENTO DO POTENCIAL TURÍSTICO SUSTENTÁVEL DE LOCALIDADES  
PERTENCENTES AO DISTRITO DO RIBEIRÃO DA ILHA

Trabalho de Conclusão de Estágio apresentada à disciplina Estágio Supervisionado – CAD 5236, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, área de concentração em Turismo Sustentável.

Professor Orientador: Pedro Carlos Schenini

FLORIANÓPOLIS

2003

ROBERTA VARGAS COLHAÇO

LEVANTAMENTO DO POTENCIAL TURÍSTICO SUSTENTÁVEL DE LOCALIDADES  
PERTENCENTES AO DISTRITO DO RIBEIRÃO DA ILHA

Este Trabalho de Conclusão de Estágio foi julgado adequado e aprovado em sua forma final pela Coordenadoria de Estágios do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, em (27 de junho de 2003)

Prof. Sinesio Stefano Dubiela Ostroski  
Coordenador de Estágios

Apresentada à Banca Examinadora integrada pelos professores:



Pedro Carlos Schenini  
Orientador(a)



Esperidião Amin Helou Filho  
Membro



Valeska Nahas Guimarães  
Membro

Agradeço à minha família, que faz da minha vida um sucesso.  
Em razão disto, dedico todo esforço e estudo desse trabalho a  
eles que são a razão da minha vida.

E também meu profundo agradecimento a todos os professores  
pois são grandes responsáveis pelo conhecimento que adquiri  
ao longo desses anos maravilhosos de universidade federal, em  
especial ao meu orientador Pedro Carlos Schenini.



## RESUMO

**COLHAÇO, Roberta. Levantamento do potencial turístico sustentável de localidades pertencentes ao Distrito do Ribeirão da Ilha. 2003. 94f. Trabalho de Conclusão de Estágio (Graduação em Administração). Curso de Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.**

Este estudo tem como objetivo fazer um levantamento do potencial existente nas localidades da Freguesia do Ribeirão, Costeira do Ribeirão, Caieira da Barra do Sul e Naufragados que pertencem ao Distrito do Ribeirão da Ilha. Esta região apresenta características (naturais, históricas, culturais, gastronômicas, etc) que são fundamentais para o desenvolvimento do turismo. A apresentação dessas características é a primeira parte do estudo. Num segundo momento são expostos alguns dos problemas da realidade da região que podem, de alguma forma, comprometer a potencialidade turística das localidades em estudo. Por último foi feito um levantamento das atividades turísticas já existentes ou a serem implementadas de forma sustentável nessas localidades. Para tanto foram realizadas, pesquisa bibliográfica em diversas fontes, e pesquisa de campo envolvendo entrevistas com a comunidade local, órgãos competentes, empreendimentos turísticos. Para a organização dos dados coletados foi utilizado um manual de técnicas de pesquisa de campo de autoria de Mario Carlos Beni fornecido pelo SEBRAE. Por fim, através desse levantamento, foi concluído que a região tem um grande potencial para o turismo, porém algumas vezes não explorado de forma sustentável, o que pode comprometer o futuro da região e da comunidade autóctone, fazendo-se necessário uma integração entre as partes interessadas, para que isso não ocorra, ou para que uma situação negativa detectada se reverta. O planejamento turístico deve levar em conta não só os interesses econômicos, mas também englobar os aspectos ambientais e sociais. O turismo se planejado de forma adequada, além de oferecer um produto de qualidade aos visitantes, traz muitos benefícios para a região como um todo.

**Palavras-chave:** desenvolvimento sustentável, turismo e turismo sustentável

## ABSTRACT

This study's objective is to survey the existing potential for a sustainable tourism development at the localities called Freguesia do Ribeirão, Costeira do Ribeirão, Caieira da Barra do Sul and Naufragados, which are part of Ribeirão da Ilha District. The area presents characteristics (in terms of nature, history, culture and gastronomy) that are essential for developing the activity. These characteristics are presented in the first part of the work. Secondly some of the problems concerning the region, which may affect in some way the potential for tourism, are presented. Furthermore, an investigation has been carried in order to identify the existing tourist activities, as well as the ones that are to be implemented in a sustainable way. In order to do so a bibliographic research in various sources took place plus field research involving local community members interviews, tourist enterprises and organisations in charge of either tourism or the community affairs. With the purpose of organising the collected data a Field Research Technical Manual produced by Mario Beni has been used. Finally, through the survey it was concluded that the region presents a great potential for tourism, even though not always carried in a sustained way, which can certainly jeopardise the future of both the autochthon community and the region itself. It is necessary to integrate the community and stakeholders either to avoid this possibility or to revert any detected drawback. The tourism planning must involve not only the economic aspects, but also the social and environmental ones. Tourism, if properly planned, apart from creating the possibility of offering quality for visitors, also brings many good outcomes for the whole region.

Keywords: sustainable development, tourism and sustainable tourism.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Indicadores de competitividade .....	27
Quadro 2: Fatores legais e normativos .....	33
Quadro 3: Destinos turísticos mais visitados .....	37
Quadro 4: Bens tombados por decreto e leis municipais .....	39
Quadro 5: Diagnóstico da maricultura na região .....	51
Quadro 6: Praia de Naufragados .....	54
Quadro 7: Praia do Defunto .....	55
Quadro 8: Praia do Seu Norberto .....	55
Quadro 9: Praia da Caieira da Barra do Sul .....	56
Quadro 10: Praia Grande .....	58
Quadro 11: Praia da Sinhá ou da Ponta do Poço .....	58
Quadro 12: Praia de Fora ou do Caiacangaçu .....	59
Quadro 13: Praia do Caiacangaçu .....	59
Quadro 14: Praia da Costeira do Ribeirão .....	60
Quadro 15: Praia do seu Lino Cunha .....	61
Quadro 16: Praia de Fora ou do Seu Ernesto .....	62
Quadro 17: Praia do Itaqui .....	63
Quadro 18: Praia do Doutor Ivo , Praia da Cruz ou Praia da Toca do Uga .....	64
Quadro 19: Praia do Rita .....	64
Quadro 20: Praia do Ribeirão da Ilha .....	65
Quadro 21: Morros do Ribeirão .....	66
Quadro 22: Trilha de Naufragados 1 .....	81
Quadro 23: Trilha de Naufragados 2 .....	82
Quadro 24: Trilha de Naufragados 3 .....	82
Quadro 25: Caminho do Sertão do Ribeirão à Tapera do Ribeirão .....	83
Quadro 26: Trilha da Lagoa do Peri ao Alto Ribeirão .....	84
Quadro 27: Trilha dos Naufragados à Solidão (Praia do Rio das Pacas) .....	85
Quadro 28: Caminho do Sertão do Ribeirão à Lagoa do Peri (Chico do Alambique) .....	86
Quadro 29: Artesanatos explorados na região .....	92



# SUMÁRIO

<b>LISTA DE QUADROS</b> .....	7
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	10
1.2 QUESTÃO DE PESQUISA.....	13
1.3 JUSTIFICATIVA.....	13
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	15
2.1 OBJETIVO GERAL.....	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	16
3.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	16
3.1.1 <i>Poluição</i> .....	18
3.2 TURISMO.....	20
3.3 TURISMO E SUSTENTABILIDADE.....	29
3.4 ECOTURISMO.....	33
3.5 FLORIANÓPOLIS E O TURISMO:.....	35
3.6 DISTRITO DO RIBEIRÃO DA ILHA.....	38
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	41
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS</b> .....	46
5.1 CARACTERÍSTICAS DETERMINANTES QUE EVIDENCIAM O POTENCIAL DO TURISMO SUSTENTÁVEL :.....	46
5.1.1 <i>Características históricas e culturais:</i> .....	46
5.1.2 <i>Características Sociais</i> .....	47
5.1.3 <i>Características gastronômicas : A ostra como produto gastronômico turístico e o fomento da maricultura</i> .....	50
5.1.4 <i>Características Naturais (Atrativos Naturais)</i> .....	52
5.1.4.1 Praias.....	53
5.1.4.2 Morros:.....	66
5.1.5 <i>Atrativos artificiais</i> .....	67
5.1.5.1 <i>Igreja Nossa Senhora da Lapa:</i> .....	67
5.1.5.2 <i>Instituições culturais de estudo, pesquisa e lazer: Museu Etnológico do Ribeirão</i> .....	68
5.2 LIMITAÇÕES QUE PODEM COMPROMETER O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO SUSTENTÁVEL NA REGIÃO EM ESTUDO.....	68
5.2.1 <i>Degradação ambiental x Utilização racional dos recursos naturais</i> .....	69
5.2.1.1 <i>Poluição Hídrica</i> .....	70
5.2.1.2 <i>Lixo, esgoto, saúde, educação, segurança , ocupação irregular e abastecimento de água:</i> .....	72
5.2.2 <i>Fatores que comprometem o turismo:</i> .....	75
5.2.2.1 <i>Atrativos turísticos que comprometem seu potencial:</i> .....	77
5.3 ATIVIDADES TURÍSTICAS SUSTENTÁVEIS:.....	78
5.3.1 <i>Atividades turísticas na praia:</i> .....	78
5.3.2 <i>Trilhas Ecológicas e Pesquisas Científicas</i> .....	79
5.3.3 <i>Visitas Culturais e City tour</i> .....	86
5.3.3.3 <i>Casas rústicas coloniais:</i> .....	87
5.3.3.4 <i>Igreja Nossa Senhora da Lapa:</i> .....	88
5.3.3.5 <i>Fazendas Marinhas</i> .....	88
5.3.4 <i>Passeios marítimos</i> .....	88
5.3.5 <i>Festas etno-culturais-religiosas</i> .....	89
5.3.5.1 <i>Festa do Camarão:</i> .....	89
5.3.5.2 <i>Festa do Divino</i> .....	90

5.3.6 Artesanato.....	92
5.3.7 Gastronomia: .....	94
5.3.8 Hospedagem.....	95
5.3.9 Outros atrativos a serem explorados para o turismo.....	96
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS .....	101
ANEXOS.....	104

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Apesar de contar com um belíssimo litoral, um alto índice de qualidade de vida, além de possuir recursos naturais incomparáveis, qualidades capazes de transformar um potencial turístico em um produto de qualidade, Florianópolis nunca foi capaz de pensar o turismo na maneira que se deve, tendo preocupação em planejar, lapidar e embalar a sua matéria-prima turística.

Mas tudo isso, ainda não é suficiente frente às potencialidades da cidade. Muitos investimentos ainda serão necessários, principalmente no planejamento estratégico e na criação de produtos diversificados, oferecendo um diferencial com preços alinhados no mercado mundial.

Com uma riqueza natural exuberante e um povo típico muito interessante, responsável por uma cultura ainda não muito explorada, o Ribeirão da Ilha é um lugar que aparentemente apresenta um potencial elevado, porém por outro lado, possui alguns problemas que podem comprometer a região num determinado prazo. A globalização favorece a divulgação das inúmeras qualidades da cidade onde está localizada o Ribeirão da Ilha, porém se esta região não estiver preparada para receber os chamados “turistas globalizados”, muitos impactos negativos podem surgir em razão disto.

Muitos problemas já são parte da realidade da região e que por consequência compromete o futuro desta região: esgoto jogado no mar, arruamento irregular, aterro, destruição da mata nativa, tráfico e consumo de entorpecentes, vandalismo, destruição do



patrimônio público, crescimento desordenado, gente pescando sem habilitação, violência entre vários outros problemas.

Um aspecto relevante para o desenvolvimento do turismo sustentável da região é a importância que deve ser dada ao nativo. Não se deve ignorar o ser humano que vive na região hospedeira e que participa diretamente da recepção e do atendimento ao visitante. A valorização da mão-de-obra local abre espaço para um investimento em qualidade, com a conscientização acerca do papel representado, por cada um, nesse processo competitivo. Entendendo o que é o turismo e o que ele representa em termos de renda, imediata e a médio prazo, para a sua sobrevivência, a população local e, em especial, o trabalhador sentirá mais integrado ao planejamento e à execução dos programas. E, caso o contrário, pode haver um conflito entre o turista e o anfitrião, principalmente se o turista, egresso de um país de primeiro mundo, visita comunidade mais pobre, onde a população apresenta um nível de renda e de escolaridade inferiores. É o que Krippendorf (1989) chama de encontro dos "have" com os "have-not". Na tentativa de evitar o choque cultural, as agências levam os viajantes a um passeio pela cidade, em ônibus climatizado, devidamente protegidos de qualquer contato com a população local. "O que deveria ser um encontro sucumbe à 'síndrome do zoo': uns e outros se observam" (KRIPPENDORF, 1989, p. 113). E o que poderia ser um encontro se transforma em *des-encontro*.

Nos últimos anos, houve uma maior preocupação com os impactos negativos do turismo, principalmente sobre as comunidades mais frágeis, menos desenvolvidas. Antes disso, o enfoque ficava concentrado nas vantagens dos ganhos financeiros e do incremento na oferta de empregos para a população local. Por outro lado, tal atividade também ameaça com a destruição do meio-ambiente, a segregação dos nativos, a exclusão dos autóctones de todo o processo de planejamento e, a longo prazo, um amplo confisco sobre a população local (KRIPPENDORF, 1989).

A chegada do turismo é avassaladora, seja através das intensas propagandas oficiais ou pelo surgimento espontâneo de destinos que se tornam atração aos olhos dos turistas. As pequenas localidades, povoados, vilas são invadidos e o seu cotidiano é moldado, muitas vezes, pela chegada dos viajantes com seus hábitos, costumes e tradições. O crescimento do turismo tem agredido, em vários graus, os recursos naturais, culturais e sociais dessa região receptora.

A massificação do turismo contribui para a divulgação de estereótipos que tentam representar a riqueza cultural de cada região e de cada povo escolhido como destino turístico. Alternativa que pode fazer desaparecer, com o tempo, características essenciais de uma comunidade, na medida em que os anfitriões, para atender à demanda turística, vão, pouco a pouco, adequando o seu cotidiano às necessidades dos grupos visitantes, a ponto de perder seus referenciais. E assim, procurando satisfazer o cliente, vai deixando de lado as suas próprias necessidades ou desejos simbólicos.

A subordinação do anfitrião à cultura e gostos dos visitantes não é regra geral, por isso quando há planejamento adequado e participação da comunidade local durante o processo de preparação de uma região para o desenvolvimento de atividades turísticas, o resultado final pode ser positivo. Os efeitos socioculturais sobre as pessoas residentes na área podem se manifestar, entre outros aspectos, em melhores condições de vida e enriquecimento cultural, ao invés de levar a consequências negativas provenientes de opções equivocadas que levam a efeitos danosos para a sociedade, tais como: xenofobia, poluição, servilismo, degradação ambiental, aculturação e inúmeros outros.

Na verdade, não é somente a preservação da diversidade cultural que pode ser ameaçada diante do desenvolvimento apressado e irresponsável de atividades turísticas. O próprio meio-ambiente, as paisagens naturais e o patrimônio artístico-cultural também podem ser objeto de degradação, quando não existe conscientização e controle.



## 1.2 QUESTÃO DE PESQUISA

Há potencial turístico a ser explorado, de forma sustentável, nas localidades da Freguesia do Ribeirão, Costeira do Ribeirão, Caieira da Barra do Sul e Naufragados ?

## 1.3 JUSTIFICATIVA

Florianópolis, no início do século XXI , é uma cidade que enfrenta uma série de problemas urbanos gerados por um crescimento desordenado, entre os quais pode-se citar ruas congestionadas, falta de saneamento, favelização da periferia, inchaço populacional, ocupação de áreas de preservação, poluição nas praias, rios, córregos, entre outros. Muitos desses problemas, além de afetar diretamente a vida da população autóctone, dificultam o desenvolvimento da atividade turística, e são, de certa forma, intensificados pela mesma. Para sanar essas questões, o poder público e a própria sociedade desenvolvem esforços emergenciais, porém normalmente isolados, desprovidos de planejamento estratégico. Florianópolis está situada numa ilha e isso impõe limites ao seu crescimento, que deve acontecer de forma ordenada e sustentada.

Além disso, a atividade turística em Florianópolis sempre sofreu os efeitos da sazonalidade, já que na primavera e no verão observa-se um grande fluxo de turistas em direção às praias e, conseqüentemente, uma grande ocupação nos meios de hospedagem, por exemplo. Já o outono e o inverno apresentam características opostas.

Muitos autores afirmam que o turismo litorâneo de massa, como é caracterizado o turismo em Florianópolis, não é compatível com o conceito de turismo sustentável (SWARBROOKE, 2000 e KRIPPENDORF, 1989).

As localidades em estudo, pertencem ao Distrito do Ribeirão, que se situa na parte sul da Ilha de Santa Catarina. São lugares que, aparentemente, apresentam potencial para a implantação do Turismo de forma sustentável e não exploradas para tal fim. Isto devido algumas peculiaridades desta região:

- a) variedade e beleza natural;
- b) herança histórica da colonização muito presente no local;
- c) traços culturais muito fortes (fundamentada na cultura açoriana);
- d) presença marcante da figura que representa o povo de Florianópolis – “manezinho da ilha”;
- e) atrativos Gastronômicos, principalmente porque a região é rica no cultivo do produto gastronômico típico de Florianópolis – ostra. Além disso, outros frutos do mar são oferecidos na região;

O maior patrimônio natural e cultural do Ribeirão são suas belezas naturais, que aliadas aos traços culturais que ainda se mantêm vivo entre as comunidades nativas, oferecem um amplo leque de potencialidades para realização da atividade turística com bases sustentáveis

Este trabalho tem como proposta identificar este potencial para a sustentabilidade do turismo nas localidades da Costeira do Ribeirão, Freguesia do Ribeirão, Caieira da Barra do Sul e Naufragados, mostrando a realidade da região que possui algumas características fundamentais que podem revelar essa grande capacidade que muitas vezes não é explorada ou é mal gerida pelos interessados no tema, e por outro lado possui algumas limitações que podem comprometer esse potencial.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

Levantar o potencial turístico sustentável das localidades da Costeira do Ribeirão, Freguesia do Ribeirão, Caieira da Barra do Sul e Naufragados.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar características que possibilitem mostrar porque o Distrito do Ribeirão é uma região que tem um grande potencial para o desenvolvimento do Turismo, de forma sustentável;
- b) Descrever as limitações que podem comprometer o desenvolvimento turístico, de forma sustentável, na região em estudo;
- c) Descrever possíveis atividades turísticas existente ou a serem implantadas .

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O atual modelo econômico gerou enormes desequilíbrios. Nunca houve tanta riqueza e fartura no mundo, e por outro lado, a miséria, a degradação ambiental e a poluição aumentam a cada dia. Diante desta constatação, surge a idéia do desenvolvimento sustentável, que concilia o desenvolvimento econômico aliado a preservação ambiental e ao desenvolvimento social, ou seja, atividade econômica, meio ambiente e bem-estar da sociedade formando um tripé básico, no qual se apoia a idéia de desenvolvimento sustentável.

Como definição de desenvolvimento sustentável, o “Relatório de Brundtlan” da CMMAD (1988) coloca que é “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades.” Através desse conceito percebe-se que tal conceito não diz respeito apenas ao impacto da atividade econômica no meio ambiente. Desenvolvimento sustentável se refere também às conseqüências dessa relação na qualidade de vida e no bem-estar da sociedade, tanto presente quanto futura.

A aplicação do conceito à realidade requer, no entanto, uma série de medidas tanto por parte do poder público como da iniciativa privada, assim como exige um consenso internacional. Carson (1996), afirma que para alcançar o desenvolvimento sustentável, a sociedade deve empregar uma variedade de medidas econômicas e políticas e atingir um equilíbrio perfeito entre o mecanismo de mercado livre e administração pública judicial.

O Relatório de “Brundtlan” da CMMAD (1988) reforça uma série de medidas devem ser tomadas pelos Estados nacionais:

- a) limitação do crescimento populacional;

- b) garantia de alimentação a longo prazo;
- c) preservação da biodiversidade e dos ecossistemas;
- d) diminuição do consumo de energia e desenvolvimento de tecnologias que admitem o uso de fontes energéticas renováveis;
- e) aumento da produção industrial nos países não-industrializados à base de tecnologias ecologicamente adaptadas;
- f) controle da urbanização selvagem e integração entre campo e cidades menores;
- g) as necessidades básicas devem ser satisfeitas;
- h) as organizações do desenvolvimento devem adotar a estratégia de desenvolvimento sustentável;
- i) a comunidade internacional deve proteger os ecossistemas supranacionais
- j) guerras devem ser banidas;
- k) a ONU deve implantar um programa de desenvolvimento sustentável.

De qualquer forma, não se pode exigir que a economia deixe de crescer, todavia é preciso que se redirecione o rumo das práticas sustentáveis de desenvolvimento, ainda mais com o crescimento desordenado da população mundial. Segundo o relatório *Pilot Analysis of Global Ecosystems* (2000), a cada minuto nascem 247 humanos no planeta. Em um ano terão sido 130 milhões. Todo esse volume de pessoas podem levar ao desequilíbrio no planeta, pois todos precisam comer, trabalhar, lava-se, beber, viver.

Como já foi colocado, para realizar um programa de desenvolvimento sustentável exige-se, enfim, um alto nível de conscientização e de participação tanto do governo e da iniciativa privada como da sociedade. Para tanto, não se deve deixar que estratégias de tal porte e extensão fiquem à mercê do livre mercado, visto que os danos que se visam resolver são causados justamente pelos processos desencadeados por um modelo de capitalismo que aparenta ser cada vez mais selvagem e desenfreado



### 3.1.1 Poluição

As ações humanas e a utilização dos recursos naturais devem ser conduzidas, de modo a permitir a manutenção do meio ambiente socialmente justo e ecologicamente equilibrado, para não atrapalhar a harmonia no planeta. A poluição contribui de maneira drástica para a perda dessa harmonia, e as pessoas só percebem as consequências quando se atinge níveis alarmantes.

Pelo artigo 3º, inciso III da Lei 6938/811, o conceito de poluição é:

[...] a degradação da qualidade ambiental resultante de atividades que, direta ou indiretamente: prejudiquem a saúde, a segurança e o bem-estar da população; criem condições adversas às atividades sociais e econômicas; afetem desfavoravelmente a biota; afetem as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente; lancem materiais ou energia em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos.

Os tipos de poluição, de modo geral, podem ser classificados de acordo com os componentes que são ambientalmente afetados: ar, água, solo; pela natureza do poluente lançado: químico, térmico, sonoro, radioativo; ou pelo tipo de atividade poluidora: industrial, agrícola, residencial.

#### A) Água

A água doce, considerado boa para o consumo humano, é um dos recursos naturais com perspectiva de maior escassez em escala mundial, a curto prazo.

A água própria para o consumo humano chama-se água potável. Para ser considerada como tal, ela deve obedecer a padrões de potabilidade. Se ela tem substâncias que modificam estes padrões ela é considerada poluída. As substâncias que indicam poluição por matéria orgânica são: compostos nitrogenados, oxigênio consumido e cloretos.

A água necessita de tratamento para se adequar ao consumo. Mas todos os métodos têm suas limitações, por isso não é possível tratar água de esgoto para torná-la potável. Os métodos vão desde a simples fervura até correção de dureza e corrosão.

Alguns problemas relativos a este recurso natural são:

- a) inexistência de sistema de esgotos: despejos são compostos de materiais rejeitados ou eliminados devido à atividade normal de uma comunidade. O sistema de esgotos existe para afastar a possibilidade de contato de despejos, esgoto e dejetos humanos com a população, águas de abastecimento, vetores de doenças e alimentos. O sistema de esgotos ajuda a reduzir despesas com o tratamento tanto da água de abastecimento quanto das doenças provocadas pelo contato humano com os dejetos, além de controlar a poluição das praias. Existem soluções para a retirada do esgoto e dos dejetos, havendo ou não água encanada.
- b) falta de saneamento: saneamento é o conjunto de medidas, visando a preservar ou modificar as condições do meio ambiente com a finalidade de prevenir doenças e promover a saúde.

O saneamento básico se restringe ao abastecimento de água e disposição de esgotos, mas há quem inclua o lixo nesta categoria. Outras atividades de saneamento são: controle de animais e insetos, saneamento de alimentos, escolas, locais de trabalho e de lazer e habitações.

Normalmente qualquer atividade de saneamento tem os seguintes objetivos: controle e prevenção de doenças, melhoria da qualidade de vida da população, melhorar a produtividade do indivíduo e facilitar a atividade econômica.

## B) Lixo

O lixo é o conjunto de resíduos sólidos resultantes da atividade humana. O problema do lixo tem objetivo comum a outras medidas, mais uma de ordem psicológica: o efeito da limpeza da comunidade sobre o povo. O lixo tem que ser bem acondicionado para facilitar sua remoção. Às vezes, a parte orgânica do lixo é triturada e jogada na rede de esgoto. Se isso facilita a remoção do lixo e sua possível coleta seletiva, também representa mais uma carga

para o sistema de esgotos. Enquanto a parte inorgânica do lixo vai para a possível reciclagem, a orgânica pode ir para a alimentação dos porcos.

O sistema de coleta tem que ter periodicidade regular, intervalos curtos, e a coleta noturna ainda é a melhor, apesar dos ruídos.

O lixo pode ser lançado em rios, mares ou a céu aberto, enterrado, ir para um aterro sanitário (o mais indicado) ou incinerado .

### 3.2 TURISMO

O turismo é um fenômeno social que tem uma grande importância para a economia de um país. Segundo Andrade (1992), deve-se levar em conta três pré-requisitos para tentar explicar o turismo: o homem, o espaço e o tempo. O autor expressa da seguinte forma:

*O homem é o autor do ato de viajar, que encerra em si, necessariamente, o elemento físico primeiro que diferencia as quantificações e as distinções entre o espaço e em que se situa e todos os demais espaços diversos daquele em que em ato ocupa e do qual precisa sair para que possa dar existência ao fenômeno viagem. Finalmente, sempre que se movimenta, o homem se faz no espaço e, para se deslocar-se, mesmo que em medida física de aparências insignificantes, consome ou utiliza determinada quantidade de tempo, que é o elemento determinante de qualquer ato que o ser vivo pratique ou sofra, tanto consciente ou inconscientemente. (ANDRADE, 1992, p. 12)*

A Organização Mundial de Turismo – OMT, define o turismo como sendo:

*O Turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros. (OMT, 2001, p. 38)*

O turismo é um meio valioso em que se é possível fazer o intercâmbio de culturas entre povos do mundo. Se os povos tivessem uma certa uniformidade cultural, talvez o turismo não fosse uma atividade tão rica e tão procurada.



Conforme dados da EMBRATUR (2003), o turismo no Brasil vem crescendo nos últimos anos em média de 3.5 % , o que significou uma contribuição de 7.0 % para formação do Produto Nacional Bruto brasileiro no ano de 2000. Segundo estudos da World Travel & Tourism Council, naquele mesmo ano foram gerados 5,3 milhões de empregos decorrentes da atividade turística, o que representa 7,4 % do total da população ocupada no território nacional.

A EMBRATUR (2003) reforça a idéia de que o crescimento do apelo turístico baseado na preservação e conservação da natureza (fauna e a flora), além do patrimônio histórico e cultural pelos países do primeiro mundo, coloca o Brasil na vanguarda como destino nos próximos 10 anos. A fase preparatória no que tange à capacitação da mão-de-obra e da infraestrutura necessária para competir no mercado internacional encontra-se avançada e por que não dizer com boa parcela concluída nos principais destinos nacionais. Está consolidada as pré-condições para um desenvolvimento harmônico entre o turismo e as belezas naturais existentes.

O sistema turístico é formado pela oferta e suas interfaces com a demanda. A oferta turística é segundo Lage e Milione (1996) é o conjunto de atrações naturais e artificiais de uma região, assim como de todos os produtos turísticos à disposição dos consumidores para a satisfação de suas necessidades.

Andrade (1992) diferencia a matéria-prima da oferta turística natural que é composta de recurso cuja a criação não houve a interferência humana direta ou indireta natural e a oferta turística artificial que é composta de recursos naturais, de obras criadas pelo homem, de serviços e atitudes que colaboram com a natureza, imitando- a de alguma forma, ou agindo de forma a complementá-la ou mesmo subsidiá-la.

A demanda turística é bem difícil de identificar e medir. Cooper et al. (2001, p. 56 - 57), classificam a demanda turística em três grandes grupos: “demanda efetiva ou atual”, “demanda reprimida” e “sem demanda”.

Demanda efetiva é o número de pessoas que participam da atividade turística, ou seja, que efetivamente realizam a viagem. Esta é mais fácil de ser medida e a maior parte das estatísticas se referem a ela.

Demanda reprimida é aquela parcela da população que deixa de viajar por algum motivo. Este grupo, subdivide-se em duas categorias, a demanda potencial, que se refere àqueles que viajarão numa data futura quando passarem por alguma mudança nas circunstâncias de suas vidas (como por exemplo, um aumento do seu poder aquisitivo, tempo livre), e, a demanda protelada que é a demanda adiada por causa de algum problema no âmbito da oferta (como por exemplo, a falta de capacidade de hospedagem, condições meteorológica e até atividade terrorista) e que hoje merece uma atenção especial por parte dos profissionais da área, por ser uma constante em diversas regiões turística.

Como exemplo desta última, podem-se citar o atentado ao World Trade Center em Nova Iorque, setembro de 2001, e o outro ocorreu numa discoteca de turista em Bali, 2002, que causaram um desvio um desvio da demanda.

O terceiro grupo é caracterizado como sem demanda, que são aqueles que simplesmente não desejam viajar ou não possuem condições para tal.

Apesar de problemática, a definição da demanda é crucial para o planejamento e gerenciamento do Turismo. Além disso, deve-se levar em conta que vários fatores além dos atrativos turísticos propriamente ditos, movem a demanda a determinado núcleo receptor.

Segundo OMT ( 2001, p. 56), existem alguns fatores que condicionam a decisão de viajar:

1. Fatores Econômicos: levam em conta variáveis como nível de renda (quantidade de dinheiro disponível), preço (nos destinos e nos destinos competidores), política fiscal e controle de gastos em turismo (diretamente relacionada com a renda, pois com o aumento da pressão fiscal, a renda dos viajantes diminui conseqüentemente redução na demanda) e financiamento (possibilidade de pagamento a longo prazo favorecendo o turista a realizar mais gastos com o turismo e com mais frequência), câmbio (a relação entre as moedas dos países emissores e receptores de turismo).

2. Fatores relativos às unidades demandantes: referem-se à motivação (aspectos subjetivos do processo decisório do turista, imagem do destino turístico, uma necessidade a ser satisfeita ou um desejo), condicionantes socioculturais (idade, profissão, emprego, nível de escolaridade), formas e estilos de viajar (atitudes, percepções, experiências e motivações), tempo de lazer (tempo livre para a disponibilidade para viajar), costumes de épocas (festas, férias escolares e clima, oferecer condições diferentes para cada temporada), crenças religiosas, ideológicas e políticas (variáveis que condicionam fortemente a demanda todo turismo nas pessoas), fatores políticos (os governos podem fomentar o aumento dessa demanda como por exemplo através da criação de infra-estrutura), fatores demográficos.

3. Fatores relativos aos sistemas de comercialização e à produção: conhecimento e implantação do produto, comunicação global realizada, publicidade, força e presença do canal distribuidor, qualidade técnica do produto, relação qualidade e preço, políticas, estratégias, processo, credibilidade e qualidade dos sistemas.

4. Fatores aleatórios: são variáveis que afetam o comportamento sistemático, tal como guerra, cataclismos, situação política e riscos de instabilidade, etc.

Os atrativos turísticos de um destino sejam eles naturais, artificiais ou os eventos, fornecem a motivação inicial para a visita. Há uma relação entre recursos e atração turística apesar dos dois serem freqüentemente confundidos. Os recursos em sua forma original são a

matéria-prima para os futuros atrativos, ou seja, são elementos naturais, como praias, montanhas, folclore, só sendo considerados atrações turísticas se estiverem situados em locais acessíveis e válidos para a exploração turística OMT ( 2001, p. 121).

Já segundo Swarbrooke ( 2000), existem tipos de atrações :

- a) Atrativos naturais (praias, grutas, rios, lagos, bosques, flora, fauna, etc.);
- b) Atrativos criados pelo homem, mas não planejados com a intenção de atrair visitantes (catedrais, igrejas, casas históricas, monumentos, etc.);
- c) Atrações criadas pelo homem com a intenção de atrair os turistas (parque de diversões, parques temáticos, museus, centro de exposições, cassinos, centro de lazer, etc.);
- d) Eventos especiais (festivais, encontros esportivos, mercados e feiras, folclore, aniversários históricos, etc.).

Segundo informações do SEBRAE, o conceito de atrativo turístico é “Todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los. E os classifica como:

- a) naturais: localizados no espaço físico-geográfico constituindo o que se convencionou chamar de paisagem, na qual não houve a intervenção do homem, ainda que ele possa a qualquer momento modificá-la.
- b) histórico-culturais: manifestações sustentadas por elementos materiais que se apresentam sob a forma de bens imóveis ou móveis. Para os bens imóveis deverão ser considerados apenas aqueles ditos fixos, entendendo-se por bens móveis fixos aqueles pertencentes ou não a coleções ou acervos, que estejam em exposições permanentes no mesmo local.
- c) manifestações e usos tradicionais e populares: práticas culturais que são tidas como específicas do próprio local ou da região que as integram, ou ainda idênticas em nível

nacional como: atividades cotidianas e festivais de ordem sacra ou profana, de caráter popular e folclórico, consideradas objeto de apreciação e/ou participação turística.

- d) realizações técnicas científicas contemporâneas: obra ou complexo científico e/ou tecnológico próprio para a exploração nas áreas de mineração, agricultura, pecuária ou da indústria e outras instalações que, pelas características de elaboração técnica, estimulam o seu aproveitamento como recurso de atração turística. Só devem ser inventariadas aquelas onde é permitida a visitação pública. São apresentadas matérias científicas e técnicas, à comercialização de produtos, ao desenvolvimento e à prática de atividades desportivas e culturais e até assistenciais, caracterizadas como: congressos e convenções, feiras e exposições, competições desportivas e realizações diversas que atuam como estímulo para o turismo.

Beni (1997) trata esses atrativos como bens turísticos, que conforme esse autor podem ser:

- a) materiais ( monumentos, museus, galerias de arte e outros) e imateriais (clima, paisagens e outros);
- b) móveis (terrenos, casas, museus e outros) e móveis (produtos gastronômicos, artístico e artesanais);
- c) duráveis ou perecíveis (artesanais ou produtos gastronômicos);
- d) de consumo (bens que satisfazem diretamente as necessidades dos turistas) e de capital (os que são utilizados para a produção de outros bens);
- e) básicos, complementares e interdependente ;
- f) naturais ou artificiais.

O mesmo autor ainda coloca um outro conceito que é o serviço turístico que classifica como:

- a) receptivos

- b) de alimentação
- c) de transporte
- d) públicos
- e) de recreação e entretenimento na área receptora

As mudanças nas exigências dos consumidores, com o surgimento de novas necessidades e desejos, modifica o tipo de demanda que é, atualmente, mais sofisticada e consciente. Um segmento crescente desse mercado busca experiências enriquecedoras e educativas, tanto naturais como culturais. Assim, a escolha do local de um novo atrativo, sua gestão e planejamento, deverá combinar o melhor uso por parte dos habitantes, a proteção dos interesses da população local, assim como os recursos que constituem o fundamento do referido atrativo, OMT (2001, p. 124). Percebe-se, portanto, uma evolução natural no sentido de desenvolver a atividade turística de forma mais sustentável, como será discutido posteriormente neste trabalho.

Existe também os inibidores para visitação do destino turísticos. O SEBRAE aponta alguns deles:

**1. Segurança e proteção:**

- a) instabilidade política / intranquilidade;
- b) probabilidade de ação terrorista;
- c) alto índice de criminalidade;
- d) controle deficiente de tráfego aéreo;
- e) corrupção administrativa e policial.

**2. Saúde e assistência médica:**

- a) baixa qualidade da infra-estrutura e saneamento;
- b) existência de epidemias;
- c) má qualidade / inexistência dos serviços médicos;

- d) falta de medicamentos;
- e) alimentos e bebidas somente de uso local, inobservados os padrões internacionais de embalagem e higiene.

### **3. Legislação e regulamentações:**

- a) exigências para visto de entrada;
- b) controle de moeda;
- c) restrições médico-sanitárias.

### **4. Diferenças culturais:**

- a) incapacidade de comunicação da população visitada;
- b) tabus de comportamento;
- c) nível elevado de pobreza;
- d) sistemas de valores divergentes.

Não existem países turísticos competitivos, mas sim países com determinados produtos turísticos competitivos. Um mesmo produto turístico pode ser competitivo em uma parte do país e não o ser no restante.

A competitividade é a capacidade que uma indústria tem de alcançar seus objetivos de maneira superior à média do setor de referência e de forma sustentável (retorno dos investimentos acima da média com baixos custos sociais e ambientais).

Quadro 1: Indicadores de competitividade

INDICADORES DE COMPETITIVIDADE	
SETOR DE REFERÊNCIA	Empresas que operam com a mesma combinação “produto/mercado” e lutam pela mesma vantagem competitiva.
TAXA INTERNA DE RETORNO	a empresa tem que comparar sua TIR unicamente com as empresas do setor de referência.
DIMENSÃO DA SUA SUSTENTABILIDADE	Capacidade de Seguir alcançando os objetivos a longo prazo, enfrentando um entorno agressivo resultante da interação das denominadas cinco forças competitivas: Aparecimento dos competidores; Surgimento dos substitutos; o poder de negociação em face da demanda; o poder de negociação sobre os fatores de mercado; a rivalidade entre as empresas do Setor de Referência.

Fonte: SEBRAE

A atividade turística necessita de grandes investimentos para se desenvolver plenamente, para que os destinos turísticos possam oferecer um produto turístico de qualidade e torná-los competitivos, contribuindo para o retorno dos visitantes e que eles possam também ser utilizados como marketing turístico, para atrair novos visitantes.

Segundo a EMBRATUR (2003), alguns fatores merecem destaque e podem ser a principal causa do crescimento dos investimentos nessa atividade nos últimos anos, tais como:

- a) a estabilidade da moeda nacional
- b) ajuste fiscal e monetário do Governo
- c) o fortalecimento da EMBRATUR
- d) a melhora da infra-estrutura associada ao saneamento básico, à modernização dos aeroportos
- e) o incremento do debate sobre a importância do aproveitamento dos recursos naturais e do patrimônio histórico-cultural
- f) o processo de capacitação e de formação de mão-de-obra especializada para os diversos segmentos da atividade
- g) o aperfeiçoamento do Código de Defesa do Consumidor dentre outros.



### 3.3 TURISMO E SUSTENTABILIDADE

O conceito de turismo sustentável é novo, mas o conceito de desenvolvimento sustentável já existe há muitos séculos. De acordo com Swarbrooke\_(2000), o conceito de sustentabilidade engloba necessariamente o meio ambiente, as pessoas e o sistema econômico. Ela reforça que a expressão turismo sustentável passou a ser usada com frequência na década de 1990, reconhecendo a importância da comunidade local, a forma como as pessoas são tratadas e o desejo de maximizar os benefícios econômicos para essa comunidade.

Granemann (1999), relaciona alguns impactos negativos do turismo:

- a) A instalação de grandes projetos turísticos, destinados ao turismo de alto luxo. Este tipo de equipamento não propulsiona a economia local por ser desvinculado de sua realidade, provocando a formação de “ilhas” em que o luxo predomina.
- b) A aceleração do processo inflacionário. Geralmente onde é exercido o turismo sazonal, o preço do produto aumenta em relação ao aumento da população flutuante e o conseqüente aumento da procura por bens e serviços.
- c) A concessão de incentivos fiscais e elevados gastos com a implantação de infraestrutura básica por parte do poder público, visando facilitar a instalação de grandes equipamentos turísticos. Nestas situações, poucos proveitos são feitos para a comunidade, vez que, além de não usufruir dos equipamentos, não desfruta do retorno do capital, que é geralmente reinvestido fora da comunidade ou remetido para o exterior.
- d) A mudança de valores culturais. Muitas vezes o turismo é responsável pela descaracterização de comunidades nativas, que sofrem com a influência de novos costumes e hábitos.

- e) A degradação do meio ambiente natural. Com a exploração do turismo, o ambiente natural é um dos elementos que mais se altera. Construções à beira mar e remoção de camadas de vegetais, por exemplo alterando o microclima urbano. A ocupação e o desmatamento de áreas de preservação, as edificações em local não apropriado, além dos altos índices de poluição acabam por também alterar o ambiente natural.

Neste sentido, a relação entre o turismo e o meio ambiente é bem estreita, portanto é necessário muito cuidado na fase do planejamento turístico, que deve levar em conta os impactos ambientais e sócio-econômicos, evitando o máximo os aspectos negativos e reforçando os positivos.

O turismo, se planejado de forma adequada, pode ajudar até a conservar a herança histórica, cultural e ambiental. O ideal é que a comunidade esteja integrada na atividade turística, entendendo os mecanismos, beneficiando-se direta ou indiretamente, e podendo contribuir no processo de tomada de decisão. Além disso, deve sempre incentivar os costumes e hábitos locais, como a música, dança, artesanato, bem como incentivar a comunidade a saber sobre os turistas e vice-versa. O turismo tem essa difícil tarefa de aproximar pessoas de culturais diferentes, mostrando que cada uma tem sua importância no cenário mundial.

De acordo com a Conferência Globo90, em Vancouver, traçou uma lista de benefícios causados pelo Turismo Sustentável:

- O turismo sustentável estimula uma compreensão dos impactos do turismo nos ambientes natural, cultural e humano;
- O turismo sustentável assegura uma distribuição justa de benefícios e custos;
- O turismo gera empregos locais, tanto diretos quanto indiretos em outros setores de suporte e gestão dos recursos;
- O turismo estimula indústrias domésticas lucrativas, hotéis e outros tipos de hospedagens, serviços de alimentação, sistema de transporte, artesanato e serviços de guias locais;
- O turismo gera entradas de divisas para o país e injeta capital na economia local;
- O turismo diversifica a economia local, principalmente em áreas rurais onde o emprego agrícola pode ser esporádico ou insuficiente;
- O turismo sustentável procura tomar as decisões em todos os segmentos da sociedade, inclusive populações locais, de forma que o turismo e outros usuários dos recursos possam coexistir. Ele incorpora planejamento e zoneamento assegurando o desenvolvimento do turismo adequado à capacidade de carga do ecossistema;

- O turismo estimula o desenvolvimento do transporte local, das comunicações e de outras infra-estruturas básicas da comunidade;
- O turismo cria facilidade de recreação que podem ser usadas pelas comunidades locais, e não só por turistas domésticos ou internacionais. Ele também estimula e auxilia a cobrir gastos com preservação de sítios arqueológicos, construções e locais históricos;
- O turismo natural encoraja o uso produtivo de terras que são consideradas marginais para a agricultura, permitindo que vastas regiões permaneçam cobertas por vegetação natural;
- O turismo cultural intensifica a auto-estima da comunidade local e oferece a oportunidade de uma maior compreensão e comunicação entre os povos de formação diversas;
- O turismo sustentável do ponto de vista do meio ambiente demonstra a importância dos recursos naturais e culturais para a economia de uma comunidade e seu bem estar social, e pode ajudar a sua preservação;
- O turismo sustentável monitora, assessora e administra os impactos do turismo, desenvolve métodos confiáveis de obtenção de respostas e opõe-se a qualquer efeito negativo.

Pode-se citar outros exemplos práticos em alguns países que o turismo sustentável pode trazer benefícios à sociedade, como exemplifica Swarbrooke (2000). Nos Estados Unidos e no Reino Unido, o turismo tem servido na recuperação de velhas cidades industriais na tentativa de proporcionar um novo rumo a elas, nas cidades de Baltimore e Liverpool. Na área Interiorana de Portugal, Espanha, França e Itália, utilizou-se o turismo rural para compensar o declínio da agricultura tradicional. O mesmo autor afirma que o turismo sustentável significa turismo que é economicamente viável, mas não destrói os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente do meio ambiente físico e o tecido social da comunidade local.

A Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento coloca que o desenvolvimento Sustentável é entendido como:

Um processo de transformação, no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação da evolução tecnológica e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas. (CNMAD 199, p. 49)

O turismo sustentável pode ocorrer em ambientes diferentes e pode ser classificado, de acordo com Swarbrooke\_(2000), como:

- a) Turismo litorâneo;
- b) Turismo nas ilhas;

- c) Turismo em regiões montanhosas;
- d) Turismo Rural;
- e) Turismo Urbano;

Um outro conceito importante no estudo do turismo sustentável é o conceito de capacidade de carga. Conforme Swarbrooke\_(2000), existem vários tipos de capacidade de carga:

- a) física : o número de turistas que um lugar pode acomodar fisicamente;
- b) ambiental ou ecológica: o número de turistas que pode ser acomodado antes que se iniciem os danos ao ambiente ou ecossistema;
- c) econômica: o número de turistas que pode ser recebido antes que a comunidade local comece a sofrer problemas econômicos;
- d) social: o número de pessoas acima das quais ocorrerá perturbação social ou prejuízo cultural irreversível;
- e) perceptiva: o número de pessoas que um lugar pode receber antes que a qualidade da experiência do turismo comece a ser afetada negativamente
- f) infra-estrutural: o número de turistas que podem ser acomodados pela infra-estrutura da localidade.

Este conceito é importante, porém muitas vezes muito subjetivo e difícil de aplicar na prática, portanto é claro que a capacidade de carga pode ser modificada através de métodos de gestão do turismo.

Segundo Ruschmann (1997, p. 116), entende-se a capacidade de carga como “o número máximo de visitantes (por dia/mês/ano) que uma área pode suportar, antes que ocorra modificações nos meio físicos e social, dependendo do tipo e do tamanho da área, do solo, da topografia, dos hábitos das pessoas e da vida selvagem (animais), assim como da qualidade dos equipamentos instalados para atender aos turistas.”

### 3.4 ECOTURISMO

Hoje há uma grande confusão sobre a etimologia, ou origem, do termo ecoturismo, como evidencia-se na vasta literatura sobre o tema. De forma prática e simples pode-se afirmar que ecoturismo é o segmento do turismo constituído por programas com atividades ligadas ao meio ambiente, em geral amadoras e contemplativas, onde os participantes mantêm contato com a natureza. Em agosto de 1994, um grupo multidisciplinar formado por representantes de entidades governamentais e não-governamentais, a convite dos Ministérios do Meio Ambiente e da Indústria, Comércio e Turismo, ao analisar critérios para fins de implementar diretrizes para uma política nacional de ecoturismo, definiu o Ecoturismo sendo um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas.

Pires (1996) divide o ecoturismo em atividades:

- a) Ecoturismo Científico – estudo de pesquisa científica em Botânica, Arqueologia, Paleontologia, Geologia, Zoologia, Ecologia, etc;
- b) Ecoturismo Educativo – observação da vida selvagem (fauna e flora), interpretação da natureza, orientação geográfica, observação astronômica ;
- c) Ecoturismo Lúdico e Recreativo – caminhadas, acampamentos, contemplação da paisagem, banhos e mergulhos, jogos e brincadeiras, passeios montados, etc;
- d) Ecoturismo de Aventura – “trekking”, montanhismo, expedições, contatos com culturas remotas;
- e) Ecoturismo Esportivo: escala, canoagem, “rafting”, “bóia cross”, rapel, surf, vôo livre, balonismo;

- f) Ecoturismo Naturista: contatos e integração cultural do turista com a população autóctone (primitivas ou nativas) .

Assim como todas atividades, o ecoturismo também sofre limitações devido algumas normas vigentes, que estabelecem limites para a ordem e preservação do meio ambiente.

#### Quadro 2: Fatores legais e normativos

##### **Constituição da República Federativa do Brasil:**

Capítulo VI – Do Meio Ambiente – art. 225

##### **Legislação Federal**

Lei 5197/80 – Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências.

Dec-lei 221/67 – Dispõe sobre a proteção e estímulos à pesca e dá outras providências.

##### **Legislação Estadual**

Lei 5793/80 – Dispõe sobre a proteção e melhoria da qualidade ambiental e dá outras providências.

Decreto 14250/81 – Regulamenta dispositivos da Lei 5793/80 referentes à proteção e melhoria da qualidade ambiental .

Anteprojeto de Lei – Plano Estadual de Gerenciamento Costeiro de Santa Catarina

##### **Legislação Municipal**

Lei 1224/74 – Institui o Código de Posturas Municipais

Fonte: dados da pesquisa

Um dos requisitos para implantar qualquer atividade empresarial, é a licença ambiental, a qual é exigida apenas de empreendimentos listados entre aqueles considerados potencialmente causadores de degradação ambiental, segundo a Portaria Intersectorial 01/92, da Secretaria de Estado da Tecnologia, Energia e Meio Ambiente e Fundação do Meio Ambiente (FATMA). Isto é necessário para a implantação de atividades empresariais para controle ambiental para o exercício legal de atividades modificadoras do meio ambiente,

constantes nas resoluções CONAMA: 001/86, 011/86, 006/87, 006/88, 009/90 e 010/90, entre outras.

Neste caso, em que o empresário necessita deste licenciamento deve procurar um órgão municipal do meio ambiente (muitas prefeituras já dispõem de uma entidade para orientar o empresário sobre questões ambientais), ou se dirigir ao IBAMA, nos casos de licenciamento federal, que possui superintendências, em todos os Estados da Federação e no Distrito Federal, em condições de orientar o empresário.

### 3.5 FLORIANÓPOLIS E O TURISMO:

Florianópolis possui a segunda maior população do Estado de Santa Catarina. Hoje, como capital turística, conta com aproximadamente 300 mil habitantes, número que triplica durante o verão. Sua população concentra-se em maior quantidade na Ilha de Santa Catarina. A História da ocupação de Florianópolis começou com os índios carijós, que depois tiveram a “companhia” dos açorianos, como retrata a seguir:

Foram necessários apenas oito anos - de 1748 a 1756 - para que os índios carijós, os primeiros habitantes do litoral de Santa Catarina, ganhassem a companhia de cerca de 6.030 açorianos. A viagem de 8 mil quilômetros pelo Oceano Atlântico - entre a Ilha de Açores e a Terra Brasilis - foi patrocinada pela Coroa Portuguesa, interessada em povoar rapidamente esta parte do território, para evitar as possíveis invasões da Espanha. A defesa da cidade era uma das grandes preocupações dos portugueses, por causa da sua localização estratégica para abastecer os navios de água potável e da proximidade com o traçado que separava as terras entre os dois países da Península Ibérica. Por isso, foram construídos durante os séculos 18 e 19 vários fortes ao redor da ilha.<sup>1</sup>

Esses primeiros habitantes da Ilha de Santa Catarina, os índios Carijó, pertencentes à Nação Tupi-Guarani, viviam em pequenas aldeias e sua base alimentar era a caça, pesca e o cultivo de milho e mandioca. Seu artesanato era muito diversificado, como: redes, esteiras, cestos, cerâmica, armas trabalhadas em pedra polida e madeira, canoa escavada em tronco do

guarapuvu e a fabricação de bebidas e farinha. A ocupação das áreas litorâneas pelos primeiros europeus (séc. XVI), forçou a população nativa a fugir para o interior do continente. Seu legado cultural permanece vivo na identidade catarinense.

Ao chegarem ao litoral catarinense, os açorianos perderam contato com o arquipélago de origem, viveram isolados e mantiveram uma cultura de características únicas no país. Mais tarde vieram outras levas de açorianos, que marcaram a cultura da cidade, através das peculiaridades gastronômicas, folguedos e mitos, como o das bruxas - que não se encontram em outras paragens - e o das benzedadeiras. A tradição da pesca, os modelos de embarcações, os tipos de redes e até os ritos dos pescadores também devem muito à colonização

A cultura dos engenhos de farinha e de cana perdeu-se no tempo, mas a arquitetura em algumas regiões de Florianópolis mantém os traços deixados pelos açorianos - casas baixas, com coberturas pequenas que eram bem apropriadas para uma população de pouca estatura. Claro que tudo isso já esteve mais vivo. A globalização tem sido mestre em destruir culturas tradicionais, mas ainda hoje se encontram muitas dessas manifestações.

Segundo a SANTUR (2003), a Ilha de Santa Catarina, apresenta traços culturais de base açoriana, que fundamentam um corredor turístico-cultural de valores muito peculiares. Só a partir da construção da BR -101, que ocorreram os contatos com o interior do estado com o restante do país. Este acontecimento coincide com o desenvolvimento, nos primeiros anos da década de 70, da indústria turística do município.

A modernização de Florianópolis no final deste século altera substancialmente sua paisagem urbana (edificações em diversos estilos, surgimento de modernos edifícios no lugar das construções seculares). As exigências do trânsito obrigaram à construção de duas novas pontes (Colombo Salles e Pedro Ivo Campos). Ainda se insere neste contexto, alguns quilômetros quadrados de aterro da Baía Sul, que separou a área central, que mantinha secular intimidade com o mar. A expansão urbana saltou do centro histórico para os balneários a

---

<sup>1</sup> Informações obtidas em: <http://www.estado.estadão.com.br>, acessado em 28/05/03



partir da década de setenta, evoluindo rapidamente na década de oitenta e hoje é o polo turístico do Mercosul.

Florianópolis tem como cenário natural: praias, costões, restingas, dunas, mangues. A morfologia é formada por cristais montanhosos que chegam até quinhentos e trinta e dois metros no ponto mais alto da cidade, o morro do Ribeirão da Ilha. A paisagem natural é explorada como produto turístico que a cidade oferece aos seus visitantes. A secretaria municipal de turismo informa que :

A Ilha de Santa Catarina, com 436,5 km<sup>2</sup> de área, tem uma forma alongada, com cerca de 54 km de comprimento por 18 km de largura, e uma linha de costa bastante recortada (172 km lineares). Situa-se paralela ao continente e é separada deste por um estreito canal. Seu relevo apresenta uma morfologia descontínua, formado por cristas montanhosas, com altitudes que variam de 400 a 540 metros, e por morros isolados com altitudes inferiores, intercalados de pequenas planícies.<sup>2</sup>

A configuração urbana da cidade está dividida entre o continente e a Ilha de Santa Catarina. Há uma grande diversidade de paisagens que se espalham pelos seus quatrocentos e cinquenta e um quilômetros quadrados. A parte insular é caracterizada por um relevo irregular e por uma costa bastante recortada, que, com suas quarenta e duas praias, fez a cidade ficar conhecida internacionalmente.

O peculiar perfil humano da população, aliado a riquezas naturais como lagoas, mangues, morros, dunas e pequenas ilhas completam o quadro que faz de Florianópolis um lugar fascinante. Segundo dados da EMBRATUR (2003), Florianópolis é o segundo destino turístico mais procurado, como mostra a tabela a seguir :

---

<sup>2</sup> Informações obtidas em: <http://www.pmf.sc.gov.br> acessado em 02/06/2003

Quadro 3: Destinos turísticos mais visitados

Cidades mais visitadas	1995	1996	1997	1998	1999
Rio de Janeiro	41,8%	30,5%	37,4%	30,2%	32,5%
Florianópolis	11,4%	17,0%	13,9%	14,0%	17,7%
São Paulo	19,9%	22,4%	23,5%	18,4%	13,7%
Salvador	8,8%	7,7%	12,2%	10,9%	12,7%
Foz do Iguaçu	16,0%	16,6%	11,8%	8,9%	11,8%
Recife	5,7%	4,7%	5,7%	7,2%	6,4%
Porto Alegre	9,7%	10,1%	7,9%	7,9%	6,0%
Camboriú	6,2%	5,4%	3,7%	5,1%	4,9%
Fortaleza	4,1%	3,2%	3,4%	4,6%	4,7%
Búzios	3,4%	2,7%	2,8%	5,4%	4,6%

Fonte: [http:// www.embratur.gov.br](http://www.embratur.gov.br) acessado em 23/05/2003

A força da economia de Florianópolis reside nas atividades de comércio e serviços. Existe também alguma expressão na indústria de transformação, além das atividades ligadas ao turismo. Conforme dados do Guiafloripa (2003), o comércio e a prestação de serviços dominam amplamente a economia local, com uma fatia de 83%, restando 12% às indústrias de transformação e apenas 5% à agropecuária e à pesca.

### 3.6 DISTRITO DO RIBEIRÃO DA ILHA

Segundo o IPUF (2003), o Distrito do Ribeirão da ilha: foi criado a partir de um Alvará Régio, datado de 11/07/1809. Sua área é 51,54 Km<sup>2</sup>, fazem parte as localidades: Alto Ribeirão, Barro Vermelho, Caiacangaçu, Caeira da Barra do Sul, Carianos, Costeira do Ribeirão, Freguesia do Ribeirão, Praia do Naufragados, Tapera e Sertão do Peri.

A região, foi uma das primeiras comunidades do Estado. Ela foi ocupada desde o início do século XVI quando os navegadores espanhóis e portugueses exploravam o Sul do continente americano. Mas a efetiva colonização aconteceu entre os anos de 1748 e 1756, com a chegada dos primeiros imigrantes vindos do arquipélago dos Açores. Não faz muito tempo o Ribeirão era uma comunidade que tinha na agricultura e na pesca suas atividades principais.

O nome da região origina-se de um pequeno rio ou ribeira, situado no local (ribeiracô, em linguagem indígena).

Essa região está localizada a trinta e seis quilômetros do centro de Florianópolis. Muitas pessoas procuram lugares como o Ribeirão da Ilha, tanto pelo espírito aventureiro, como também pela busca da paz e do descanso, um maior contato com a natureza. Além disso, há interesse em conhecer a cultura local pela forte herança cultural açoriana. A gastronomia é um dos fortes da região, o que atrai muitos visitantes para saborear um cardápio típico a base de frutos do mar, destacando o produto principal: a ostra que é cultivada no próprio lugar.

O Ribeirão da Ilha é um exemplo de preservação arquitetônica na Ilha de Santa Catarina. Lá, as casas e a igreja, tipicamente açorianas, têm quase 200 anos, mas estão em perfeito estado. As casas, ainda usadas como residência, mantêm as cores originais.

Um dos recursos mais importantes para a sobrevivência humana está a guarda e a perpetuação dos atributos físico-naturais e culturais de seu habitat. A conjugação dos dois componentes acima citados potencializa ainda mais a sua importância para a qualidade de vida de uma população em um determinado espaço. O Ribeirão é uma região rica em termos de patrimônio cultural e histórico. Com o intuito de preservar seus grandes potenciais, o município de Florianópolis, deu início ao processo de preservação dos seus patrimônios históricos e culturais, em 1974, através da lei Municipal nº 1202, que dispõe sobre a proteção de seu patrimônio e assim institui o instrumento de tombamento (preservação com proteção legal). Isto ocorreu devido a necessidade de não perder sua identidade. O processo de tombamento significa o registro, num livro especial, de construções, monumentos, objetos, lugares, etc, considerados importantes por razões históricas, artísticas, tecnológicas ou afetivas, e por isso merecem atenção especial do governo e da comunidade. Assim com os tombamentos, esses patrimônios passam a ser preservados, não podendo ser destruídos.

### Áreas de Preservação Cultural :

- Ribeirão da Ilha - Lei Municipal nº 2.193/85

#### Quadro 4: Bens tombados por decreto e leis municipais

**Bens tombados por decreto e leis municipais:****Categorias:****P-1:**

imóvel totalmente conservado, ou restaurado, tanto interna como externamente pelo excepcional valor histórico, arquitetônico, artístico ou cultural de toda a unidade;

**P-2:**

imóvel partícipe de conjunto arquitetônico, cujo interesse histórico está em parte

**P-3:**

imóvel adjacente à edificação ou conjunto arquitetônico de interesse histórico

**APC:**

área de preservação cultural

Fonte: <http://www.ipuf.sc.gov.br>, acessado em 20/05/2003

## 4 METODOLOGIA

Este estudo tem como objetivo fazer um levantamento sobre o potencial turístico sustentável das localidades da Freguesia do Ribeirão, Costeira do Ribeirão, Caieira da Barra do Sul e Naufragados, ou seja obter o máximo de informações que permitam identificar se essa região possui ou não potencial para desenvolver o turismo, de forma sustentável. E para isso, foi utilizada a metodologia descrita a seguir, demonstrando o porquê dos procedimentos e técnicas adotadas para a realização do estudo.

Essa pesquisa apresenta características de pesquisa científica, aplicada, exploratória, descritiva, bibliográfica e de campo.

Uma pesquisa pode ser delimitada quanto aos fins e quanto aos meios segundo Vergara (1998). Quanto aos fins, este trabalho é classificado como Pesquisa Aplicada que, conforme Mattar (1999) tem o propósito de gerar soluções potenciais, e, segundo o mesmo, pode ajudar no desenvolvimento ou criação de questões de pesquisa relevantes para o objetivo pretendido. E, quanto aos meios, classifica-se como Pesquisa Exploratória, que consiste na investigação da área na qual há pouco conhecimento sistematizado e acumulado. (VERGARA, 1998).

A forma aqui proposta foi de pesquisa aplicada devido ao seu interesse prático, e a possibilidade de utilização dos resultados para a solução de eventuais problemas afins que ocorram na realidade. E ainda se justifica aplicada pois a partir de modelos teóricos, busca-se investigar, comprovar ou rejeitar a existência da mesma no espaço.

Esta pesquisa se caracteriza como exploratória, pois segundo Mattar (1999), visa prover o pesquisador de um maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva. E mesmo quando já existe conhecimento do pesquisador sobre o assunto, ela se

faz útil, pois normalmente para um mesmo fato poderá haver inúmeras explicações alternativas, e sua utilização permitirá ao pesquisador tomar conhecimento, senão de todas, da maioria delas.

Segundo Best (apud LAKATOS e MARCONI, 1982), a pesquisa descritiva apresenta aspectos da descrição, registros, análises e interpretações de fenômenos e, principalmente, por determinar o que se trata.

A coleta de dados deve ser constantemente relacionadas aos objetivos previamente estabelecidos, pois conforme Cervo (apud LAKATOS e MARCONI, 1982), coloca que os objetivos podem definir o material a coletar, o tipo de problema e a natureza do trabalho.

Os dados coletados foram classificados conforme Mattar (1999) em dados primários e dados secundários.

Os dados primários são os já existentes, que foram coletados, tabulados e catalogados à disposição do pesquisador. Como por exemplo, pode-se citar: dados históricos, bibliográficos, informações, pesquisas e material cartográfico, documentação pessoal. Lakatos e Marconi (1982), apontam a utilidade desses dados, colocando que eles evitam que os esforços sejam duplicados ou desnecessários, além de poder sugerir demais fontes.

Os dados secundários são os que necessitam de coleta e tem por finalidade atender a pesquisa

No primeiro momento da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico, que de acordo com Mattar (1999), esse levantamento deve envolver procuras em livros sobre o assunto, revistas especializadas ou não, dissertações e teses apresentadas em universidades, jornais, órgãos do governo, etc.

Ruiz (1979) afirma que a pesquisa bibliográfica consiste no exame do material, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica e que a pesquisa de campo consiste na observação de fatos tal

como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis relevantes para as análises, não se caracteriza como experimental, pois não produz ou reproduz fenômenos.

A revisão bibliográfica é muito válida devido, principalmente, ao fato desta apresentar a realidade do objeto de estudo, vinda de diferentes pontos de vistas. Portanto, foi feita uma exaustiva pesquisa a respeito do turismo e sua sustentabilidade em Florianópolis e nas localidades em estudo que pertencem ao Distrito do Ribeirão da Ilha

Na etapa da coleta dos dados secundários, foi baseado em:

- a) Pesquisa de informações de dados secundários já realizados sobre o Ribeirão da Ilha
- b) Mapas do bairro e da cidade, fotos e figuras que mostrem vários aspectos relevantes para a pesquisa

Nesta etapa, também foram analisados os documentos, que são “[...] materiais escritos que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica e que não foram elaborados.” (LAKATOS e MARCONI, 1982, p. 56.).

Ruiz (1979) classifica, de uma forma geral, em documentos escritos e não escritos, apresentando exemplos de escritos, relatórios e documentos particulares e, os não escritos, as fotografias, imagens, objetos, canções, manifestações folclóricas, vestuário.

Num segundo momento, de acordo com Vergara (1998) este estudo foi desenvolvido através da pesquisa: de campo, que segundo a autora “é investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo” (p. 45); documental, onde as investigações foram realizadas em documentos, registros, anais, circulares e ofícios; e bibliográfica na qual o estudo se desenvolveu através de livros, revistas, jornais, redes eletrônicas.

Na pesquisa de campo, foram analisados os seguintes aspectos:

- a) comunidade local
- b) cultura e história das localidades em estudo

- c) gastronomia típica (cardápios utilizados em restaurantes e bares)
- d) atrativos artificiais (igreja, museus, casarões históricos, hospedagens, restaurantes, etc)
- e) atrativos naturais ( praias, morro, vegetação, riachos, córregos, cachoeiras, etc)
- f) tipos de atividades (caminhadas, cavalgadas, trilhas, rafting, canoagens, grutas, cachoeiras, mirantes, abismo, parques, praias, ruínas, rios, lagos, florestas)
- g) infra-estruturas (sistema de abastecimento de água e luz, ruas e estradas, sistema de esgoto, etc)

A obtenção de dados ocorreu por contato direto e seguiu a metodologia de Mattar (1999, p. 66), utilizando-se de comunicação e observação, como ele mostra a seguir:

O método da comunicação consiste no questionamento, oral ou escrito, dos respondentes para a obtenção do dado desejado, que será fornecido por declaração verbal ou escrita, do próprio. O método da observação consiste no registro de comportamentos, fatos e ações relacionados com o objetivo da pesquisa e não envolve o questionamento e respostas verbais e escritas.

O método de observação foi amplamente utilizado. Lakatos e Marconi acreditam que este método auxilia o pesquisador “ [...] obter provas a respeito dos objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seus comportamentos.”(1982, p. 65).

A observação neste estudo envolveu visita de campo, observação de hábitos e costumes da comunidade, dos atrativos turísticos que eram oferecidos e os que poderiam ainda ser potencialmente descobertos, e observação da ocupação de espaços e sua utilização. Esta parte foi feita com o auxílio do manual técnico de pesquisa de campo de autoria de Beni (1998), fornecido pelo SEBRAE.

Os métodos de coleta de dados em campo também incluiu a entrevista do tipo não estruturada, não disfarçada e do tipo informal realizada com representantes dos empreendimentos turísticos, representantes de órgãos públicos e ex-governador do estado de Santa Catarina e atual professor da Universidade Federal de Santa Catarina, alguns turistas presentes no local, representantes da comunidade, onde houve uma certa facilidade de acesso às informações, interagindo amplamente com entrevistado, porém se adequando de acordo



com cada situação. A escolha das pessoas entrevistadas seguiu critérios de relevância e riquezas de informações que elas ofereceram e o acesso às mesmas.

Quanto ao controle sobre as variáveis em estudo, a pesquisa foi classificada como *ex-post facto*, que conforme Mattar (1999), procura descobrir a existência de relacionamento entre variáveis após o fenômeno em estudo já ter ocorrido.

No tempo, trata-se de uma pesquisa *ad hoc*, isto é, ocasional. De acordo com Mattar (1999), as pesquisas são ocasionais quando realizadas uma única vez, e seus resultados mostram um instantâneo do fenômeno estudado.

Segundo Vergara (1998), os dados podem ser tratados de forma quantitativa ou de forma qualitativa. Mattar (1999) afirma que dados na forma qualitativas são aqueles que identifica a presença ou ausência de algo e quantitativa quando procura medir o grau de algo que está presente. Kirk e Miller (1977) afirmam que elas também se diferenciam na forma de coleta dos dados: na pesquisa quantitativa os dados são obtidos de um grande número de respondentes, usando-se escalas, geralmente, numéricas, e são submetidos a análises estatísticas formais; na pesquisa qualitativa os dados colhidos através de perguntas abertas (quando em questionários), em entrevistas em grupos, em entrevistas individuais em profundidade e em testes projetivos.

O tratamento qualitativo da presente pesquisa deu-se pela estruturação e análise das entrevistas e documentos fornecidos pelos órgãos, para prover a pesquisa de informações que auxiliem na resolução do seu problema, para verificar se a região em estudo oferece condições para o Turismo Sustentável, com o apontamento de características essenciais para tal fim e dos problemas apresentados sobre a realidade das localidades em estudo.

## **5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS**

### **5.1 CARACTERÍSTICAS DETERMINANTES QUE EVIDENCIAM O POTENCIAL DO TURISMO SUSTENTÁVEL :**

A região em estudo foi composta por quatro partes: Freguesia do Ribeirão, Costeira do Ribeirão, Caieira da Barra do Sul e Naufragados ,que estão localizadas no sul da Ilha de Santa Catarina.

#### **5.1.1 Características históricas e culturais:**

O Ribeirão da Ilha é considerado um dos poucos lugares do litoral de Santa Catarina que conserva muito, os traços da colonização açoriana. Um passeio até a praia é uma volta aos costumes e cultura açorianos. Logo quando se chega, percebe-se os traços definidores desta cultura ainda preservados de forma original e intensa. Segundo o ex-governador Esperidião Amin, o Ribeirão é a região menos “adulterada” em termos culturais, ou seja ela realmente preserva muito de sua raiz e cultura. E que é fundamental para o turismo. As pessoas da comunidade do Ribeirão aliada ao cenário natural desse lugar é o que o Ribeirão possui de melhor para oferecer aos visitantes.

Um traço marcante da cultura açoriana são as casas que formam um verdadeiro patrimônio da arquitetura histórica da colonização. Além disso, chama atenção de quem passa, são mulheres que ficam debruçadas na janela, apreciando o movimento do lado de fora, ou conversando com suas amigas que passam por ali. E enquanto isso, seus maridos pescadores, trabalham para o sustento da casa. E isso é possível ser observado, olhando para o mar, do outro lado da rua, eles puxando as redes na praia para trazer peixe fresco para casa. É um cenário bucólico, que certamente chama atenção de muitos visitantes.

A impressão deste lugar, é que parou no tempo, pois conserva muito de sua herança histórica e cultural, o que torna, essa região, muito encantadora. A maioria da população tem origem açoriana e ainda preserva a tradição e hábito de seus ascendentes, tal como a pesca, a colheita de ostras na pedra e a confecção de canoas artesanais.

A vocação turística da Ilha de Santa Catarina está consolidada, não só pelos inegáveis atrativos naturais, mas também pelas edificações históricas preservadas, com seu valor cultural, que poderão ser uma alternativa para o prolongamento da permanência de visitantes na região.

### **5.1.2 Características Sociais**

Numa pesquisa realizada por Ouriques (1998), mostrou que 97,33% dos entrevistados achavam que o turismo é muito importante para Florianópolis, o que leva a crer que o povo florianopolitano é extremamente receptivo e tem consciência dos benefícios que a atividade turística pode trazer. Nesta mesma pesquisa, são colocados os principais motivos alegados para tal tema:

- a) o turismo atrai investimentos para Florianópolis;
- b) além do emprego público, é uma das únicas opções de emprego, pois a cidade não possui indústrias;
- c) a cidade tem vocação natural e histórica para tal;
- d) forma menos poluidora de progresso e que gera empregos e traz recursos financeiros para o município;
- e) atividade muito lucrativa, principalmente no verão, onde boa parte da população tira seu sustento, constituindo também grande oportunidades para comerciantes diretos ou indiretos.

Por outro lado, ela acusou que 2,67 % restantes, considerou que o turismo não era importante pois essa atividade só enriquecia o comércio, e com isso, só uma parcela da população se beneficiaria com isso, aumentaria os problemas ambientais como por exemplo a poluição e o desmatamento e o que o turismo só reforça as deficiências da cidade em todos os sentidos: trânsito, custo de vida, limpeza e conservação.

No Ribeirão da Ilha, observa-se uma população que, ao mesmo tempo sabe da importância do turismo, tem receio de uma invasão de turistas que comprometam a tranquilidade do lugar. Por isso, é essencial a participação dessa comunidade no planejamento turístico, para que a comunidade se insira neste contexto, podendo usufruir dos benefícios do turismo, e sugerindo soluções para que os aspectos negativos sejam minimizados ou que não ocorram, como a falta de tranquilidade ou descaracterização da cultura local. Essa participação favorece a integração da população autóctone com o turista, evitando o “*Des-encontro*”, descrito por Krippendorff (1989) no início desse estudo.

A antiga moradora do Ribeirão, Nilza de Souza Damásio, de oitenta e cinco anos, se declara apaixonada pelo lugar. Mãe de quatro filhos, ela se assume “manezinha da ilha” com maior orgulho. Segundo ela, existem noventa e oito viúvas, que apesar da idade, são jovens de espírito e nos traços açorianos. O manezinho da ilha, é o nome dado ao povo da ilha de Santa Catarina, que ainda conserva muito da tradição e cultura, com sotaque próprio, que é uma rica herança antropológica desta Ilha cheia de magias.

Algumas pessoas ignoram a importância desse “morador- atração”, e acabam inferiorizando, rotulando como um ser sem valores civilizados, instrução e informação, ao invés de valorizar essa figura tão fundamental para Florianópolis, que poderia ser explorada, no bom sentido, para várias atividades, principalmente o turismo, tal como fazem os gaúchos e baianos, quando expõe suas figuras preciosas. Sua origem é do século XVIII, quando chega a Santa Catarina, uma população que não era portadora da cultura européia, mas presa a

símbolos e contextos do século XV, da ilha dos Açores, arquipélago que vivia tão isolado que havia um descompasso entre a cultura a ilha e a do continente, um atraso em relação ao país no acesso a bens materiais e culturais.

A moradora revela ainda que, em 1720, José Vargas Rodrigues, veio da Ilha de Açores de Portugal com caravelas para a Freguesia. Este português trouxe com ele, mais trinta escravos e muitos pombos correios, para se comunicar com sua pátria. Numa de suas cartas enviadas à Europa, ele anunciava aos açorianos sobre a terra que havia conhecido, convidando-os para conhecer a região, que tinha fartura de terra e peixes. Rodrigues, trouxe de lá, a imagem de Nossa Senhora da Lapa, padroeira da localidade, e os altares para a igreja. Segundo essa antiga habitante do Ribeirão é o maior patrimônio barroco e todo de ouro do Ribeirão. D. Nilza reforça a necessidade de manter as tradições dos colonizadores.

Ela aceita também as novas mudanças que ocorreram para melhor, como por exemplo, a troca da pescaria pelo cultivo de ostra, que segundo ela, vieram para salvar os pescadores. Ela diz que hoje o Ribeirão é quase uma cidade, no sentido de melhorias de infra-estruturas que não haviam no tempo em que ela era criança. Também coloca que os turistas ajudaram o Ribeirão a “enriquecer”, e que trouxeram muitos benefícios para a comunidade, reforçando os aspectos positivos do turismo.

Essa população da terceira idade que reside no Ribeirão e preserva muito da cultura, tal como D. Nilza, são verdadeiros artistas que compõe e cantam melodias homenageando o Ribeirão e produzem artesanatos da cultura açoriana, e isto se torna um forte atrativo para o turista da terceira idade, segundo o ex- governador do Estado de Santa Catarina.

Muitos moradores dividem seu tempo entre o trabalho formal e a maricultura, a criação de ostra é uma alternativa para aumentar a renda e um lazer. Muitas vezes, essa atividade foi passada de pai para filho. Um morador ressaltou que na última temporada, sua renda familiar, ganhou um reforço de seis mil reais, e que, para garantir a produção anual de

quinhentos mil ostras, ele trabalha pesado, mas sua labuta diária é compensada pela natureza em sua volta e o silêncio da Freguesia, onde é possível sentir o barulho do vai e vem das águas, e o canto dos pássaros.

### **5.1.3 Características gastronômicas : A ostra como produto gastronômico turístico e o fomento da maricultura**

Antes relegada a segundo plano, a gastronomia é hoje um dos maiores atrativos para os turistas, que, conforme dados da SANTUR (2003), chegaram a quinhentos mil na última temporada de verão. Até o início da década de 90, havia basicamente um tipo de lugar para comer: o simples, especializado em peixes e frutos do mar, quase sempre localizado nas imediações das praias e dos pontos turísticos. Em 1995 começaram a surgir cozinhas comandadas por chefs interessados em explorar ingredientes e inovar. Reunindo os dois tipos de casa, Florianópolis oferece bons atrativos aos turistas que apreciam os prazeres da mesa. Segundo o ex-governador do Estado de Santa Catarina e atual professor da Universidade Federal, a gastronomia é um dos principais fatores que fazem o visitantes retornar ao local turístico.

Segundo o proprietário do Complexo turístico Ecomuseu, seu empreendimento foi um dos pioneiros, no ramo de hospedagem e gastronomia, que começou para atender uma pequena demanda do museu que gostariam de permanecer no Ribeirão, e que para tornar seu empreendimento completo, introduziu o restaurante, segundo ele, o único de Florianópolis de comida essencialmente açoriana.

Esse atrativo gastronômico (casas especializadas em servir ostras e mariscos) é muito procurado pelo turista, e essa opção vem crescendo em diversidade graças ao fato de o Estado ser hoje o maior produtor brasileiro desses moluscos .

Segundo informações da Prefeitura Municipal de Florianópolis (2003), a ostra é apreciada como alimento há 2500 anos pelo mundo, mas no Brasil, começou a ser cultivada na década de setenta. E somente no final da década de oitenta, ela começou a compor o cardápio dos catarinenses. Desde então, a reprodução delas vem sendo feita no litoral catarinense com o auxílio do Laboratório de Cultivo de Moluscos Marinhos da Universidade Federal de Santa Catarina, e que é o único que produz, esse tipo de semente.

Hoje, Florianópolis, é a capital que possui a maior produção de ostra do Brasil. A cidade produz quinhentos e setenta mil dúzias desse molusco, cerca de oitenta por cento da produção nacional, compondo 1,15% do PIB catarinense.

A maricultura em Florianópolis, é uma atividade que envolve o cultivo de ostras e mexilhões e possui, mais de duzentos produtores cadastrados, e gera um total de aproximadamente quatrocentos empregos diretos e mais de dois mil, indiretos.

A criação do Festival da Ostra e da Cultura Açoriana, em 1999, fez com que essa atividade começasse a ter uma força maior devido a divulgação marcante, enobrecendo o produto. E assim a ostra catarinense passou a ter um diferencial marcado pela qualidade. Esse mercado está crescendo de forma rápida, criando oportunidades para empreendedores quanto para a geração de empregos.

Essa atividade é fundamental para aliar o desenvolvimento sustentável ao turismo, pois estamos no terceiro milênio, e há uma grande necessidade de geração de oportunidades de trabalho e renda, para fazer face ao elevado contingente de pessoas excluídas do sistema produtivo tradicional, quer pela introdução de novas tecnologias, quer pelos modernos modelos de gestão e outras conseqüências de competitividade global, que concorrem para originar o desemprego estrutural. Neste contexto, pode-se dizer que o mar é uma fonte de recursos, que não só se tira, mas que também se produz ou cria. Logo, a maricultura é uma

atividade estratégica para o desenvolvimento sustentável, pois além de gerar empregos, como já foi citado, ele possui uma reserva de alimentos saudáveis e nutritivos.

Quadro 5: Diagnóstico da maricultura na região

INFORMAÇÕES		BAIA SUL	BAIA NORTE	FPOLIS	GOV. CELSO RAMOS	PALHOÇA	SÃO JOSÉ	BIGUAÇÚ	TOTAL REGIÃO
Áreas de Cultivo	nº	27	23	50	23	21	4	5	103
Área do Parque Aquícola	ha	64,4	28,49	92,9	104,5	102	72,35	3,2	472,95
Produtores de Mexilhão	nº	50	19	69	330	125	62	2	588
Produtores de Ostra	nº	44	20	64	12	8	16	-	100
Maricultores	nº	84	25	109	318	125	78	2	632
Pessoas que trabalham diretamente na atividade	nº	168	50	218	660	350	138	4	1.370
Associações	nº	1	1	2	1	2	2	-	7
Associados	nº	130	30	160	80	120	71	-	431
Produção de Mexilhão "in natura"	ton	351,9	58,4	410,3	2.600	2.800	50,0	-	5.860,3
Produção de Ostras	dz	388.240	175.620	563.860	7.000	111.500	-	-	682.360
% em Relação a Região (Mexilhão)	%	6	1	7	44	48	0,85	-	-
% em Relação a Região (Ostra)	%	56,8	25,7	82,63	1,0	16,3	-	-	-

Fonte: EPAGRI-EMAPA

Neste cenário a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina, tem-se empenhado para fortalecer as instituições que auxiliaram na criação desta atividade, cresceram com ela e tem demonstrado competência e responsabilidade para continuar a frente deste processo permanente de desenvolvimento sustentável.

5.1.4 Características Naturais (Atrativos Naturais)

Conforme dados obtidos do IBGE, a Ilha de Santa Catarina tem uma forma alongada no sentido norte/sul, com uma dimensão aproximada de cinquenta quilômetros por dez quilômetros. Situada paralelamente ao continente, é separada por um estreito de quinhentos metros de largura, com uma profundidade média de vinte e oito metros, formando duas bacias: norte e sul. A área do relevo, voltada para o continente (costa oeste), apresenta



abundância de planícies, onde aparecem os mangues. Do outro lado do Atlântico, o declive é mais íngreme e proporciona a acumulação de areia (dunas e praias muito extensas).

Os turistas apontaram o Ribeirão, como um dos lugares mais bonitos de Florianópolis, e que alguns se apaixonaram tanto pela beleza do local, que sonham no dia em que ali possam morar. O fato de estar cercado por muitos morros e vegetação, propicia aos visitantes uma sensação de bem-estar o tempo todo, que ajuda a esquecer o estresse da vida urbana, relatado por vários turistas que visitavam o Ribeirão.

#### 5.1.4.1 Praias

São costas baixas de acumulações arenosas ou argilosas, que sofrem o processo de regressão do mar e apresentam características diversas. Serão classificadas pela paisagem onde se situam, algumas podem estar agrupadas e outras isoladas, mas cada uma com suas peculiaridades próprias. Como localização, podem estar em perímetro urbano ou não, ou podem se inserir em um conjunto de balneários.

##### A) Praia de Naufragados

É uma praia primitiva, quase deserta, com pouca infra-estrutura e procurada por adeptos do camping selvagem. É necessário fazer uma caminhada de 3 km de subida de morro ou alugar uma baleeira na praia da Caeira da Barra do Sul, para se chegar até Naufragados. Fica localizada no ponto mais extremo sul da Ilha. Apresenta águas limpas, frias e mar bravo. Uma boa opção para uma aventura. Ela possui mil e quatrocentos metros quadrados.

Esta praia está em área de preservação do Parque Estadual do Tabuleiro, e merece um certo cuidado, por possuir algumas restrições ambientais, mesmo assim existem algumas construções descaracterizando a paisagem.

O nome da região, se deu, pelo episódio que aconteceu com um grupo de imigrantes açorianos que, em 1753, seguindo determinações da corte portuguesa, partiriam em dois

navios para o Rio Grande do Sul. Uma tempestade inesperada ocorreu na Costa da Ilha de Santa Catarina, e dos duzentos e cinquenta colonos, só setenta e sete escaparam com vida, dos quais uma parte continuou na Ilha e o restante seguiram para Laguna e Rio Grande do Sul.

O caminho até Naufragados é bastante utilizado por muitas pessoas que moram em Florianópolis e turistas. Este caminho foi feito quando houve a inauguração do farol, no costão direito da praia, em 1861. A partir dessa época, famílias migravam para a região, e além disto foi construído um engenho, que abriu os primeiros roçados na mata. Alguns empreendimentos coloniais que conseguiram sucesso na época fez com que muitos escravos fossem trazidos para ali trabalhar. Hoje, sobraram as ruínas para confirmar a história, que ainda podem ser observadas à margem da trilha. Muitas melhorias foram feitas neste caminho, pela necessidade surgida com o aumento de visitantes, e podem ser percebidas através, por exemplo, no traçado do caminho, degraus e valos de drenagem. Porém ainda não é o ideal para a exploração turística, pois não há sinalização que atraia e facilite aos turistas, o que compromete a visitação. É possível que o visitante não enxergue a entrada da trilha. Não há nenhum posto de informação turística e nem um tipo de segurança. Essas limitações comprometem esta rica região, o que poderia ser solucionado com placas “chamativas e convidativas” mostrando a entrada, com placas contando sobre história, geografia e população local dessa localidade.

A trilha até Naufragados reúne grande parte dos atrativos procurados pelos adeptos do ecoturismo e Turismo Científico. Existe a presença da exuberante Mata Atlântica com percurso sem grandes dificuldades, monumentos históricos e uma história marcada por tiros de canhões e um naufrágio. São cerca de cinquenta minutos de caminhada, percorrendo os dois morros que separam a Caieira da Barra do Sul, última comunidade da Baía Sul e Naufragados.

A Praia de Naufragados se estende desde a ponta de Naufragados até a Ponta do Frade, formando uma grande enseada, em grande curva aberta para o Oceano Atlântico, tendo à sua esquerda, as Ilhas Três irmãs e a dos Moleques do Sul, proporcionando um encantador visual. Integra o território do Distrito do Ribeirão da Ilha, sendo a estrada que lhe chega próximo, distando 4 km de caminho pela floresta, a Rodovia Baldicero Filomeno, a principal rodovia do Ribeirão e do Sul da Ilha. Naufragados é uma longa e larga faixa de areia, tendo quase ao centro, a foz de uma Cachoeira, que também recebe o nome de Cachoeira dos Naufragados.

#### Quadro 6: Praia de Naufragados

##### **Descrição Física**

Areia e fina e branca, águas de mar alto com ondas largas e fortes, especialmente quando sopra o Vento Sul.

##### **Dimensões**

Extensão - 1.450 metros

Largura - de 15100 metros

##### **Usos e Costumes**

Ir à Praia dos Naufragados é um passeio ecológico dos mais fascinantes e inesquecíveis. É poético e salutar. É a principal atividade no local, turismo ecológico através de suas trilhas de acesso e vagar pelos morros, visitar o farol e retomar de baleeira. Muito utilizada para a pesca, especialmente de tainha através da rede de arrasto, cercada ao mar e puxada, com milhares de peixes para a terra. No local, há pequena estrutura de serviços e, sofre ameaças de alguns posseiros e invasores, ou mesmo proprietários legais, constroem prédios clandestinamente, estando pela falta de um projeto técnico, a mutilar o ambiente e o ecossistema, e todo o complexo dos Naufragados. Junto à Ponta dos Naufragados, próximo ao Farol (1871), uma Bateria de canhões (1914), mantida e fiscalizada pelo Exército Nacional, que por isso, mantém, no local, alguns soldados e graduado, permanentemente. Na Ilha de Araçatuba, na entrada da Barra, há uma Fortaleza (1765) Nossa Senhora Conceição da Barra Sul, que a UFSC recém assumiu a administração e restauração para estudos e turismo.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br>, acessado em 30/05/2003

#### B) Praia do Defunto:

É uma pequenina praia muito pouco conhecida. Recentemente, como tem tido utilidade para o embarque e desembarque de passageiros que vão visitar a Barra Sul e Naufragados, de lanchas baleeiras, passou a ser mais, referenciada, algumas vezes como praia do Defunto, e outras como praia do Seu Laguna, ou ainda do Seu Norberto mais ao norte.

### Quadro 7: Praia do Defunto

#### **Descrição Física**

Tem forma de um pequeníssimo saco, que teria aplicação tão somente para entrada e saída de barcos. Suas águas são claras e muito mansas, areia fina e fundo de declive suave. É cercada por dois costões de pedras, com porte, agigantados. É de difícil acesso, e, antes dela existem duas outras pequenas que compõem o conjunto do defunto, sendo a primeira, a do Seu Norberto a mais usada pelos barcos de passageiros.

#### **Dimensões**

Extensão – 60 metros

Largura – de 0 a 5 metros

#### **Usos e Costumes**

No caminho de acesso à praia, aliás muito estreito e íngreme com difícil trânsito de veículos, existem cerca de oito casas de veraneio, e uma de morada fixa com criação de gado, cultivo de mandioca, e engenho de farinha. A área contígua esta incluída na Reserva do Tabuleiro, tendo o zelador do parque, residência fixa no local.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> , acessado em 30/05/2003

### C) Praia do Seu Norberto:

É uma pequena e estratégica praia, também muito tranqüila e esteve sempre aberta à entrada e saída de embarcações de pescadores. Sua denominação acompanha o nome de antigo morador e proprietário da praia. O Seu Norberto já é falecido e muito pouco lembrado por quem utiliza esta praia. Realmente foi prática dos antigos açorianos se considerarem proprietários de praias (aliás isto está confirmado em algumas antigas escrituras) e por isso, essas tomavam o nome do seu possível proprietário

Segundo se constatou, o Seu Norberto, falecera antes da década de sessenta e suas antigas terras estão hoje divididas entre vários herdeiros, o que restringiu o acesso a praia onde há um estreito e pequeno caminho dificultando seu uso por um maior público.

### Quadro 8: Praia do Seu Norberto

#### **Descrição Física**

É uma praia de baía (Baía Sul) em mar intermédio e próximo da Barra do Sul. Tem aprofundamento suave ao mar, areia amarelo claro, de textura média, com algumas pedras de diversos tamanhos e no seu canto direito deságua um pequeno riacho desenhando um bonito panorama e tornando-a muito agradável. Situa-se entre a Praia da Caieira da Barra do Sul e a Praia do Defunto. Seu desenho é de um pequeno saco.

#### **Dimensões**

Extensão - 42 metros

Largura de 3 a 15 metros

#### **Usos e Costumes**

Tem três utilidades básicas: primeiramente como porto para as baleeiras que transportam turistas com destino a naufragados e ou passeios marítimos; em segundo como local de recreio para banhistas, camping e apoio para a pesca submarina e em terceiro para práticas de pescadores artesanais ou mesmo amadores de pescaria em alto mar, partindo para as Ilhas das Três Irmãs, Moleques do Sul e outras.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> , acessado em 30/05/2003 às 7:35

#### D) Caieira da Barra do Sul:

A Caieira é uma região de construções simples e muito simpáticas, e um pedaço de sua estrada é de paralelepípedo e barro. O panorama é o lado oeste da Ilha, em direção ao continente, com águas muito calmas e quentes, torna-se ideal para passeios de barco, caiaques, pedalinhos, barcos à vela, windsurf, etc. Além disso, é um bairro ideal para uma volta de carro com paradas em recantos juntos do mar.

Caieira é a denominação que se dava ao processo de produção da cal originária de conchas marinhas. As conchas, matérias-primas, eram recolhidas, trituradas e queimadas em fornos, e isto foi uma atividade econômica por muito tempo na região, junto com os engenhos de farinha, açúcar e cachaça. Essa é uma denominação bastante freqüente, não só aqui mas em muitos outros lugares.

A pesca nunca foi o forte da Caieira, porém as suas praias são pontos de partidas para lanchas e baleeiras que vão pescar em alto mar, geralmente nas Ilhas Irmãs e Moleques do Sul.

#### Quadro 9: Praia da Caieira da Barra do Sul

##### **Descrição Física**

Seu traçado de praia, em linha curva suave, tem início na Ponta da Caieira e termina na Ponta do Caetano. É uma Praia de areia fina, em grande baixio, pois o aprofundamento é muito lento e prolongado até cerca de cem metros, mar adentro, facilitando a entrada e saída de embarcações, sendo também, muito segura para banhos de mar e a pesca com redes de arrastão, especialmente para tainha. Apresenta pequenas formações de dunas, e um estuário de uma cachoeira denominada de Cachoeira Grande, que nasce no morro fronteiro. Tem águas límpidas e mansa, embora, localizada na saída da Barra ao Sul da Ilha de Santa Catarina e no Distrito do Ribeirão da Ilha.

##### **Dimensões**

Extensão - 860 metros

Largura de 2 a 40 metros

##### **Usos e Costumes**

Mesmo tendo tido, outrora, função para a pesca, tem hoje utilidade para balneário e entrada e saída de barcos que partiam para pesca em alto mar, ou para visitas, por meio de baleeiras, à Praia dos Naufragados e à Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição da Barra Sul. Seu acesso é feito pela Rodovia Baldicero Filomeno, e tem boas condições de tráfego, mesmo tendo muitos trechos, não pavimentados. É também, o caminho natural para Naufragados.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br>, acessado em 30/05/2003

### E) Praia Grande:

É uma praia com poucos dados históricos referenciais. Ela integrava o conjunto do Saco da Caieira da Barra do Sul, sendo o primeiro segmento da Praia da Caieira até a Ponta da Caieira.

Posteriormente, para diferenciá-la da outra praia, passou a ser chamada de Praia Grande ou Praia do Seu Pedrinho, dono de um armazém na localidade. Nos mapas consultados, o nome de Praia Grande, vem aparecer apenas na década de sessenta. No Mapa de Bellegarde, foi encontrado um outro nome, desconhecido pela comunidade do Ribeirão, de Praia do Sítio Velho, que pode ser justificado pela presença de duas antigas casas coloniais, de grande porte, e de proprietários rurais constituindo um grande sítio.

### Quadro 10: Praia Grande

#### **Descrição Física**

É uma bela praia, de areia fina e branca, com algumas formações de Dunas, e chegada de alguns córregos. Rodeiam-na um Morro com exuberante vegetação que integra a Reserva Florestal da Mata Atlântica. Entre a estrada e a praia, por cima das dunas, existe uma vegetação, pequenos arbustos, com muitas pitangueiras, dando-lhe muita sombra. O mar é límpido e calmo, com característica intermediária entre o mar grosso e o mar manso, pois está quase ao término da Baía Sul. Seu porto inicial fica na Ponta do Sinal, e termina na Ponta da Caieira, onde se localiza uma bela vivenda colonial do século XIX. Tanto em seu começo, como ao final, desembocam córregos de caudal expressivo, ou cachoeiras, como são designados, pelo povo.

#### **Dimensões**

Extensão - 1.000 metros

Largura - 8 a 40 metros

#### **Usos e Costumes**

Tem como principal função ser Balneário, e secundariamente, como veraneio, ou residências temporárias, muita embora possua uma população fixa, em trono de 600 habitantes. Tem infra estrutura para acampamento – Camping, com alugueis de áreas e de Barracas, sendo bastante freqüentado. É utilizada, raramente, como praia de pesca e entrada e saída de embarcações.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br>, acessado em 30/05/2003

### F) Praia da Sinhá ou da Ponta do Poço

Esta praia, diferentemente das outras, possui essa denominação, não em relação a uma pessoa como pode aparentar, e sim pelo tratamento popular de senhora, ou moça (Sinhá-Moça), traduzindo-se em uma praia de uma encantadora beleza, tal como as Sinhás da época. Aliás, o nome primitivo da praia era Praia Linda, ou seja, bela como uma sinhá.

A peculiaridade da praia e o fácil acesso ao mar pela nova estrada que passa encostada, contribuiu para que atraísse muitos compradores de terrenos, que passaram a edificar cerca de três dezenas de casas de veraneio, hoje existentes, trazendo movimento à região.

#### Quadro 11: Praia da Sinhá ou da Ponta do Poço

##### **Descrição Física**

Não se trata, na verdade, de uma praia contínua, porém um conjunto de pequenos pedaços arenosos e misturados com muitas pedras, em pequenas pontas para dentro do mar, e mais um conjunto de rochas espalhadas dentro d'água, formando uma praia diferente das convencionais, daí, talvez, a denominação de Praia Linda ou da Sinhá. Desenha-se, a praia, entre as Pontas das Pombas e do Poço, considerando a direção Norte para o Sul. Sua areia, tende para ser fina, pois, está mais próxima da Barra do Sul, recebendo impactos mais significativos das variações de marés e das correntes marinhas, em função do canal da referida barra. Possui muitas pedras e muitas algas, que o povo chama de limo, e por isso suas águas facilmente se turvam deixando as areias com muito material orgânico, na maioria de origem marinha.

##### **Dimensões**

Extensão - 950 metros

Largura - muito pouco definível, entre os diversos trechos de areia, pois, normalmente as marés, quando na cheia, cobrem toda a costa e indo até as áreas com gramíneas, ou muros de aterro, para nivelamento de terrenos confinantes. São casas de veraneio que fazem fundos para a praia, numa forma de invasão para dentro do mar. Existem, também, algumas rampas para entrada e saída de barcos, nos galpões.

##### **Usos e Costumes**

Primitivamente, teve sua função totalmente voltada para a pesca, que não existe no local, a não ser, amadoristicamente.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br>, acessado em 30/05/2003

#### G) Praia de Fora ou da Ponta Caiacangaçu

O topônimo Praia de Fora - é muito utilizada em todo o Brasil com o objetivo de determinar a posição geográfica de uma praia secundária, em relação à uma outra, considerada a principal.

## Quadro 12: Praia de Fora ou do Caiacangaçu

### **Descrição Física**

Tem características de um baixio, semi cascalhado, e areia relativamente grossa, com águas as vezes bastante turvas, especialmente quando sopra o Vento Sul. Descreve um curva bem suave e longa e tendo vários aglomerados de pedras, com características de pequenas ilhas, algumas com vegetação rasteira e pobre. A vegetação costeira, constituída de gramíneas, chega, em alguns trechos, a penetrar no mar, infiltrando-se pela areia e deixando-se banhar pelas mares, em elevação. Limita-se, ao Norte na Ponta de Caiacangaçu, e ao Sul, com a Ponta do Nuta, ou do Nildo, ou do Nilton.

### **Dimensões**

Extensão - 1.200 metros

Largura - 0 a 11 metros

### **Usos e Costumes**

Tradicionalmente é uma praia de pescaria: berbigão, ostras, conchas diversas, siri e peixe de caniço, peixe muito miúdo como, corcoroca, canhanha, xerelete, papa terra, curvinote, etc. Também serviu (e ainda serve), como caixa de empréstimo de material cascalhado para aterros e cobertura de pisos. Serviu, inclusive, para alimentar caieiras. Hoje, com o avanço do turismo, especialmente o local, com casas de veraneio, adquiri as funções de balneário e recreio. Seu panorama é muito bonito e tranquilo, águas calmas, só agitáveis com o vento sul. É um sítio arqueológico, onde foi encontrado farto material fóssil pertencente a grupos tribais.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> , acessado em 30/05/2003

### H) Praia da (ou do) Caiacangaçu

Caiacangaçu é uma expressão do tupi-guarani que quer dizer ponta de terra tendo uma cabeça grande, e cuja a cabeça seja parecida com a cabeça de um macaco. O sufixo açu, corresponde a grande, pois, esta ponta é uma reprodução da Caicangamirim, ao Norte. Há dúvida quanto a grafia, se é dá , de ou do Caicangaçu, pois se trata de uma ponta (feminino) ou praia, porém, popularmente, é mais falado praia do Caiacangaçu.

A praia fica ao lado Norte da Ponta, guarneecendo-a, e é hoje propriedade de uma única pessoa, embora tenha um pedaço, bem na costa, ocupada por outros proprietários, e freqüentada em todo o seu percurso, por pescadores e banhistas.

Trata-se, a área de praia e a ponta de terra e vegetação existente, aqui incluindo também a Praia de Fora, a seguir descrita, de um "Sítio Arqueológico", Patrimônio Nacional e reserva da cultura dos Carijó, e com política de preservação permanente.



### Quadro 13: Praia do Caiacangaçu

#### **Descrição Física**

É uma praia de excelente formação de areia e mar suave, integrando a Baía Sul da Ilha de Santa Catarina. Está localizada no Distrito do Ribeirão da Ilha, e nas proximidades do quilometro 12 da Rodovia Baldicero Filomeno. Está protegida contra o vento sul e aberta aos ventos do norte. É uma praia de águas limpas e fundo arenoso, com raros depósitos de lodo. Oferece condições boas para a pesca e partida de barcos para esporte, passeio e pesca pela Ponta da Caicangaçu e Naufragados.

#### **Dimensões**

Extensão – 1.100 metros.

Largura - 2 a 30 metros

#### **Usos e Costumes**

Além das atividades de pesca de mar, pratica-se a pesca de praia, como do siri e conchas, ou ainda de linha e redes diversas. Seu uso, principal hoje em dia, é como praia de veraneio e turismo, pois, muitos são os freqüentadores, muito embora, tenha dificuldades de acesso.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> , acessado em 30/05/2003

#### I) Praia da Costeira do Ribeirão

A comunidade da Costeira do Ribeirão da Ilha é muito antiga e resulta, desde 1760, da colonização açoriana do século XVIII. Teve moradores e filhos ilustres, dentre eles, Marcelino Antônio Dutra, que foi considerado o " Poeta do Prejo" e o primeiro escritor catarinense a publicar um livro. Tem hoje, a costeira do Ribeirão, vários descendentes de poetas, políticos e importantes escritores da literatura catarinense. Primitivamente foi o habitat dos índios do grupo Carijó.

Em sua área, existem muitas construções antigas, sendo a principal o Colonial, de dona Cotinha (Falecida em 1978), que é um bem tombado pelo Patrimônio Nacional.

O nome Costeira é devido à uma configuração da orla marítima com vários, segmentos junto ao mar e, com algumas pedras.

Uma opção para a melhoria estética é a mudança dos pisos das praias e praças, colocando ladrilhos com desenhos da cultura açoriana ou mesmo os mariscos oferecidos pelo lugar. Além disso, duchas deveriam ser colocadas para conforto dos banhistas, mesmo que cobrado um pequeno valor.

#### Quadro 14: Praia da Costeira do Ribeirão

##### **Descrição Física**

Seus limites são: ao Norte no quilometro 11 da Rodovia Baldicero Filomeno, e ao Sul com a Ponta do Morro do Céu no Canto da Nogueira ou na casa da dona Natalícia. É uma praia dividida em dois trechos, através de uma elevação mais ou menos nos primeiros seiscentos metros para o sul, e nela deságuam vários riacho, dando-lhe um colorido diferenciado. Possui águas claras e mansas e profundidade normal em declive suave, com a pequenina e bela Capela de São José bem defronte ao meio da praia. Suas características, são ajustadas naturalmente para entrada e saída de barcos e para banhos de mar. Em toda a sua extensão, oferece um belo panorama do mar e do continente fronteiras. O canto terminal foi designado de Morro do Céu por ser o morro, muito alto e íngreme (hoje foi recortado para dar andamento à rodovia) e Canto da Nogueira, por ter no local, uma árvore, pé de noz, muito grande e antiga.

##### **Dimensões**

Extensão - 1350 metros.

Largura - 3 a 18 metros.

##### **Usos e Costumes**

Tradicionalmente foi praia de serviços, isto é, pesca, pois permite a utilização de arrasto e diversas outras formas de pescaria. Foi também ponto de apoio para o transporte marítimo de passageiros e carga. Hoje é praia de lazer, turismo, balneário e pesca. Como é uma praia aberta, e junto à rodovia tem fácil acesso ao público, e, por isso, bastante freqüentada. As Casas de Veraneio, na maioria, ficam do outro lado da Rodovia, necessitando, os usuários, atravessar a mesma, para alcançarem o mar.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br>, acessado em 30/05/2003

#### J) Praia do Seu Lino Cunha

É uma praia sem muita tradição ou referências, não tendo história. É contudo anotada pela população local como indicativo de moradores e outras referências geográficas. Na verdade é um trecho composto por quatro pequeninas praias e seis costões de pedras em barranco íngreme. Seus nomes, com se percebe facilmente, derivam de moradores que passaram pela região (aliás, todos já falecidos), sendo o mais antigo, o Senhor Lino Cunha.

#### Quadro 15: Praia do seu Lino Cunha

##### **Descrição Física**

Inicia-se, como se disse no histórico, no marco de 10,6 km, e termina no km 11, da Rodovia Baldicero Filomeno. As suas quatro pequenas praias, são constituídas em mar interno, baía, águas calmas e levemente turvas, com areia amarelada e manchas cinza, textura média e de fundo do mar lodoso.

##### **Dimensões**

Extensão - 400 metros

Largura - 1 a 8 metros

##### **Usos e Costumes.**

Foi, e ainda é, utilizada como apoio para a entrada e saída de embarcações, para o mar, em atividade de pesca e de passeio. Foi, também porto de embarque e desembarque de passageiros em épocas quando a comunidade não contava com estradas. Hoje em dia, constituem-se em área de lazer, nada mais, e quase que particulares pois, não tem fácil acesso ao público.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br>, acessado em 30/05/2003

## L) Praia do Seu Ernesto

Pode-se dizer que, historicamente, esta praia pertencia a Praia do Itaqui, mas se configura por uma outra totalmente independente que característica bem diferentes da Praia de Itaqui.. E acabou sendo designada pelo nome do morador mais próximo e mais conhecido.

Somente nos tempos atuais, a partir da década de cinquenta, é que começa a ter uma aplicação mais geral ao público e só então passa a ser chamada pelos diversos nomes. A opção pelo nome do Senhor Ernesto Vieira, falecido em 1968, é uma consolidação e homenagem ao principal e mais conhecido morador desta praia e onde deixou uma grande descendência.

### Quadro 16: Praia de Fora ou do Seu Ernesto

#### **Descrição Física**

A Praia do Seu Ernesto tem início junto a Ponta do Museu, uma forte e majestosa estrutura de pedras penetrando ao mar, ao Sul da Praia do Itaqui que vai até às Pedras do Seu Lino Cunha ou do Júlio Capenga. É uma praia de baía, no Distrito do Ribeirão da Ilha, com águas mansas e rasa, com fundo lodacento ao norte e melhorando para o sul. Areias claras para acinzentado até a saída do Riacho do Júlio e clareia para o lado sul. É hoje uma praia de recreio e de pesca. Três pequenos riachos deságuam nela e suas águas estão em normais condições de balnearidade.

#### **Dimensões**

Extensão - 508 metros

Largura de 3 a 25 metros

#### **Usos e Costumes**

A primeira parte da Praia ao norte tem aplicação para entrada e saída de embarcações, para a pesca do siri ou recreio de praia. Banhos de mar somente ao sul e está tendo regular presença de público. Aos poucos ela vai sendo fechada ao acesso popular pelo cercamento das propriedades que ficam entre ela e a Rodovia Baldicero Filomeno.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> , acessado em 30/05/2003

## M) Praia do Itaqui

A Praia do Itaqui está dividida em cinco lances, o maior e mais adequado à utilização geral, com 630 metros, que é o terceiro segmento da direção Norte/Sul limita-se entre a foz da Cachoeira da Sinha Oliva e a Ponta do Museu, e recebe a denominação genérica do verdadeiro nome, muito embora é identificada por Praia do Seu Nereu, que possui um complexo turístico no local (pousada, restaurante e museu)

A palavra “ITAQUI”, vem do tupi-guarani (Carijó), sendo assim uma denominação das mais antigas da Ilha de Santa Catarina, e significa, pedras pequenas sobre o mar, ou para o

mar. Esta é a figura geográfica, uma ponta de pequenas pedras mar a dentro, que recebeu, dos indígenas, o nome de Itaqui. É uma bela designação como é também possuidora de muita beleza em todo o desenho visual da Ponta do Itaqui.

#### Quadro 17: Praia do Itaqui

##### **Descrição Física**

A Praia do Itaqui, tem início junto ao lado Sul da Ponta do Itaqui (ou do Doutor Ivo) e segue na direção Sul até a Cachoeira do Seu Ernesto. Ela apresenta com cinco divisões feitas, por pequenas pontas de pedras, sendo, o segundo constituído por uma praia bastante aprazível, com muita sombra à beira mar, águas calmas, areia média e clara, com boas características de balnearidade. Os demais segmentos apresentam fundo lodoso e areia semi cinzenta. Em toda a sua extensão existem apenas dois caminhos, e pequenos, de acesso ao público, caracterizando a área como de praias semi-particulares. A Praia do Seu Ernesto, as vezes denominada do Seu Osni que possuiu (ainda em atividade) um armazém no local, filho do Sr. Ernesto, ambos já falecidos, está aberta ao público, pois o Armazém, assim, fica mais ao alcance dos compradores. A venda do Seu Osni, é um marco histórico e referencial da Praia do Itaqui, como é o Museu ou a Propriedade do Professor Nereu do Vale Pereira.

##### **Dimensões**

Extensão – 1.300 metros (incluindo todos os trechos)

Largura de 2 a 22 metros.

##### **Usos e Costumes**

Tradicionalmente a Praia do Itaqui tem a função de praia de pesca, em especial para o camarão branco e médio, que tem período sazonal, ou de safra, entre Janeiro e Março. No período da captura o mar, assim como a praia, ficam repletos de embarcações e tarrafeiros, pois o camarão do Ribeirão é muito apreciado, muito procurado e proporciona bons rendimentos aos pescadores, na maioria amadores ou de complementação de renda familiar. Hoje em dia, é muito freqüentada como balneário, e para a montagem de maricultura tendo ao seu redor, cerca de seis destes pontos de produção de ostras e mariscos.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> , acessado em 30/05/2003

#### N) Praia do Doutor Ivo , Praia da Cruz ou Praia da Toca do Uga

A denominação atual advém do nome do Deputado Ivo Montenegro, já falecido, e que foi proprietário dessa ponta. Foi ele, o primeiro veranista a adquirir propriedade na Costeira do Ribeirão (1951). As outras denominações também podem ser explicadas. Praia da Cruz: os antigos moradores dizem que houve no local, uma cruz identificando que, no local, morrera afogado um pescador. Praia da Toca do Uga é um nome interessante e, dizem, que seu nome era esse, pois havia um animal que se escondia dentro de um poço, aos fundos de uma enorme gruta. O animal atacava todos que da gruta se aproximassem. A gruta, foi destruída com o alargamento e modernização da Rodovia Baldicero Filomeno. Na verdade, "Uga" o verbete identifica o peixe arraia, quando tem grande tamanho, também chamada de "jamanta", sendo, a arraia, peixe freqüente nessa praia.

### Quadro 18: Praia do Doutor Ivo , Praia da Cruz ou Praia da Toca do Uga

#### **Descrição Física**

É uma praia aprazível e pequena. Suas águas são claras e mansas, semelhante a um lago. É sombreada por muitas árvores, e totalmente abrigada do vento sul. Aprofunda-se em suave declive de fundo de mar, e sua areia é clara e de textura média.

#### **Dimensões**

Extensão - 350 metros

Largura entre 2 e 16 metros.

#### **Usos e Costumes**

No passado foi praia de pescadores. Hoje é uma praia semi particular, pois toda a Ponta do Itaqui é uma única propriedade e só alcançável, por terra, com licença especial. Tem uso para recreio e balneário. Alguns maricultores usam-na para irem até sua área de cultivo, que está em frente a praia.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> , acessado em 30/05/2003

### O) Praia do Rita

A Praia do Rita foi conhecida por este nome há muito tempo, segundo diz a tradição, origina-se do nome de um proprietário de terras banhadas pelo mar nessa região e que tinha o nome de Manoel de Rita Maria. Há um longo caminho, aliás uma trilha, que se tomava, por atalhos, até a Costeira do Ribeirão passando pela toca do Uga, local que diziam mal assobrado, e onde apareciam almas do outro mundo e uma linda mulher sedutora de homens.

### Quadro 19: Praia do Rita

#### **Descrição Física**

O trecho da Praia do Rita, vai desde a Freguesia, aos fundos do Centro Social, até a Toca do Uga, ao Norte da Ponta do Itaqui. Constituída por uma série de pequenas praias, que algumas vezes tem nomes de seus moradores, como por exemplo Praia do D'Acâmpora, sem contudo ter confirmação oficial ou mesmo, no domínio popular.

São poucos os trechos com areia, sendo um na Freguesia, outro próximo a Cachoeira do Seu Ari, mais outro trezentos metros após, e outro aos fundos da propriedade dos herdeiros de Oswaldo D'Acâmpora.

#### **Dimensões**

Extensão - 1.100 metros

Largura – nos trechos utilizáveis como praia apresenta variações entre 3 e 8 metros

#### **Usos e Costumes**

Ao longo da costa, encontram-se diversos usos. Praia para banho, praia para pesca, fazendas de criação de ostras e mariscos (maricultura) e algumas residências sobre o mar.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> , acessado em 30/05/2003

### P) Praia do Ribeirão da Ilha

O Ribeirão da Ilha, além de ter sido a primeira comunidade européia da Ilha de Santa Catarina, tem, na sua praia, um local de muita referência histórico-cultural. Guarda o principal relicário dos traços da Colonização Açoriana, do século XVIII. Sem dúvida, que os primeiros ocupantes da praia, foram os Carijó que viviam desde o Caiacangamirim até o Caiacangaçu.

Antes da chegada dos açorianos, os moradores do Ribeirão radicavam-se na Praia do Barro Vermelho, localidade do Simplicio. A atual praça e praia só chegaram em 1760, e a partir daí, deram a configuração que a Freguesia de Nossa Senhora da Lapa .

O topônimo Ribeirão, deriva do pequeno rio que nasce no Morro da Cabeça do Macaco o pico mais elevado da Ilha de Santa Catarina, com 532 metros e deságua na Praia do Saco a cerca de três quilômetros ao Norte da Freguesia.

#### Quadro 20: Praia do Ribeirão da Ilha

##### **Descrição Física**

Inicia-se a praia do Ribeirão da Ilha no Riacho da Gruta, entrada da Freguesia, e termina no Riacho do seu Rita. É formada por três trechos, sendo o mais importante, e maior, o do centro junto à área residencial considerada, dos pobres, e a primeira praia na área considerada dos ricos.

Possui areia média e de boa apresentação e, em anexo, duas praças que abrigam os frequentadores. O local é bastante aprazível.

##### **Dimensões**

Extensão - 750 metros somatório de todos os segmentos,

Largura de 2 a 15 metros.

##### **Usos e Costumes.**

No início da colonização, era utilizada como porto, isto é local de entrada e saída de embarcações de transporte de pessoas e carga. Chegou a possuir um bom trapiche, desmontado nos anos quarenta, quando foi organizada a primeira empresa de ônibus urbano ligando a Vila ao Centro de Florianópolis. Tanto o turismo, como a população local, está a reclamar a reconstituição do transporte marítimo de passageiros para o centro da cidade e outras freguesias. Passou, a Praia do Ribeirão, até os anos sessenta, a abrigar vários estaleiros de construção de lanchas baleeiras, e outros barcos de porte médios para fins diversos. Atualmente é área de lazer e balneário. Uma tradicional festa na praia acontece uma semana antes do Carnaval, "Banho a Fantasia" e "Joga n'água", como eventos da Festa do Camarão.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> , acessado em 30/05/2003

#### *5.1.4.2 Morros:*

Além das praias, um outro atrativo merece atenção especial: os morros. Estes podem ser aproveitados e possuem grande potencial turístico tanto para apreciação visual como trilhas. Eles são elevações maiores ou menores de terreno que surgem na paisagem de forma isolada, independentemente de sua estrutura de formação. A importância deles está muito ligada à descrição da região onde se situam.

Quadro 21: Morros do Ribeirão

Morros	Características
Morro da Boa Vista	Tem 370 metro de altura, sua composição paisagística é homogênea, sua flora é representada pela Floresta Atlântica.
Morro do Saquinho	Tem 330 metros de altura, sua composição paisagística é homogênea natural, sua flora é representada pela Floresta Atlântica
Morro da Tapera	Tem 381 metros de altura, sua composição paisagística é homogênea natural, sua flora é representada pela Floresta Atlântica
Morro do Indaial	Tem 290 metros , sua composição paisagística é homogênea natural, sua flora é representada pela Floresta Atlântica

Fonte: dados da pesquisa

Esse atrativo natural é muito importante para o desenvolvimento de atividades ligadas ao ecoturismo, tal como será abordado neste estudo.

#### 5.1.5 Atrativos artificiais

O Ribeirão apresenta muitos atrativos construídos pelo homem, que reforçam a cultural do local, como será apresentado a seguir.

##### 5.1.5.1 Igreja Nossa Senhora da Lapa:

Localizada à Rua Marcelino Dutra s/nº, defronte à Praça Hermínio Silva, no Ribeirão da Ilha, a Igreja Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão encontra-se tombada pelos Decretos Municipal nº 1.341/75, e Estadual nº 2.998/98. É considerada uma das igrejas mais conservadas em suas características originais. É uma construção simples, em cuja fachada se

erguem duas torres, uma delas fechada (cega), e a outra com dois sinos. Foi construída com pedra, cal e óleo de baleia, vindos da Praia da Armação.

#### *5.1.5.2 Instituições culturais de estudo, pesquisa e lazer: Museu Etnológico do Ribeirão*

São as instituições que, de modo permanente, conservam e apresentam coleções de objetos de caráter histórico cultural e/ou científico de qualquer área de conhecimento ou atividade humana, para fins de estudo, educação e satisfação. O Museu Etnológico representa importante testemunho para a cultura local.

O ECOMUSEU, localizado no Ribeirão da Ilha, tem por finalidade identificar um acervo eco-cultural, e colocá-lo à mostra para comunicação, instrução, memória e lazer das pessoas, guardando todas as linhas originais quer da construção material, quer em relação ao ecossistema e, principalmente, em sua função sócio-cultural. O “museu do Ribeirão”(como era denominado antigamente), criado pelo Professor Nereu Ramos, é resultado de produção científica de pesquisas realizadas nesta comunidade desde 1965. Ele foi construído no século XX, e possui também um acervo conquistado através das doações de moradores desta comunidade, buscando registrar e preservar as bases da cultura açoriana trazidas do arquipélago de Portugal e aqui estabelecida.

O Museu também oferece em sua parte externa o Engenho de Farinha de Mandioca, sala de exposições, palestras, vídeos, som e outros, o quintal com árvores, aves, etc

## **5.2 LIMITAÇÕES QUE PODEM COMPROMETER O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO SUSTENTÁVEL NA REGIÃO EM ESTUDO**

O modelo econômico adotado atualmente busca incessantemente o progresso a qualquer preço, sem pensar nas conseqüências que podem vir a acontecer, como por exemplo, o uso intensivo e irresponsável dos recursos naturais, sem respeitar os limites naturais. As



pessoas estão agindo com se fossem a última geração do planeta. Além disto, esse modelo, tem como consequências negativas e desastrosas, a miséria e a exclusão social, o que no Brasil, é um fator cada vez mais preocupantes, ultrapassando os limites de aceitabilidade humanitária.

O progresso, que é desejável para a humanidade, leva em conta, não só os aspectos econômicos, mas os sociais, culturais, ambientais, que na verdade estão inter-relacionados. Ao contemplar esses aspectos, introduz a noção de sustentabilidade, que significa a permanência ao longo do tempo. Por isso esse conceito compatibiliza a eficiência econômica, a qualidade de vida humana e conservação dos recursos naturais.

Na região, em estudo, merece uma atenção especial. Ela oferece um ambiente paradisíaco de rara beleza natural, o que favorece o desenvolvimento do turismo, criando um forte potencial. Por isso, deseja-se que isso continue ao longo dos anos.

### **5.2.1 Degradação ambiental x Utilização racional dos recursos naturais**

Um dos dilemas enfrentados pela sociedade moderna é aproveitar o máximo que a natureza nos oferece, sem no entanto causar danos irreparáveis a mesma.

Essa tarefa deve ser primordial para todos que pertencem a esta sociedade, isto significa, exercer a cidadania de forma consciente e responsável, contribuindo efetivamente para uma vida melhor da sociedade como um todo.

Um trabalho de conscientização da importância do uso correto dos recursos naturais, seria uma boa maneira de começar a exercer essa tarefa. Algumas pessoas não têm noção do que significa isto e por isso, às vezes, agem de forma irracional, por falta de conhecimento.

Florianópolis, como um todo, passa por uma situação crítica em áreas de preservação permanente, que são indevidamente ocupadas. A cidade apresenta um relevo com muitas

restrições de uso e exploração de recursos naturais – areias, saibros e granitos – de forma não sustentável

O maior desafio nesse novo milênio está na dificuldade que a sociedade conseguir compatibilizar o desenvolvimento tecnológico, econômico, social e ainda manter o equilíbrio do meio ambiente. Ou seja, para continuar gerando riquezas, é preciso preservar a fonte de onde tira-se os recursos, até mesma para nossa permanência no planeta.

#### *5.2.1.1 Poluição Hídrica*

Um dos pontos significativos para este objetivo, é que evite a poluição hídrica em praias, lugares de pesca e de criação de ostras e mariscos. Os manguezais, como área de proteção natural, que evitam a erosão e o transporte de materiais para o oceano e que também servem na reprodução de peixes pequenos e outros organismos aquáticos, devem merecer cuidados ecológicos.

Um dos aspectos mais criticados pelos turistas, verificado numa pesquisa feita pela SANTUR (2003), na temporada do verão de 2003, foi a área de saneamento. Dos entrevistados, 33% consideram o serviço ruim ou regular, e obteve o maior índice de rejeição segundo os entrevistados. A salubridade de regiões depende da ação de múltiplas autoridades (municipais, estaduais, federais e até internacionais) além da própria participação dos interessados e da população como um todo. E isto inclui:

- a) **Proteção ambiental:** são indispensáveis Planos Diretores de desenvolvimento Urbano Regional que sejam rigorosamente obedecidos, de modo a evitar verdadeiros desastres ecológicos que ocorrem em consequência da exploração descuidada por parte de especuladores imobiliários.

- b) **Obras sanitárias** : são essenciais, compreendendo o saneamento básico, a drenagem e a proteção ambiental.(investir na melhoria e implantação de sistemas de esgotos nas cidades é mais barato do que gastar com a cura desses problemas já existentes

As pessoas que habitam essa região, têm a consciência de que o crescimento do Ribeirão, já comprometeu, as vezes de forma irreversível, as bases naturais e algumas das paisagens, e assim consequentemente, a perda da identidade cultural tão particular desse lugar.

É necessário que haja um esforço maior da população em articular junto ao órgão competente, no caso de esgotos, com a CASAN, medidas para projetar e instalar na região, um sistema de coleta e tratamento de esgoto, compatível com a qualidade ambiental pretendida.

O ideal é que órgãos como IPUF, CASAN, FATMA e FLORAM, Vigilância Sanitária, UFSC, UDESC etc, promovam a integração de um grupo de pessoas que representem a comunidade em estudo, com a finalidade de encontrar soluções viáveis, para estas questões mencionadas (hidro – sanitária). E para isto, as partes interessadas, tal como a própria população habitante do local, empresas turísticas e comerciais junto com os órgãos responsáveis, devem unir esforços, para obter subsídios e sejam aplicadas ações relacionadas a estas questões ambientais. Além disto, tentar se unir com as regiões vizinhas, que passam pelos mesmos problemas, tal como a região do Campeche e do Pântano do Sul, que também mantém ainda muitas de suas características naturais e culturais, diferentemente do norte da ilha, que já foi muito prejudicado, com a ocupação urbana ilimitada e inconseqüente.

Um fator que deve contribuir muito é o saneamento básico, que deve ter uma posição de destaque nas prioridades, buscando alternativas seguras e técnicas e sejam viáveis economicamente. Segundo o proprietário do restaurante Rancho Açoriano, e ex presidente da associação de maricultores, foi reivindicado por muito tempo, a instalação de saneamento

básico, mas infelizmente não foram atendidos os pedidos, não se sabe se por desinteresse ou falta de recurso do governo. Apesar de ser um investimento alto, deve ser uma das urgências a serem resolvidas nesta região.

Muitos problemas ambientais existem por falta de informação, e também pelo sentimento de distanciamento entre a ação dos indivíduos e a ação coletiva. A superação deste distanciamento se dá com a modificação de valores fundamentais do indivíduo. Só a participação faz o indivíduo sentir-se parte do problema. Fortalecer o grupo, parece ser o caminho de superação do desencanto que se apossou de uma comunidade enganada pelo poder público, que ainda poderá engajar-se. A educação ambiental aparece como arma e munição para o exercício de uma cidadania que até hoje não foi reconhecida.

Em relação ao desenvolvimento do turismo, de forma racional, é necessária, a instalação de sistemas de coletas e tratamento de esgotos em todas as comunidades dos distritos do Ribeirão da Ilha, para que depois seja possível aumentar o número de visitantes.

#### *5.2.1.2 Lixo, esgoto, saúde, educação, segurança , ocupação irregular e abastecimento de água:*

O Ribeirão apresenta problemas que trazem prejuízos comprometedores para o desenvolvimento sustentável da região. Pode-se citar, alguns exemplos, de acordo com informações do Ministério Público:

- a) Ocupação demográfica em áreas impróprias, como por exemplo em encostas ;
- b) Baixo investimento em saúde pública , dificuldade do acesso da população a algumas especialidades médicas e ao atendimento odontológico, verifica-se poucos postos de saúde, e insuficientes para atender toda a região. Numa emergência, o paciente não tem opção e tem que procurar fora da região, uma instituição mais segura;

- c) inexistência de abastecimento de água em algumas áreas, que não recebem água tratada, e tem que usar água poluída podendo gerar muitas doenças, principalmente em crianças;
- d) segurança é outro fator alarmante, onde se constata que cada vez mais aumenta o número de acidentes de trânsito, os furtos em residências e a violência. Não há rondas policiais pelo bairro, e além disto só existe uma sub-delegacia que só funciona oito horas por dia, e a noite fica fechada;
- e) exploração do território geológico e ambientalmente frágil, que exige, mais do que qualquer outro, um planejamento, visando o desenvolvimento sustentável;
- f) algumas pessoas trabalhando em atividades da economia informal e desemprego por falta de oferta de vagas na iniciativa privada, além dos casos de falta de habilitação ou capacitação da mão-de-obra
- g) falta de lixeiras nas praias e nas ruas, comprometendo tanto as ruas, areias e água das praias;
- h) deficiente sinalização no local, com placas em péssimo estado;
- i) acesso deficiente ao Ribeirão, ruas com paralelepípedos e muitas lombadas, principalmente a rodovia que liga o Campeche a Tapera;
- j) pouca frequência de ônibus de linha, e não há o ônibus executivo, que a comunidade muito almeja.
- k) algumas marisqueiras são motivo de reclamações por parte da comunidade, ou por estarem em áreas impróprias, invadindo e restringindo as áreas de banho, limitando a prática de esportes e lazer marítimos, sendo esta prática contra a legislação vigente, ou por desobedecerem os mais comecinhos princípios de limpeza e urbanidade, dispensando os despojos resultantes da extração dos moluscos em área pública, tendo como consequência um nauseabundo odor, além de poluição visual;

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1992), ao mesmo tempo em que o Ribeirão apresenta índices defasados no tratamento de esgoto, aumenta o número de moradores. Estima-se que em alguns anos nenhuma praia estará própria aos banhistas, este é o prognóstico aterrorizante feito por ambientalistas da FEEC se a população continuar aumentando e o investimento em saneamento básico não acompanhar o crescimento, principalmente porque nas praias do Ribeirão da Ilha, não existe tratamento de esgoto. Os dejetos vão para as fossas particulares, ou para os cursos de água da região, que seguem direto para o mar. A falta de saneamento já resulta em praias poluídas na região.

Em relação ao lixo, a coleta de lixo é feita as segundas, quarta e sextas feiras, não havendo separação de lixo de nenhuma espécie, ficando o mesmo na calçada da rua e acumulados nos finais de semana. Neste sentido, muitas melhorias podem ser feitas nesta região:

- a) orientar a população sobre os dias e horários da coleta de lixo;
- b) informar e conscientizar a população sobre o tempo de decomposição do lixo inorgânico;
- c) criar lixeira pública de coleta de lixo seletivo e convencional;
- d) criar coleta de entulhos semanal e colocar placas informativas acerca da legislação ambiental, pois verifica-se que a maioria dos moradores despeja entulhos, ou as margens da rodovia Baldicero Filomeno, ou diretamente no mar, causando, inclusive, riscos à incolumidade pública, uma vez que estes entulhos são muitas vezes cortantes.

Deve-se criar lixeiras de dois tipos: lixo orgânico ou lixo úmido e lixo seco. Na primeira, são os restos de comida, casca e bagaço de frutas, folhas secas e cascas de ovos, papéis molhados e engordurados. Na segunda, caberiam as cerâmicas, pratos, vidros, pirex e similares, roupas, couros, sapatos, teco de cigarro, cinza e cisco, isopor e acrílico, lâmpadas fluorescentes, papéis plastificados, metalizados ou parafinados, papel carbono e fotografias,

fitas e etiquetas adesivas, copos descartáveis de papel, espelhos, vidros planos, cristais e pilhas.

Assim, a população ainda pode ter uma nova opção de renda, com a separação dos lixos para a reciclagem, e as ruas ficariam bem mais limpas. Alguns hotéis já faz isto, como é o caso da Pousada do Museu, que além de não deixar os lixos acumularem lixo, ainda realiza um atividade rentável.

Um outro grande problema é o crescente aumento do número de moradores, que pode levar ao desequilíbrio ecológico, pois não há respeito com os limites ambientais, além disto essa região, é muito deficiente em infra estruturas básicas, como é o caso do esgoto, como comentado alhures. Verifica-se um crescente aumento de edificações irregulares, o que além de destoar da arquitetura autóctone, muitas vezes é feito em desrespeito ao patrimônio público, como no caso de construções em encostas de mata nativa e/ou em áreas de balneário. Mister se faz ressaltar a ineficiência dos órgãos fiscalizadores neste ponto.

Observa-se descontentamento com o abastecimento de água e luz, além da Freguesia do Ribeirão. Este problema tem origem num acordo firmado entre a PMF, CASAN e CELESC, o qual, em síntese, prevê que somente edificações regulares, ou seja com habite-se concedido, poderão usufruir desta infra-estrutura.

### **5.2.2 Fatores que comprometem o turismo:**

Em relação ao turismo, alguns fatores impõem uma certa barreira para seu desenvolvimento, tal como:

#### **a) Sazonalidade:**

Maior fluxo de turistas no verão, como acontece em toda a cidade, mas os empreendimentos turísticos conseguem superar esse problema adotando estratégias fortes de parceria e convênio com empresas e até com outros países. Além de tudo, muitos eventos são realizados de forma a manter a frequência de clientes.

**b) Precariedade de serviços e a deficiente infra-estrutura dos empreendimentos:**

Em relação ao turismo, os serviços são deficientes, demonstrando um despreparo no atendimento ao cliente, além da infra-estrutura apresentada pela maioria dos empreendimentos ser visivelmente deficiente, podendo ser melhorada para oferecer melhor comodidade e lazer aos turistas.

**c) Pequena divulgação do potencial turístico da região, sem estratégia definida para atrair turistas:**

Muitos empreendimentos ainda preferem a propaganda “boca a boca”, porém poderia haver uma estratégia mais forte para atrair mais turistas.

**d) Falta de integração dos setores administrativos ligados ao turismo com aqueles ligados à infra-estrutura:**

Há um grande distanciamento entre esses setores, mas existe um certo esforço entre a comunidade e o conselho comunitário, reivindicando por medidas e ações que contribuam com o desenvolvimento da região.

**e) Lento crescimento da atividade turística :**

As atividades turísticas ainda estão em fase de crescimento, ainda não há uma organização do turismo séria que realmente fortaleça seu potencial. Em 2000, o SEBRAE, realizou um programa regionalizado de turismo sustentável que foi realizado com essa comunidade que estava se desenvolvendo, e a comunidade conseguiu absorver, apesar dele não ter sido monitorado. Isto fortaleceu um gradual desenvolvimento, e os empreendimentos tiveram uma nova visão do turista de forma diferenciada, focalizando no turista especial, diferente dos que procuram o norte da ilha. A atividade turística nesta região deve ser amplamente discutida, e deve-se levar em conta sua capacidade para o desenvolvimento sustentável da região.



**f) Especulação imobiliária, que expulsa os nativos, principalmente pescadores:**

Muitos moradores estão “invadindo” essa região que já é deficiente em infra-estruturas, comprometendo-a ainda mais e o meio ambiente. Além disto há ainda construções ilegais em áreas impróprias. O que se almeja é o turista visitante e não moradores.

**g) Falta de conservação dos patrimônios históricos e culturais:**

Alguns patrimônios encontram-se em péssimo estado, como é o caso do Casarão do Ribeirão. A comunidade deveria unir esforços para obter atitude para a conservação desses patrimônios que são muito importantes na história do lugar.

**h) dificuldade de acesso ao Ribeirão:**

Além da pouca frequência de ônibus, o acesso de automóveis se torna precário em virtude da péssima conservação da malha viária, além da maioria das atrações do local não possuírem áreas de estacionamento adequadas, ocasionando, inclusive, congestionamentos nas vias, uma vez que os veículos são estacionados, literalmente, no meio da rua. Incorre neste tópico também a impossibilidade de acesso de ônibus de turismo (com mais de dois eixos).

*5.2.2.1. Atrativos turísticos que comprometem seu potencial:*

Alguns atrativos, se não explorados da forma adequada, perdem potencial e compromete o desenvolvimento do turismo na região.

**A) Ecomuseu do Ribeirão e a pousada**

Apesar do museu estar localizado em um local privilegiado, verifica-se problemas de infra-estrutura e acesso difícil, tanto ao museu quanto a praia.. Não há uma placa apropriada, que chame atenção dos turistas para a entrada da pousada nem do museu. A noite, torna-se impossível de enxergar a entrada. Além disto, não há um portão que garanta a segurança dos hóspedes. Logo na entrada, há um desperdício de espaço que poderia ser aproveitado para estacionamento ou Área de Lazer, que é deficiente no local, e poderia ser melhor explorado,

ou seja é necessário investir em equipamentos de lazer de forma a integrar o homem à natureza.

O acesso da pousada para a praia poderia ser melhorado, com placas sinalizando a entrada da pousada da praia com o mar e também o contrário, uma placa para os hóspedes do hotel, indicando a praia.

#### **B) Casarão do Ribeirão da Ilha**

Com o passar do tempo, o Casarão sofreu os efeitos da degradação e necessita urgente de uma revitalização. Ele é um verdadeiro reduto da história do lugar e merece uma atenção especial. É necessário buscar patrocínios da iniciativa privada e apoio do governo para restauração do patrimônio e, ainda, junto à comunidade, fazendo um resgate da história e da cultura açoriana.

### **5.3 ATIVIDADES TURÍSTICAS SUSTENTÁVEIS:**

#### **5.3.1 Atividades turísticas na praia:**

Várias atividades turísticas podem ser desenvolvidas. Um banho de mar e sol nas águas calmas, nas inúmeras praias pequenas e calmas que ali se encontram. Ideal para famílias com crianças, ou pessoas da terceira idade. Além disto, pode-se propor algumas atividades ainda não realizadas, como por exemplo: passeios pelo mar com transportes tipo jet ski, pedalinhas, barco à velas etc.

A pesca esportiva é uma outra atividade que pode ser explorada, de forma sustentável na região. Segundo o disposto no art. 2º, Dec. 221/67, a pesca esportiva é a que se pratica

com linha de mão ou aparelho permitido pela autoridade competente, desde que não importe em atividade comercial. A pescaria esportiva faz parte do *hobbie* de várias pessoas, principalmente aquelas que procuram paz e tranquilidade, como fuga do estresse e agitação das grandes cidades.

Já a praia de Naufragados, é uma ótima opção para jovens aventureiros e também para os surfistas, pois as ondas são consideradas boas para a prática deste esporte. O Surf é uma atividade esportiva que produz mínimos impactos, uma vez que não se utiliza de qualquer equipamento causador de poluição, nem tão pouco causa degradação da vida marinha

### **5.3.2 Trilhas Ecológicas e Pesquisas Científicas**

A busca de uma proximidade maior com a natureza não transformada pelo homem para o alívio das conseqüências negativas do mundo moderno, como por exemplo estresse, violência, barulho, poluição etc, principalmente nas grandes cidades, tem promovido um interesse crescente pelas caminhadas ecológicas. A indústria do turismo descobriu essa necessidade e passou a atuar na intermediação entre as pessoas e a busca da natureza, através de passeios por caminhos e trilhas em locais preservados, uma forma de aumentar seu espaço de atuação. Assim, através da organização e infra-estrutura que deve-se dispor, acaba fomentando o aumento dos chamados passeios ecológicos, em que os caminhos e trilhas entram como um dos vários produtos dessa indústria.

A Ilha de Santa Catarina é privilegiada em dois aspectos: composição e recortes físico-naturais invejáveis, e uma profusa rede de caminhos e trilhas historicamente construída desde os tempos dos homens primitivos, resultando num cenário dos mais dinâmicos e de rara beleza.

A Ilha possui uma grande diversidade de caminhos e trilhas, dos quais trinta e um foram mapeados, apresentando as mais diversas características: de curto a longo percurso; de caminhada simples em terrenos planos à caminhada radical com exposição à altura e uso de apoio, de orientação fácil, acessíveis aos menos experientes, aos de difícil orientação que exigem experiência e conhecimento prévio da área; alguns requerem um preparo físico normal, já outros exigem um preparo físico apurado. Isto deve-se ao fato de existirem caminhos e trilhas que reúnem, ao longo de seus percursos, ecossistemas e paisagens diversificadas, com morros, costões, planícies costeiras arenosas, dunas, restingas, manguezais, baías, enseadas, lagoas, córregos e mata típica da Floresta Atlântica, às vezes compondo áreas de preservação que abrigam inúmeras espécies vegetais e animais.

Muitos percursos cruzam ou estão localizados em diferentes áreas de preservação, como parques e reservas ecológicas, todos os caminhos e trilhas do sul da Ilha têm essa característica.

Aproximadamente dois terços dos caminhos e trilhas envolvem trechos de caminhada semi-pesada, pesada, difícil e radical, geralmente em aclives acentuados que exigem esforço. O tipo de terreno mais característico é o de terra batida, inclusive argilosa, em que afloram seixos da base granítica que forma os morros.

Parte dos caminhos e trilhas sofre um processo de desaparecimento e esquecimento. Naqueles em que o uso se tornou pouco frequente, mesmo que tenha sido importante na história do passado da Ilha, é comum a construção de cercas, muros e construções em propriedades que impedem a passagem e camuflam os pontos de acesso, aos poucos tomados pela regeneração da vegetação ou perdidos pelo desmatamento.

Nem todos os caminhos e trilhas são acessíveis para a maioria das pessoas. Muitos oferecem dificuldades físicas e alguns encontram-se interrompidos por cercas, podendo ocorrer o impedimento da passagem por parte dos proprietários.

Deve-se ter alguns cuidados ao fazer uma trilha, tanto em termos pessoais como ambientais. A responsabilidade do caminhante inclui a conservação dos caminhos e trilhas, levando consigo o lixo produzido, não fazendo uso de fogo em locais de risco (apagando qualquer vestígio à saída, evitando riscos de incêndio, mesmo em locais abertos). Devem ser tomados quanto ao risco imposto por animais peçonhentos. É aconselhável levar um estojo de primeiros socorros. A seguir, descreve-se algumas trilhas nas localidades em estudo:

Outras atividades podem ser muito proveitosas, como Mountain Bike e alpinismo para adeptos destes esportes. As diversas montanhas e morros que compõem a paisagem são um belo atrativo para este tipo de atividade.

#### A) Trilhas de Naufragados

Alguns caminhos e trilhas têm uso regular, servindo de acesso a praias, mantidas para passeios em áreas de preservação e como acesso a algumas comunidades como é o caso de Naufragados.

Atividades, como trekking, escaladas e afins podem ser realizadas de forma satisfatória, pois o visual é fantástico. Uma outra atividade é o turismo científico, existe uma grande quantidade de mata atlântica na região, ou mesmo para pessoas que simplesmente apreciam o visual da natureza.

Nesta trilha, já se pode observar um verdadeiro túnel na vegetação nativa. Logo em seguida é possível refrescar-se nos riachos que se encontram no caminho. Ela parte da Caieira da Barra do Sul, entra na área do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro que abrange o extremo sul da Ilha de Santa Catarina, percorrendo áreas de Floresta Atlântica original e em estágio de regeneração. A trilha é utilizada por moradores da Praia dos Naufragados e é uma das mais visitadas por adeptos de caminhadas. No trecho central encontram-se ruínas de antigos casarões e engenho. No passado, a trilha percorria áreas de plantações de mandioca, feijão e milho.

### Quadro 22: Trilha de Naufragados 1

**Atrações da paisagem:** vista panorâmica, córregos, praia, áreas de preservação.

**Extensão em metros:** 2.621

**Fontes de água:** 6 córregos.

**Graduação para bicicletas:** técnica - com trechos acidentados.

**Grau de dificuldade:** semi pesada - caminhada em desníveis curtos e pouco acentuados.

**Linha de ônibus:** Caieira da Barra do Sul; a trilha inicia no ponto final da linha onde termina a Rodovia Baldicero Filomeno (SC-401).

**Orientação:** fácil - acessível aos menos experientes; nenhum ou baixo risco de se perder.

**Preparo físico:** normal.

**Tempo de percurso:** 40 minutos.

**Tipo de terreno:** nos trechos próximos à Caieira e na parte central, a trilha é bem marcada, de terra batida, argilosa e com seixos, apresentando significativa erosão em alguns pontos de maior declividade. No trecho próximo à Praia dos Naufragados, o caminho é arenoso.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> acessado em 24/05/2003

A outra trilha que é menos conhecida, tem seu início, próximo a praia de Naufragados e segue à esquerda do caminho principal, levando à Ponta do pasto, na direção da Praia do Saquinho. Este caminho serve como única opção de acesso ao Saquinho, que faz a ligação da comunidade da Praia do Saquinho à Caieira da Barra do Sul. Próximo à Praia do Saquinho, o caminho percorre áreas de antigas plantações cobertas por vassouras (capoeirinha), capoeira e áreas restritas de capoeirão da mata em regeneração nas vertentes próximas à cumeeira, entre o Morro do Trombudo e o Morro do Córrego dos Naufragados. Na vertente da Caieira, o caminho é sinuoso, em alta declividade e bem largo, mantendo as características do antigo caminho de carro de boi, e percorre a propriedade de um antigo engenho.

### Quadro 23: Trilha de Naufragados 2

**Atrações da paisagem:** córrego e vista panorâmica da Baía Sul, Serra do Tabuleiro e Praia do Saquinho.

**Extensão em metros:** 3.485

**Fontes de água:** 6 córregos.

**Graduação para bicicletas:** difícil, alta declividade, risco de queda.

**Grau de dificuldade:** pesada – caminhada em desníveis acentuados; exige esforço.

**Linha de ônibus:** Caieira da Barra do Sul. A linha mais próxima à Praia do Saquinho é a da Costa de Dentro.

**Orientação:** média; exige conhecimento prévio da área; há bifurcações no trecho que percorre a cumeeira próximo ao Morro do Trombudo e na vertente do Saquinho; o caminho está pouco marcado, e apresenta trechos tomados pela capoeira.

**Preparo físico:** bom.

**Tempo de percurso:** 1 hora.

**Tipo de terreno:** arenoso (de granulação espessa) no trecho próximo à Caieira; no trecho central próximo à cumeeira, é argiloso e com seixos. Na cumeeira há trechos cobertos por vegetação rasteira.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> acessado em 24/05/2003

Na praia que já foi praticamente deserta, e encontra-se em área de preservação do Parque Estadual do Tabuleiro, encontram-se hoje várias casas de madeira que formam a comunidade de Naufragados.

Uma outra trilha é o Caminho do farol, onde se caminha entre capoeirinha e capoeirão na mata em regeneração em locais de antigas plantações e que fazem parte do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. O final do caminho leva à Ponta do Farol da Barra do Sul (desativado), em área ocupada pelo Ministério do Exército, onde podem ser visitados canhões instalados nas primeiras décadas do século XX. Da Ponta do Farol pode-se observar as ruínas da Fortaleza da Ilha de Araçatuba (Fortaleza Nossa Senhora da Conceição). Essa trilha parte do trecho central da trilha de Naufragados em direção ao sul.

#### Quadro 24: Trilha de Naufragados 3

**Atrações da paisagem:** vista panorâmica, costões, praia.

**Extensão em metros:** 2.703

**Fontes de água:** não há.

**Gradação para bicicletas:** cansativa, envolve subidas e descidas e alguns trechos com seixos.

**Grau de dificuldade:** semi pesada – caminhada em desníveis de curto percurso.

**Linha de ônibus:** A linha de ônibus da Caieira da Barra do Sul tem o ponto final no início da Trilha dos Naufragados.

**Orientação:** fácil, acessível aos mais inexperientes; procurar manter-se na trilha principal (mais larga) para chegar ao farol; as trilhas secundárias levam ao costão e à praia.

**Preparo físico:** normal.

**Tempo de percurso:** 35 minutos.

**Tipo de terreno:** nos trechos inicial e final, a trilha apresenta seixos, já no trecho central é de terra batida, geralmente coberto por gramíneas.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> acessado em 24/05/2003

#### B) Caminho do Sertão do Ribeirão à Tapera do Ribeirão

O antigo caminho de carro de boi, que inicia no Sertão do Ribeirão, mantém as características originais, passando por casas, sítios, áreas de pastagem e plantações, transformando-se em um percurso mais estreito, cruzando a pastagem da última casa. O caminho segue na direção da nascente do Rio do Peri, no sudoeste da bacia do Parque Municipal da Lagoa do Peri à oeste do Morro do Indaia, e percorre algumas plantações de banana, clareiras e áreas de Floresta Atlântica preservada, mantendo as características

originais. O caminho é largo e regular no trecho central e no trecho próximo à Tapera do Ribeirão. Cruza ainda a cumeeira ao longo dos morros da Boa Vista e Pelados, descendo pela vertente em direção à Tapera do Ribeirão e cruzando áreas desmatadas e de pastagens.

Uma importante observação a ser feita é fato de que o caminho encontra-se “cercado” no trecho que inicia no Sertão do Ribeirão.

#### Quadro 25: Caminho do Sertão do Ribeirão à Tapera do Ribeirão

**Atrações da paisagem:** vista panorâmica da Tapera do Ribeirão, Baía Sul e Serra do Tabuleiro; áreas de preservação e córrego.

**Extensão em metros:** 4.374

**Fontes de água:** o caminho cruza o Rio do Peri em dois pontos.

**Graduação para bicicletas:** difícil – declividades com risco de queda, envolve desmontes e carregação.

**Grau de dificuldade:** semi pesada – caminhada em trechos acidentados; longo percurso; exige esforço.

**Linha de ônibus:** Ribeirão da Ilha e Caieira da Barra do Sul.

**Orientação:** médio – exige atenção próximo ao trecho inicial no Sertão do Ribeirão, onde a mata regenera-se sobre o leito do antigo caminho de carro de boi em alguns pontos. Há bifurcações no trecho central. Deve-se seguir sempre o sentido norte/sul.

**Preparo físico:** bom.

**Tempo de percurso:** 1 hora e 30 minutos.

**Tipo de terreno:** caminho aberto de terra batida em praticamente todo o percurso, com seixos e coberto por vegetação rasteira no trecho próximo ao Sertão do Ribeirão.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> acessado em 24/05/2003

#### C) Trilha da Lagoa do Peri ao Alto Ribeirão

A trilha liga a Lagoa do Peri ao Alto Ribeirão, atravessando a linha de cumeeira entre o Morro das Pedras e o Morro da Cachoeira Grande. No alto da vertente da lagoa, a trilha possui bifurcações que levam a pequenos córregos e bananais. Na cumeeira há um rancho, bananais e clareiras. No Alto Ribeirão, próximo a uma servidão sem denominação, a trilha é interrompida por cercas de uma propriedade particular.

#### Quadro 26: Trilha da Lagoa do Peri ao Alto Ribeirão

**Atrações da paisagem:** vista panorâmica, riachos, mata preservada.

**Extensão em metros:** 2.343

**Fontes de água:** 3 córregos.

**Graduação para bicicletas:** radical – alta declividade; alto risco de queda; poucos trechos para montar.

**Grau de dificuldade:** pesada – caminhada longa em desníveis acentuados.

**Linha de ônibus:** no trecho do Alto Ribeirão tomar os ônibus da Caieira da Barra do Sul e Ribeirão da Ilha. Na Lagoa do Peri, tomar o ônibus do Pântano do Sul, Armação, Costa de Cima ou Costa de Dentro.

**Orientação:** médio - exige atenção e alguma experiência básica; risco moderado de se perder; muitas bifurcações; trilha pouco demarcada em alguns trechos.

**Preparo físico:** apurado.

**Tempo de percurso:** 2 horas.

**Tipo de terreno:** trilha sinuosa, acidentada e pouco marcada na vertente da lagoa próximo à cumeeira; trechos com seixos principalmente na vertente do Alto Ribeirão.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> acessado em 24/05/2003



#### D) Trilha dos Naufragados à Solidão (Praia do Rio das Pacas)

Esta trilha liga a trilha da Praia dos Naufragados à Praia da Solidão, ou Praia do Rio das Pacas, cruzando o Morro do Córrego dos Naufragados e percorrendo a costa sudeste da Ilha, passando ainda pela Ponta do Pasto, Saco da Baleia, Ponta do Saquinho e Praia do Saquinho, indo alcançar o Rio das Pacas no início da vertente do Morro do Trombudo. Durante o percurso pode-se avistar as Ilhas Três Irmãs e também percorrer áreas de preservação dentro do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, que abrange o extremo sul da Ilha, e áreas de Mata Atlântica original e em estágio de regeneração. No trecho próximo a Naufragados, a trilha, no seu trecho na vertente do Morro do Córrego dos Naufragados, percorre áreas de capoeirinha e alcança um bananal próximo à cumeeira. Há ruínas de uma casa no Pastinho e de antigos engenhos ainda cercados por pomares ao longo do percurso.

#### Quadro 27: Trilha dos Naufragados à Solidão (Praia do Rio das Pacas)

**Atrações da paisagem:** córregos, praia de seixos, costões, vista panorâmica do Oceano Atlântico, Baía Sul, Serra do Tabuleiro, Ilhas Três Irmãs.  
**Extensão em metros:** 7.918  
**Fontes de água:** 14 córregos.  
**Graduação para bicicletas:** radical – risco de queda; poucos trechos para montar.  
**Grau de dificuldade:** pesada – caminhada em desníveis; longo percurso; exige esforço.  
**Linha de ônibus:** da Costa de Dentro, na Praia do Pântano do Sul, próximo à Praia da Solidão (Praia do Rio das Pacas), e da Caieira da Barra do Sul, no início da Trilha dos Naufragados.  
**Orientação:** médio – exige atenção e alguma experiência básica; próximo à cumeeira do Morro do Córrego dos Naufragados, a trilha é pouco marcada.  
**Preparo físico:** apurado.  
**Tempo de percurso:** 3 horas.  
**Tipo de terreno:** praticamente todo o percurso é formado por solo argiloso, expondo seixos de granito.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> acessado em 24/05/2003

#### D) Caminho do Sertão do Ribeirão à Lagoa do Peri (Chico do Alambique)

Próximo ao Sertão, o caminho de carro de boi atravessa plantações de cana-de-açúcar, pastagens, áreas de mata em regeneração com capoeirinha e capoeira no Parque Municipal da Lagoa do Peri. O caminho desce a vertente acompanhando o leito do Ribeirão do Peri. No trecho próximo à Lagoa do Peri há ruínas de um engenho do século XIX, movido à força hidráulica, e um engenho desativado movido por juntas de boi.

Para se chegar até o Sertão do Ribeirão tem que se ir até ao Ribeirão da Ilha ou da Caieira da Barra do Sul na altura do Ecomuseu Ribeirão da Ilha.

Caminha-se pela estrada do Sertão, também conhecida por estrada Francisco Thomas dos Santos (Chico do Alambique), em homenagem ao seu Chico, antigo morador do Sertão, famoso pela sua hospitalidade e por produzir uma apreciada cachaça, até a trilha que inicia a cerca de 100 metros após a igreja do povoado, seguindo na direção norte. Ao alcançar a lagoa pode-se percorrer outro caminho, o da Gurita, que margeia a lagoa até a restinga entre esta e a Praia da Armação.

#### Quadro 28: Caminho do Sertão do Ribeirão à Lagoa do Peri (Chico do Alambique)

**Atrações da paisagem:** vista panorâmica, lagoa, riacho, cachoeira, área de preservação.

**Extensão em metros:** 1.461

**Fontes de água:** o caminho acompanha o Ribeirão do Peri e é cortado por dois córregos afluentes.

**Graduação para bicicletas:** percurso técnico; trechos com seixos; envolve desmontes e carregação.

**Grau de dificuldade:** semi leve – caminhada em desnível, descida no sentido Sertão/ Lagoa.

**Linha de ônibus:** Ribeirão da Ilha ou da Caieira da Barra do Sul. As linhas do Pântano do Sul, Armação, Costa de Cima ou Costa de Dentro retornam à cidade.

**Orientação:** fácil; acessível ao mais inexperientes; baixo risco de se perder.

**Preparo físico:** normal.

**Tempo de percurso:** 30 minutos.

**Tipo de terreno:** de terra batida, preservando as características originais de caminho plano de carro de boi no trecho próximo ao Sertão; no restante do percurso até a Lagoa do Peri, é argiloso, com seixos aflorando em virtude da erosão; caminho acidentado e sinuoso.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br> acessado em 24/05/2003

#### 5.3.3 Visitas Culturais e *City tour*

Nesta atividade, há muito o que se explorar em termos de potencial turístico. Como já foi citado o lugar possui um cenário natural, uma cultura muito interessante e um povo típico bem peculiar da região. Um *city tour* (passeio pelo bairro), poderia incluir :

- passeio pelas ruas do Ribeirão com uma figura típica da região contando a história do Ribeirão, arquitetura e colonização açoriana, relatando hábitos e costumes herdados;
- visita aos patrimônios da região: o Museu do Ribeirão, Casarão do Ribeirão e a Igreja Nossa senhora da Lapa;
- visita às fazendas marinhas da região para conhecer sobre o cultivo da ostra;

d) visita a colônias de pescadores.

#### *5.3.3.1 Ecomuseu do Ribeirão da Ilha:*

Além de possuir lugares preciosos e um povo encantador, o Ribeirão possui ainda o Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, onde os visitantes têm a oportunidade de conhecer como era a chácara dos açorianos, seus engenhos de mandioca com casas da arquitetura luso-brasileira do século XVIII.

Instalado em uma casa em estilo colonial do século XVIII, o Eco Museu do Ribeirão possui um interessante acervo de peças utilizadas no cotidiano dos imigrantes açorianos. O maior destaque é um presépio montado no século XVIII por uma escrava que vivia no local. O material utilizado por ela na construção dele foi: conchas, escamas e óleo de peixes. Há uma mistura de umbanda com o catolicismo Além da casa e dos utensílios, foi montado nos fundos do museu um engenho de farinha tal como era na época em que beneficiar a mandioca era uma das principais atividades econômicas de Florianópolis

#### *5.3.3.2 Colônia de Pescadores e atividades turísticas ligadas a pesca:*

Áreas destinadas à permissão temporária de caça/pesca determinadas por medidas legais para as diferentes regiões do país. A colônia de pescadores pode servir como um empreendimento turístico, por exemplo, convidando o visitante a pescar, mostrando ao mesmo, alguns “segredos e truques” da pesca desta localidades, e as espécies de que habitam aquela região.

#### *5.3.3.3 Casas rústicas coloniais:*

O caminho pontuado de nostalgia representada pelas casas em estilo colonial é um dos mais bonitos da capital. O guia, a fim de agregar maior valor ao local e facilitando a

integração morador-turista, seria a figura típica e versátil desta região, um manezinho da Ilha, contando, com irreverência e alegria típica, a história do local. Através da pesquisa, muitas pessoas se encaixavam neste perfil e se mostraram interessadas na questão.

#### *5.3.3.4 Igreja Nossa Senhora da Lapa:*

Inaugurada em 1806, a igreja matriz da freguesia do Ribeirão demorou vinte anos para ficar pronta e abrigar definitivamente a imagem de Nossa Senhora da Lapa, que chegou ao Ribeirão em 1760. Construída com pedras e uma liga de areia e óleo de baleia, externamente a igreja conserva intacta suas características coloniais. Apesar disso, inúmeras reformas internas alteraram o templo e mãos de tinta encobriram pinturas centenárias em seu teto e em suas paredes com mais de 80 centímetros de espessura. Ao lado está o Império do Divino Espírito Santo, espécie de capela dedicada a um culto que é tradição nos Açores.

#### *5.3.3.5 Fazendas Marinhas*

Pode-se incluir como visitas culturais, um passeio nas fazendas marinhas existentes, relatando o processo de cultivo da ostra, desde seu desenvolvimento até sua extração. Uma outra alternativa, é a degustação do marisco retirado na hora. E também a utilização de um barco para que os maricultores possam levar curiosos para conhecer os frutos do mar em seu habitat natural. Isto já acontece, como é o caso do restaurante Rancho Açoriano.

#### **5.3.4 Passeios marítimos**

A baía é propícia para o incremento dessa atividade, tendo como boa opção barcos à vela ou qualquer embarcação que não ponha em risco a fauna marinha ou que tenha baixo impacto ambiental. Uma alternativa seria a construção de uma marina ou trapiche para pequenos barcos.

O antigo governador do estado de Santa Catarina, reforça a idéia de que se houvesse transporte marítimo turístico, além de aproveitar o visual deslumbrante desta parte da ilha, teria um transporte alternativo que não precisariam pegar a estrada para o Ribeirão.

### **5.3.5 Festas etno-culturais-religiosas**

Eventos de colônias de imigrantes e descendentes radicados em determinados espaços histórico-geográficos rememorativos das datas dos padroeiros das cidades e regiões de origem. Caracteriza-se pela ambientação típica, trajes folclóricos, gastronomia, música, dança, canto e gestual próprios. O conjunto cênico e os marcantes elementos culturais emprestam originalidade às regiões cosmopolitas e metropolitanas, motivando a afluência nacional e a internacional.

Incluem-se todas as práticas culturais que são tidas como específicas do próprio local ou da região que as integram, ou ainda idênticas em nível nacional como: atividades cotidianas e festivas de ordem sacra ou profana, de caráter popular e folclórico, consideradas objeto de apreciação e/ou participação turística.

#### *5.3.5.1 Festa do Camarão:*

Um dos eventos no local é a Festa do Camarão, no mês de fevereiro antes do início do carnaval, que apresenta uma série de atividades. Nesta época, a freguesia do Ribeirão deixa de ser um lugar calmo e cai na folia, e isso é assim há dezoito anos. A Festa do Camarão foi criada para reforçar o valor da cultura local. O melhor momento é quando a tradicional banda do “ Zé Pereira “ entra em cena, desfilando pela avenida principal da Freguesia do Ribeirão. Os foliões seguem o grupo musical até a praça da Matriz, onde pedem licença a Nossa Senhora da Lapa, padroeira do lugar, para que continuem com a festa. Há ainda o “banho à

fantasia “ ou “ joga na água “, quando as pessoas mais animadas mergulhar no mar, para festejar ainda mais.

Nesta época, o Ribeirão fica irreconhecível pois a tranquilidade histórica do lugar cede espaço a uma alegria também histórica, das brincadeiras de rua entre moradores

Popularmente conhecida como Zé Pereira, a banda Nossa Senhora da Lapa é uma das últimas filarmônicas da Ilha de Santa Catarina. Sua origem remonta a meados do século 19, quando existiam no Ribeirão duas filarmônicas: a Banda da Cera e a Amantes do Progresso. Há 105 anos as duas bandas se fundiram e formaram a Nossa Senhora da Lapa, que nos anos 20, ganhou a denominação Zé Pereira. A origem dos “Zé Pereiras” segundo a comunidade, é o apelido do português José Nogueira de Azevedo Paredes. Nos idos de 1852, Zé Pereira resolveu sair com um tambor pelas ruas do Rio de Janeiro para animar o entrudo - espécie de Carnaval de rua de origem portuguesa. A partir daí o entrudo passou a ser seguido por grupos de músicos que tocavam anarquicamente pelas ruas nos dias do Carnaval. Com o tempo, as bandas que animavam o Carnaval começaram a ser chamadas de Zé Pereira.

#### *5.3.5.2 Festa do Divino*

Um evento religioso é uma cerimônia em datas litúrgicas, homenagens a santos (padroeiros, etc.), novenas e trezenas, ladainhas, benditos, missas, missas com cantochão, romarias, procissões, jubileus e outros. Incluem também cerimônias de outros cultos cristãos não-católicos, bem como de religiões não-cristãs, ou seja as manifestações tradicionais e/ou populares, que ocorrem em datas fixas ou móveis, caracterizadas por atos e/ou comemorações religiosas.

A Festa do Divino é a marca maior de fé que une os descendentes açorianos espalhados pelo mundo, em diversas regiões do Brasil, Portugal continental, Estados Unidos, Canadá, Venezuela e Havaí.

Mesas redondas, exposições fotográficas, instalação artística, mostras de vídeo, procissões, cortejos, novenas e festejos populares fazem parte da programação do congresso. O evento é promovido pelo Departamento Artístico Cultural e Núcleo de Estudos Açorianos/Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), governo da Região Autónoma dos Açores, Fundações Catarinense de Cultura e Franklin Cascaes, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), Consulado de Portugal em Florianópolis, Fundação Açorianista e Arquidiocese de Florianópolis.

O açoriano trouxe para acrescentar a cultura catarinense, a fé e a devoção ao Divino Espírito Santo. O culto em louvor ao Divino é a maior afirmação cultural açoriana e a manifestação mais significativa dessa cultura. Duzentos e cinquenta e quatro anos depois a Festa do Divino Espírito Santo, ainda conserva elementos e conteúdos redefinidos popularmente na sua estrutura organizacional e na sua manifestação.

A Festa do Divino Espírito Santo, no Ribeirão, ocorre em junho, de acordo com o calendário litúrgico da Igreja Católica - cinquenta dias após a Páscoa, culminando no Domingo de Pentecostes, data que se celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. O evento tem duração de três dias a festa é precedida pelo périplo da bandeira (realizada algumas semanas antes) e por novenas e tríduos, obedecendo em seu desenrolar um ritual longo e pomposo, resultado de muitos meses de preparação.

No sábado a noite iniciam-se os festejos. Uma banda musical e populares vão buscar o Casal Imperador (Festeiros) e a corte imperial, para assistirem a celebração da missa. Após a missa realizam-se apresentações musicais, folclóricas, folias do Divino, bailes, barraquinhas e queimas de fogos de artifício. No domingo acontece a festa propriamente dita, com a coroação do Imperador durante a Missa Solene, oficiada em louvor ao Divino. A missa da coroação (geralmente no domingo de Pentecostes) é a cerimônia mais importante e significativa. A imposição solene da coroa ao Imperador (criança ou adolescente) convidado

pelo Casal Imperador é realizada pelo celebrante no final da missa. Após as cerimônias religiosas, o Imperador e toda a corte são conduzidos para o “Império” ou local apropriado, que represente os antigos “Impérios”. Ainda no domingo se procederá a escolha ou indicação do Imperador que presidirá as festividades no próximo ano. Desta maneira, encerra-se o “Ciclo do Divino Espírito Santo”, de muitos meses de organização, iniciado com o peditório da Bandeira e reiniciado com a eleição do Imperador.

A Festa com seus símbolos e rituais, apresenta partes bem definidas e articuladas entre si, a saber: conjunto de cerimônias religiosas, ritos sacro-profanos, folguedos populares e o “correr” da Bandeira do Divino no período que antecede a Festa e sua presença em todas as cerimônias - destacando-se como uma referência simbólica e emblemática, manifestamente reconhecida pelo povo que a reverencia com fé e devoção. É a Bandeira juntamente com a Coroa de prata lavrada, insígnia principal de um conjunto formado por Cetro de prata (encimado por uma pomba) e Salva, também de prata onde ficam depositados a Coroa e o Cetro; que compreendem os símbolos centrais das Festas. Em torno dos quais gravitam todos os rituais de louvor ao Divino. Estes elementos identificam e unificam as Festas do Divino Espírito Santo nas comunidades em que se realizam. Ao registrar o elenco das manifestações culturais transplantadas dos Açores para o litoral catarinense e que ainda são vivenciadas no cotidiano de nosso povo, conscientes desta história comum, defende-se a valorização dessa rede de manifestações culturais que exprimem toda a nossa Identidade. Manifestações que são legitimadoras de uma memória histórico-cultural a ser reverenciada e preservada. São expressões da cultura popular sobreviventes, verdadeiro patrimônio imaterial, que precisam ser salvaguardados não como um memorial do passado ou manutenção do presente, mas com vistas ao futuro que começou a ser forjado pela sensibilidade do homem açoriano.<sup>3</sup>

### 5.3.6 Artesanato

São objetos produzidos manualmente ou com máquinas rudimentares, em pequena escala, que a região e com a matéria-prima utilizada.

Ainda não explorado comercialmente refletem a concepção especial e formal dos artistas populares de uma área, região ou país. As técnicas variam de acordo com como se deveria, os artesanatos não utilizados para o turismo e o comércio.

<sup>3</sup> Informações obtidas em: [http:// www.jornaldigital.com](http://www.jornaldigital.com)



Quadro 29: Artesanatos explorados na região

Renda de Bilro	
Cestaria	
Objetos de madeira	
Produção de Tarrafas	
Cerâmica	

Fonte: dados da pesquisa

A renda de bilro surgiu no século XV, na Itália. Anos depois, a arte do rendado chegou à França invadindo a Corte do Rei Luís XIV e os centros produtores de Portugal.

Os caminhos da difusão da renda foram tortuosos, passando por guerras e pelo aperfeiçoamento do comércio. Ainda que não se saiba precisar quando chegou a Portugal, sabe-se que a palavra renda apareceu por volta de 1500, tendo se difundido rapidamente por Viana do Castelo, Setúbal, Lagos e Açores, que se tornaram grandes centros produtores de renda. A colonização portuguesa e a forte presença açoriana em Santa Catarina levaram à introdução da rendas de bilros na região, com uma crescente quantidade de artesãs que, enquanto seus maridos se dedicavam à pesca, dividiam as tarefas domésticas com o "trocar bilros" ou "bater pauzinhos".<sup>4</sup>

A renda a mão é feita com o auxílio de agulhas e bilros (fusos), ou ainda com crochês. O trabalho com bilros é feito numa pequena almofada dura, sobre a qual se fixa um cartão, perfurado segundo o desenho, que orienta a rendeira. Os fios presos aos bilros - pequenas peças de madeira torneada em forma de pera - se entrelaçam com o movimento rotativo que lhes imprime a rendeira. Esta pega e retém os pontos, um a um, com alfinetes, que são mudados de lugar à medida que o trabalho progride. Os bilros são manejados por pares, simultaneamente; padrões muito complexos podem exigir o emprego de 14, 18 ou mesmo mais de 20 pares de bilros.

<sup>4</sup> Informações obtidas em: <http://www.uol.com.br> acesso em 29/05/03

A cerâmica rústica é outra atividade artesanal desenvolvida, especialmente na confecção de artefatos de uso doméstico tais como moringas, potes, alguidares, panelas, jarros e vasos. Em pequena escala, são confeccionados bonecos e reproduções miniaturas da dança do Boi de Mamão, Pau de Fitas e da Orquestra dos Sapos. Além disso, a confecção de cestos e balaios, algum artesanato de palha e poucos teares manuais são também práticas comuns na Ilha de Santa Catarina.

### **5.3.7 Gastronomia:**

Ela é representada por comidas e bebidas típicas e/ou tradicionais da região que se caracterizem pelas suas formas peculiares e/ou exóticas de produção, apresentação e/ou degustação.

Uma das atrações principais do turismo é a gastronomia. Nesta região são vários restaurantes especializados em frutos do mar. O ideal é que qualquer passeio gastronômico se inicie pela cozinha de tradição, à base de pescados recém-saídos da rede. O Restaurante Rancho Açoriano, é muito procurado, por sua simplicidade e comida caseira e “manezinha da ilha”, seus pratos são preparados pela esposa do proprietário, e ela mesma, ensina para os funcionários, na maioria da própria comunidade, e segundo o proprietário, são um dos atrativos do restaurante.

Hoje essa região tem vários restaurantes, e cada um com suas características. O Rancho Açoriano, tem como cardápio comidas caseiras do “manezinho da Ilha”, o Ostradamus já reúne características mais clássicas, oferecendo um cardápio mais incrementado e decoração de alto requinte. Já o restaurante do museu, oferece um cardápio típico açoriano, onde em parceria com o governo de açores, o restaurante recebeu um cozinheiro da ilha de açores para ensinar sobre a culinária açoriana. Além disto, foi feito um estágio lá na Ilha de Açores, o que realmente torna seu cardápio autenticamente açoriano.

Cada um deles, apresenta seu produto turístico diferenciado com suas estratégias, uns com mais requinte, outros reforçando o cardápio açoriano, outros valorizando os pratos tradicionais do manezinho. O Ribeirão não cometeu o mesmo erro que os restaurantes da Lagoa da Conceição, do litoral norte, em que todos oferecem sequência de camarão, sem um diferencial competitivo, afirmou o proprietário do Complexo Turístico Pousada do Museu.

Os eventos ligados a Gastronomia podem ser explorados como um dos fatores para enfrentar a sazonalidade. Esses eventos são acontecimentos organizados para a degustação e/ou demonstração de hábitos culinários e/ou produtos de uso e/ou de cultivo local, que, além das apresentações, costumam incluir certames. O Restaurante Rancho Açoriano tem convênios tanto com empresas de turismo e redes hoteleiras de Florianópolis e de outras cidades brasileiras recebendo inclusive pessoas de outros países, como por exemplo os japoneses. Isto graças ao cultivo da ostra que atraiu interessados e assim com esses convênios e parcerias, gerou clientes ao longo do ano de 2003.

### **5.3.8 Hospedagem**

O Ribeirão oferece essa opção a pouco tempo, e ainda há uma certa restrição da capacidade de carga, quanto a construção de mais empreendimentos deste ramo. A comunidade conclui que já é suficiente, pois cada empreendimento deste ramo tem seu diferencial competitivo.

A pousada Ventos do Sul surgiu pela necessidade de se diferenciar, pois já existia outras pousadas e era preciso “achar” um nicho e penetrar nesse mercado. O proprietário chegou a conclusão que o turismo rural seria uma boa opção, já que não havia esse tipo de empreendimento na localidade, tendo como opção atividades ligadas ao campo como trilhas, cavalgadas, pescarias etc. Já a Pousada e Restaurante do Museu é um complexo turístico e tem a vantagem de oferecer cultura, lazer, hospedagem e gastronomia num só lugar. Muitos

convênios são feitos com agências e hotéis, para que o complexo possa ter ocupação ao longo do ano, e segundo o proprietário do complexo, o Ribeirão está conseguindo suplantando esse problema existente em toda a cidade, garantindo ocupação o ano inteiro. O Ribeirão é muito procurado, pois muitas pessoas procuram tranquilidade e isto ocorre em todo o ano.

### **5.3.9 Outros atrativos a serem explorados para o turismo**

Alguns outros atrativos podem ser explorados, para obter maior qualidade de serviços e produtos turísticos, como por exemplo:

- a) Acontecimentos com caráter de lazer e entretenimento – não necessariamente cultural, nos quais também se permite enquadrar aqueles com fins beneficentes. Exemplos: concursos de beleza, realizações beneméritas, leilões e bingos beneficentes;
- b) Apresentações de formas variadas de expressões culturais e que são organizadas para fins de estudo, informação cultural ou recreação. Exemplos: concursos e apresentações de música e canto, artes plásticas, cinematográficas, danças populares;
- c) Criação de um centro de apoio, ou seja, aglomerado urbano que funciona como núcleo receptivo de apoio ao fluxo de viajantes. Em sua estrutura caberia: posto de informação turística, comércio de artesanato local e *souvenirs*, pequenos bares ou restaurantes, banheiros e duchas, sala para eventos;
- d) Construção de quiosques, de acordo com as limitações ambientais, para oferecer um certo conforto aos banhistas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo levantar o potencial das localidades do Ribeirão da Ilha, para o desenvolvimento turístico sustentável da região. Primeiramente, foi identificadas características que mostrassem que a região possui esse potencial.

As características históricas e culturais mostraram o que essa região tem de mais precioso, pela forte presença da cultura açoriana, herança da colonização, através da arquitetura de suas construções e do seu próprio morador. É necessário que se preserve essa identidade cultural, tanto os patrimônios históricos culturais quanto o patrimônio “humano”.

As características sociais reforçam a idéia de que o “morador-atração”, pode contribuir muito para o desenvolvimento turístico sustentável, quando integrados no processo de planejamento turístico, fazendo de cada morador um guardião do patrimônio local, dos saberes e fazeres, da produção cultural nos diferentes segmentos, e um difusor dos bens culturais que constituem o acervo artístico dessas localidades. A difusão cultural e a participação cidadã são opções importantes no processo de desenvolvimento da comunidade. É interessante desenvolver todas as potencialidades e possibilidades democráticas dessa cultura valiosa. Ainda também destaca-se a possibilidade do turismo religioso que merece atenção especial, principalmente para os turistas da terceira idade, que podem trazer muitos benefícios para a comunidade, principalmente com o intercâmbio de culturas de outras gerações.

Quanto aos atrativos naturais, a região é muito rica em beleza e variedade de paisagens. A combinação de morros e praias gera um produto turístico inigualável e de muita qualidade, favorecendo o desenvolvimento de várias atividades turísticas, principalmente ligadas ao chamado ecoturismo. A presença da mata atlântica favorece ainda um tipo de

turismo pouco explorado que é o turismo científico e também atrai turista que simplesmente aprecia o visual natural, por exemplo apreciadores de canto dos pássaros de várias espécies.

Além desses atrativos oferecidos pela natureza, o homem se encarregou de construir mais alguns que registrassem a história do lugar. A Igreja de Nossa Senhora da Lapa e o Museu do Ribeirão são exemplos claro disto.

Uma outra característica que evidencia o potencial dessas localidades é a gastronomia. Uma grande vantagem é sua localização. Os restaurantes ficam na beira do mar, ou seja, o cardápio pode oferecer pratos típicos e frescos. A ostra, que é cultivada no local, tornou-se o produto símbolo deste lugar, e já é reconhecida nacionalmente como uma marca catarinense com qualidade. A gastronomia é uma ótima opção para enfrentar o problema da sazonalidade, com o turismo de negócios que está em alta na capital, durante todo o ano.

Todas essas características que potencializam o turismo podem ficar comprometidas se não forem acompanhadas pelo desenvolvimento sustentável. A região apresenta algumas limitações quanto a isso.

Em termos ambientais, é preocupante a situação atual dessas localidades, e destaca-se os principais problemas comprometedores: extrapolação da capacidade de carga, depredação do meio ambiente natural, cultural e social, desequilíbrio ecológico, aumento nos índices de poluição do ar e da água

Em termos sociais, outros fatores podem se tornar problemáticos com o passar do tempo, como: imigração indesejada, crescimento desordenado, problemas no trânsito, acúmulo de lixo urbano, exploração do turista, rejeição do turista pela comunidade local, sazonalidade, depredação ou descuido com os patrimônios da região, violência e tráfico de entorpecentes, desconforto por parte da comunidade local e possível descaracterização da população local. Além disso a região possui grande deficiência no que tange às infra-

estruturas urbanas, o que piora a situação quando aumenta o número de moradores ou mesmo os visitantes.

E alguns efeitos econômicos podem surgir, por falta de um planejamento turístico sustentável: especulação imobiliária, aumento da economia informal, aumento do custo de vida e inflação e privilégios nos benefícios econômicos.

Durante o levantamento das características que evidenciam o potencial turístico e os aspectos limitantes desse potencial, como retratadas acima, foram identificadas atividades turísticas para desenvolver ainda mais, o potencial existente.

Na praia, existem muitas atividades em que o turista pode aproveitar, desde um banho de mar em família, nas praias calmas do Ribeirão, como a prática do surfe em Naufragados, ou seja praia para qualquer gosto. A pesca é uma atividade que pode ser proveitosa em termos turísticos, de preferência monitorada, e podendo gerar renda para a população de pescadores, que podem dar uma aula daquilo que sabem melhor fazer. Além disso, a utilização do mar como transporte turístico ou mesmo de lazer, pode ser uma outra opção, desde que esteja dentro das limitações ambientais.

Os vários morros que cercam o Ribeirão são também excelentes fontes para a realização de atividades ligadas ao ecoturismo (caminhadas, mountain bike, alpinismo, apreciação da natureza, etc.)

Um *city tour* (visitação pelo bairro), poderia ser muito bem explorado, pois atrativos como a Igreja Nossa Senhora da Lapa, Museu do Ribeirão, Arquitetura Açoriana, Casarão do Ribeirão merecem ser visitados e deveriam ser relatados por uma pessoa da comunidade, retratando a história do Ribeirão. Além disto, uma visitação a fazenda marinha em barcos, contando sobre o cultivo da ostra

A gastronomia é o grande destaque, e já é bem explorada na região. Cada empreendimento tem seu diferencial competitivo, que conquista os clientes. Eles oferecem a opção de realizar eventos no restaurantes.

Os eventos existentes são encantadores, porem deveriam ser mais divulgados, aproveitando mais seu potencial. Além disto, outros eventos poderiam surgir, pois a fantástica riqueza cultural permite isto, como por exemplo uma feira de exposição de artesanato.

E por fim, as hospedagens que poderiam ser melhores exploradas, não em quantidade, até mesmo pela questão da capacidade, mas oferecer mais opção de lazer, melhor divulgação, melhor sinalização e maior capacitação dos profissionais, principalmente os recepcionistas. O ponto forte delas é que apesar de estarem no mesmo ramo e serem concorrentes, cada uma está num nicho diferente, e para o turista, tem-se um maior leque de opção.

Através desse levantamento, foi possível destacar um grande potencial a ser explorados nestas localidades, por apresentarem características essenciais para o desenvolvimento turístico da região. Todavia, apresenta muitos problemas que podem limitar esse potencial ou mesmo comprometer as localidades e sua comunidade num determinado prazo. Neste contexto, entra a necessidade do planejamento turístico de forma sustentável, para que as atividades turísticas tragam benefícios sociais e econômicos e que não prejudiquem o meio ambiente. O turismo antes de ser uma atividade econômica, deve ser encarado como uma atividade humana.



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. V. **Turismo: Fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1992.
- BRASIL. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília : MICT/MMA – EMBRATUR/IBAMA, 1994.
- BRUYNE, P. de; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 1998.
- CARSON, W. **Manual global de ecologia: o que você pode fazer a respeito da crise do meio ambiente**. 2.ed. São Paulo: Augustus, 1996.
- CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- EMBRATUR. **Turismo do Brasil**. Apresenta informações sobre dados turísticos. Disponível em <<http://www.embratur.gov.br>> acesso em 20 maio 2003.
- ESTADO. **Florianópolis**. Apresenta informações sobre história de Florianópolis. Disponível em < <http://www.estado.estadão.com.br>> acesso em 28 maio 2003.
- GRANEMANN, G. L. M. **Sustentabilidade Turística: estudo da capacidade de carga de áreas turísticas, estudo de caso do porto da Barra – Ilha de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC**, 1999.
- GUIAFLORIPA. **Lazer**. Apresenta informações sobre turismo. Disponível em <<http://www.guiafloripa.com.br>> acesso em 20 maio 2003.
- IBGE. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico - 1989**. Rio de Janeiro: 1992.
- IPUF. **Patrimônio histórico**. Apresenta informações sobre bens tombados sobre decretos e leis. Disponível em <<http://www.ipuf.sc.gov.br>> acesso em 03 maio 2003.

JORNAL DIGITAL. **Eventos religiosos**. Apresenta a festa do divino. Disponível em <<http://www.jornaldigital.com>> acesso em 20 maio 2003

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3.ed, 1989.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. v.1.

PMF. **Características geográficas**. Apresenta as características geográficas (praias, morros etc) da cidade de Florianópolis. Disponível em <<http://www.pmf.sc.gov.br>> acesso em 02 junho 2003.

PMF. **Características gastronômicas**. Apresenta as características sobre a gastronomia e maricultura em Florianópolis. Disponível em < <http://www.pmf.sc.gov.br> > acesso em 02 de junho 2003.

LAGE, B. H. G. e MILIONE, P. C. **Economia do Turismo**. 2. ed. Campinas, Papirus, 1996.

OMT. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

OURIQUES, H. R. **Turismo em Florianópolis: Uma crítica à indústria pós-moderna**. UFSC, 1998.

PIRES, P. S. **Ecologia. e Turismo**. 1996. 106f .Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Administração do Turismo). Curso de Turismo, INPG, FURB, ESTHF, Florianópolis.

ROBINSON, M. Por um turismo consensual. **O Correio da UNESCO**, pp.22-23, set./out., 1999.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1979.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável**. Campinas: Papirus, 1997.

SANTOS, M. O mundo, o Brasil e a globalização: o horror não dura eternamente. **Rumos do Desenvolvimento** nº 137. Rio de Janeiro, jun./1997, pp.4-10.

SANTUR. Gastronomia. Apresenta informações sobre o cultivo de ostra em Florianópolis. Disponível em <<http://www.santur.com.br>> acesso em 24/ abril 2003.

SWARBROOKE, J. **Turismo Sustentável**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2000.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1999.

## ANEXOS

### 1. Entrevista semi - estruturadas para empreendimentos turísticos:

1. Quais são os potenciais turísticos que destaca no Ribeirão da Ilha?
2. Quais os atrativos turísticos que o empreendimento apresenta?
3. Como vê a relação entre o turista e a comunidade?
4. Como esse empreendimento enfrenta o problema da sazonalidade?
5. O empreendimento é amparado por órgãos públicos (SEBRAE, UFSC, etc)?
6. Quais os problemas ambientais do Ribeirão?
7. Há mão de obra local nesse empreendimento ? É especializada? Existe na comunidade, algum curso de capacitação?

Em restaurante acrescentar:

8. Como é o cardápio ?

Em hotéis:

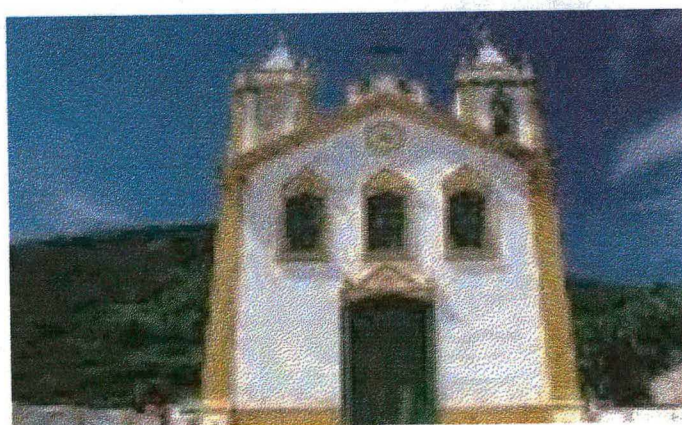
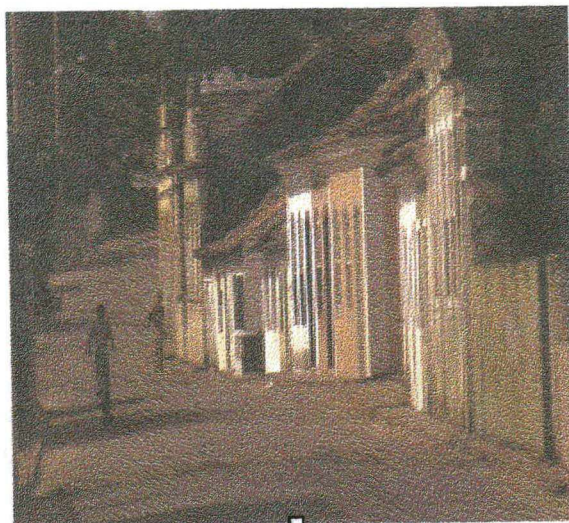
9. O que oferece de lazer?

### 2. Entrevista semi - estruturada com o Prof Esperidião para a tese de conclusão de curso Tema: Levantamento do potencial turístico sustentável das localidades da Freguesia do Ribeirão, Costeira do Ribeirão, Caieira da Barra do Sul e Naufragados.

1. Quais os aspectos que destacaria como potencial turístico sustentável das localidades em estudo?
2. Há possibilidade de haver uma integração entre a comunidade autóctone e os turistas? Como ?
3. Quais os atrativos turísticos que destacaria nessas localidades em estudo?
4. Como as localidades em estudo ( empreendimentos turísticos), poderiam enfrentar o problema da sazonalidade?
5. Quais os aspectos que limitam o potencial turísticos sustentáveis (problemas ambientais, sociais, econômicos, etc)? De que forma, poderia minimizá-los ?
6. Como o Sr vê a situação de infra- estruturas nessas localidades? Elas são suficientes para o desenvolvimento do turismo de forma sustentável?
7. De que forma o Sr acha que os órgãos públicos (ou outros órgãos tipo ONG ou mesmo privados ) podem contribuir para o fomento da atividade turística ( SEBRAE, UFSC, etc)?
8. Espaço reservado para colocação de algum comentário extra sobre o tema:

### 3. Outras entrevistas foram feitas, mas não estruturadas com a comunidade, turistas presentes no local e representante de órgãos públicos.

4. Fotos das localidades em estudo: (fonte: <http://www.chalesdocanto.com.br>)





## 5. MANUAL TÉCNICO PARA PESQUISA DE CAMPO

### ATRATIVOS NATURAIS E CULTURAIS PARA ESTUDO DE DIFERENCIAIS TURÍSTICOS

#### Características Relevantes

#### C.1 – NATURAIS

##### C.1.1 – Montanhas

C.1.1.1 – Picos / Montanhas

C.1.1.2 – Serras

C.1.1.3 – Morros / Montes / Colinas

- altura, morfologia
- vegetação (área ocupada e tipo)
- fauna
- características da paisagem circundante
- locais e percursos com interesse de visitação

##### C.1.2 – Planaltos e Planícies

C.1.2.1 – Chapadas / Tabuleiros

C.1.2.2 – Palmares

C.1.2.3 – Pedras Tabulares

C.1.2.4 – Vales

C.1.2.5 – Rochedos

- altura e morfologia
- vegetação (área ocupada e tipo)
- fauna característica da paisagem
- locais e percursos com interesse de visitação

##### C.1.3 – Costas ou litoral

C.1.3.1 – Praias

C.1.3.2 – Restingas

C.1.3.3 – Mangues

C.1.3.4 – Baías / Enseadas

C.1.3.5 – Sacos

C.1.3.6 – Cabos e Pontas

C.1.3.7 – Falésias / barreiras

C.1.3.8 – Dunas

- extensão, largura, profundidade e morfologia
- vegetação (área ocupada e tipo)
- fauna
- flora
- qualidade da água (cor, transparência e temperatura)
- intensidade das ondas, marés e ventos
- característica da paisagem circundante
- locais e percursos com interesse de visitação
- ocorrência de pesca
- píeres de atracação e marinas
- presença de população residente e/ou construções
- nível de população
- falésias / barreiras / dunas – altura
- praias (qualidade e cor da praia ou outro tipo de solo), granulometria
- baías / enseadas / sacos (existência de ilhas)

##### C.1.4 – Terras insulares

C.1.4.1 – Ilhas

C.1.4.2 – Arquipélagos

C.1.4.3 – Recifes / Atóis

- área, morfologia
- vegetação (área ocupada e tipo), existência de praias
- possibilidades de banhos
- características da paisagem circundante
- locais e percursos com interesse de visitação
- ancoradouros, píeres de atracação e marinas
- presença de população residente e/ou construção para centro de apoio

### **C.1.5 – Hidrografia**

C.1.5.1 – Rios / Ribeirões / Riachos / Canais  
/ Igarapés / Furos / Arroios

- extensão, largura e profundidade
- vegetação (área ocupada)
- fauna
- qualidade da água (cor, transparência e temperatura)

C.1.5.2 – Lagos / Lagoas / Represas

C.1.5.3 – Praias fluviais / Lacustres

- volume de água
- margens aproveitáveis para recreação e entretenimento
- existência de ilhas, corredeiras, várzeas e outros
- características da paisagem do entorno
- locais e percursos com interesse de visitação
- ocorrência de pesca
- ocorrência de fenômenos naturais
- ancoradouros – fundeadores, píeres de atracação, marinas
- rios (volume e vazão: máxima, média e mínima)
- existência de praias e possibilidade de banhos
- praias fluviais e lacustres (granulometria, cor da areia e características do solo)

### **C.1.6 – Pântanos**

- área
- vegetação do entrono
- fauna
- características da paisagem circundante
- locais e percursos com interesse de visitação
- ocorrência de caça e pesca

### **C.1.7 – Quedas d'água**

- altura, largura e volume da água
- número de saltos
- qualidade da água (cor, temperatura, transparência, escorregadores, duchas naturais)
- características da paisagem circundante
- locais e percursos com interesse de visitação
- nível de população ambiental

### **C.1.8 – Fontes hidrominerais ou hidrotermais**

- principais características físico-químicas
- qualidade e propriedades salutares das águas; nosologia
- possibilidades de banhos (piscinas, duchas naturais, balneoterapia)

### **C.1.9 – Parques**

Nacional  
Estadual  
Municipal

- área
- vegetação (área ocupada e tipo)
- fauna
- locais e percursos com interesse de visitação
- locais de observação de fauna e flora
- horário de visitação

### **C.1.10 – Reservas de flora e fauna**

- área
- vegetação (área ocupada e tipo)
- fauna
- locais e percursos com interesse de visitação
- locais de observação de fauna e flora
- horário de visitação

### **C.1.11 – Grutas / Cavernas / Furnas**

- área interna (altura, largura, extensão)
- conformação geológica / morfológica
- presença de estalactites e estalagmites
- extensão de percursos com segurança
- visibilidade interior
- características da paisagem circundante
- horário de visitação

### **C.1.12 – Áreas de caça e pesca**

- espécies existentes
- épocas de permissão e proibição
- época de maior captura
- solo, vegetação
- características da paisagem circundante

## **Atrativos turísticos histórico-culturais, manifestações e usos tradicionais e populares, realizações técnicas e científicas contemporâneas e acontecimentos programados**

### **Características relevantes**

## **C.2 – HISTÓRICO-CULTURAIS**

### **C.2.1 – Monumentos**

C.2.1.1 – Arquitetura civil

C.2.1.2 – Arquitetura religiosa /  
Funerária

C.2.1.3 – Arquitetura industrial /  
Agrícola

C.2.1.4 – Arquitetura militar

C.2.1.5 – Ruínas

C.2.1.6 – Esculturas

C.2.1.7 – Pinturas

C.2.1.8 – Outros legados

- situa o e ambiência.  
Informar quanto ao espaço físico de localiza o do atrativo, relatando o ambiente composto pela paisagem natural e/ou artificial. Quando for o caso, indicar se está inserido em rua de trânsito  u de pedestre, parque ou horto, praia, cais, praça ou jardins públicos, etc.
- Características construtivas: composi o, estilo e/ou técnica.  
Descrever objetivamente as linhas formais e/ou características do monumento, definindo quando possível o seu estilo (colonial, barroco, rococó, neoclássico, eclético, moderno ou contemporâneo, etc.); informar os tipos de materiais, processos técnicos utilizados e outras especificações relacionadas com a constru o/elabora o do monumento, que, por sua peculiaridade, mereçam ser destacados.  
Para os itens 2.1.6 Esculturas, 2.1.7 Pinturas e 2.1.8 Outros legados, destacar também os aspectos principais da representa o – temática e simbólica.
- Manifestações artísticas incorporadas ao atrativo. Informar, quando for o caso, a existência de bens móveis fixos incorporados ao monumento, como, por exemplo: pintura, mural, teto, azulejaria, vitral, pedra lavada, relevos, quadros, mobiliários, imaginária, escultura, etc.  
NOTA: no caso de algumas dessas peças incorporadas apresentarem, por si s s, motiva o para visita o turística, deverão ser inventariadas isoladamente atendendo às orientações previstas para o item em que for classificada.
- Utiliza o atual.  
Indicar, objetivamente, o uso principal do atrativo.



## C.2.2 – Sítios

### C.2.2.1 – Históricos

### C.2.2.2 - Científicos

- Situação e ambiência.  
Informar sobre o espaço físico do atrativo, a localização do sítio, relatando o ambiente composto pela paisagem natural e/ou artificial.  
Quando se tratar de sítio isolado indicar se está localizado em planalto, planície, vale, ilha, etc., e se o seu entorno é composto de vegetação densa ou característica.  
No caso de sítio localizado dentro de área urbana, informar o nível de preservação do mesmo, levando-se em consideração suas características próprias (volumetria, tipologia do casario e o traçado urbano original), em relação às características da área urbana que o circunda.
- Extensão da área.  
Informar, de modo genérico, a área ocupada pelo sítio (em km<sup>2</sup> ou ha).  
Referências cronológicas e/ou históricas do sítio – formação e evolução; data do povoamento ou fundação; aspectos e nomes (ou famílias) e ocorrências locais relacionadas aos aspectos históricos, sociológicos e científicos da vida brasileira.  
para o item 2.2.2 Científicos, indicar as características cronológicas de formação do sítio e demais referências científicas relacionadas com o mesmo.
- Características tipológicas.  
De modo geral, definir a que época pertence o conjunto arquitetônico do sítio e as características formais e técnicas que particularizam em sua maioria o casario sob o ponto de vista histórico-artístico, e o seu traçado.  
Para o item 2.2.2 Científicos, identificar a ocorrência, segundo as qualidades científicas e/ou culturais do sítio, artefatos, restos, achados e/ou vestígios encontrados e a importância de que se revestem.
- Aspectos notáveis do conjunto.  
Citar os elementos que se destacam no sítio. Deverão ser inventariados, isoladamente, os elementos que por si sós se justifiquem como atrativos turísticos.  
Locais e percursos de interesse para visitação.

### **C.2.3 – Instituições culturais de estudo, pesquisa e lazer / Museus**

C.2.3.1 – Bibliotecas

C.2.3.2 – Arquivos

C.2.3.3 – Institutos históricos e geográficos

- Situação e ambiência.  
Relatar o ambiente externo onde está localizado o atrativo, indicando se está inserido em rua de trânsito ou de pedestre, parque ou horto, praça ou jardim público, etc.  
Descrever, também, o ambiente interno onde está disposto o acervo para a visita, informando Quanto à especialidade, luminosidade e disposição das peças.  
Data de inauguração.
- Coleções principais/acervo.  
Informar sobre o acervo e sua disposição.  
Citar as coleções principais, pela qualificação genérica própria da ciência ou técnica à qual se relacionam, indicando os períodos que representam ou outra caracterização própria em função de sua autoria, origem cultural e geográfica, ou outro modo de origem específico de sua qualidade; citar ainda o número total das peças que compõem o acervo e coleções principais; informar a organização temática a que obedece a montagem do circuito expositivo permanente para a visita.
- Detalhes do acervo.  
Informar as peças que se destacam no acervo por suas características históricas e/ou estéticas.

### **C.3 – MANIFESTAÇÕES E USOS TRADICIONAIS E POPULARES**

#### **C.3.1 – Festas, comemorações e atividades**

C.3.1.1 – Religiosas

C.3.1.2 – Populares e folclóricas

C.3.1.3 – Cívicas

- Época/duração e periodicidade.  
Determinar a época (mês, semestre, etc.) do ano em que ocorrer, o período de duração (dias, semanas, etc.) e a periodicidade de incidência da realização (semestral, anual, bienal, etc.).
- Origens/histórico.  
Informar as origens culturais da realização e fazer um breve histórico da mesma.
- Local de ocorrência (ambiência).  
Indicar se ocorre em ruas, adros, praias, cais, rios ou outros locais (quais) e no caso de ser em rias, se estas são de trânsito ou de pedestres.
- Formas de apresentação.  
Descrever as características da festa, comemoração ou atividade em si. Se for o caso, informar com relação às vestimentas, músicas, decorações, lendas, mitos invocados, etc.

#### **C.3.2 – Gastronomia típica**

C.3.2.1 – Salgados

C.3.2.2 – Doces

C.3.2.3 – Frutas / Sucos / Bebidas

- Origem cultural.  
Informar as origens culturais e Quando possível, citar referências históricas das mesmas.
- Composição básica (produtos).  
Informar os produtos básicos e as formas de tratamento e/ou elaboração.
- Modo típico de apresentação e/ou degustação.  
Citar as formas típicas e/ou peculiares de apresentação e/ou degustação.

### **C.3.3 – Artesanato**

- Origem cultural dos objetos.  
Local de produção.  
matéria-prima utilizada.  
Formas de elaboração ou tratamento: informar as técnicas e os métodos utilizados no tratamento da matéria-prima e na elaboração do objeto.  
Formas de apresentação e/ou uso: citar os modos de apresentação e/ou uso dos objetos no local de produção.

### **C.3.4 – Feiras e mercados**

- Situação e ambiência.  
Indicar se ocorre em ruas, praças ou outros locais (quais) e, no caso de ser em ruas, se estas são de pedestres ou de trânsito. No caso de Mercados, citar o entorno físico, natural e/ou artificial do prédio.
- Características construtivas.  
Definir concisamente as características de construção dos Mercados e/ou barracas das Feiras, informando, quando possível, os materiais e técnicas empregadas.
- Periodicidade.  
Informar a incidência da ocorrência das Feiras e o horário de abertura e encerramento dos Mercados.
- Formas de apresentação.  
Informar quanto às formas de apresentação e/ou venda dos produtos e objetos comercializados.
- Produtos e/ou objetos para comercialização e consumo.  
Informar os tipos de produtos e/ou objetos oferecidos para aquisição e consumo.
- Manifestações artísticas e/ou culturais incorporadas ao atrativo.  
Informar, quando for o caso, a existência de bens móveis fixos incorporados à construção (mercados) e/ou ocorrência, espontânea ou programada, de manifestações populares ou folclóricas (cordel, capoeira, etc.).

## **C.4 – REALIZAÇÕES TÉCNICAS E CIENTÍFICAS CONTEMPORÂNEAS**

### **C.4.1 – Exploração de minério**

### **C.4.2 – Exploração agrícola e/ou pastoril**

#### **C.4.2.1 – Fazendas-modelo**

#### **C.4.2.2 – Estações experimentais**

- Ambiência e extensão da área.  
Informar sobre o espaço físico, natural e/ou artificial, referente às áreas de exploração e aos locais de outras instalações, indicando a área total ocupada.
- Técnicas e métodos empregados.  
Destacar os dados de interesse relacionados com as técnicas e/ou métodos empregados, bem como as instalações e/ou equipamentos utilizados.

### **C.4.3 – Exploração industrial**

- Produtos de exploração.  
Citar e destacar os dados de interesse relacionados com os produtos de exploração.
-



**C.4.4 – Obras de arte e técnica /  
Agenciamento urbano e paisagístico /  
Pontes / Usinas / Barragens / Eclusas**

- Situação e ambiência.  
Informar sobre o espaço físico, natural ou artificial, onde está implantado o atrativo.
- Época de elaboração e/ou construção.  
Indicar a data de construção do atrativo.
- Características construtivas e importância técnica.  
Destacar os aspectos técnicos utilizados e outras especificações relacionadas com a construção (material, processos técnicos utilizados e outras especificações relacionadas com a obra) e informar sobre sua importância técnica dentro do contexto sócio-econômico local, regional e/ou nacional.

**C.4.5 – Centros científicos e técnicos**

C.4.5.1 – Zoológicos / Aquários / Viveiros

C.4.5.2 – Jardins botânicos e hortos

C.4.5.3 – Planetário

- Situação e ambiência.  
*Vide* item 2.3 Instituições Culturais de Estudo, Pesquisa e Lazer.
- Coleções e/ou espécies principais.  
Informar a organização temática a que obedece o circuito de exposição pública e os espécimes mais peculiares e interessantes.
- Locais e caminhos de interesse para visitação.  
Programações.  
Informar a existência ou não de programações especiais e/ou exposições temporárias; para o item 4.5.3 Planetários, destacar a temática de abordagem para as exibições.

**C.5 – ACONTECIMENTOS  
PROGRAMADOS**

**C.5.1 – Congressos e convenções**

**C.5.2 – Feiras e exposições**

**C.5.3 – Realizações diversas**

C.5.3.1 – Desportivas

C.5.3.2 – Artísticas / Culturais

C.5.3.3 – Sociais / Assistenciais

C.5.3.4 – Gastronômicas / Produtos

C.5.3.5 – Festas Etno-Culturais-Religiosas

C.5.3.6 – Feiras de antiguidades e  
mercados de achados

- Local de ocorrência (ambiência).  
Indicar se ocorre em locais abertos (praças, largos, etc.) e informar sobre seu entorno físico, natural e/ou artificial.
- Época/duração e periodicidade.  
*Vide* item 3.1 Festas. Comemorações e Atividades.
- Objetivos.  
Definir claramente os objetivos pretendidos pelo acontecimento.  
Informar nome e endereço da entidade responsável pela organização e/ou promoção do acontecimento.
- Abrangência e participação.  
Informar quais áreas das atividades humanas que o acontecimento abrange e quais os profissionais que dele participam.
- Âmbito.  
Definir qual o âmbito do acontecimento, se é de nível internacional, nacional, regional ou local.
- Formas de apresentação.  
Descrever as características do acontecimento programado, indicando fatos tradicionais (desfiles, hasteamento de bandeira, etc.), pessoas, autoridades, programação, etc.
- Produtos e objetos comercializados.  
Informar os tipos de produtos e/ou objetos oferecidos para aquisição e consumo.

## 5. MODELO DE FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

(Frente)

<b>FPC-01</b>					
<b>CATEGORIA:</b>	<b>MUNICÍPIO:</b>	<b>TIPO:</b>	<b>ATRATIVOS TURÍSTICOS NATURAIS</b>	<b>SUBTIPO:</b>	<b>CÓDIGO:</b>
<b>U.F.</b>		<b>DISTRITO:</b>			<b>HIERARQUIA:</b>
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>NOME:</b>				
<b>2. LOCALIZAÇÃO:</b>					
<b>3. LOCALIDADE MAIS PRÓXIMA:</b>					
<b>4. MEIOS DE ACESSO AO ATRATIVO:</b>	<input type="checkbox"/> Regulares	<input type="checkbox"/> Rodoviário	<input type="checkbox"/> Ferrovário	<input type="checkbox"/> Hidroviário	<input type="checkbox"/> Fluvial
<input type="checkbox"/> Irregulares	<input type="checkbox"/> Pavimentado	<input type="checkbox"/> Não-Pavimentado	<input type="checkbox"/> Aéreo	<input type="checkbox"/> Marítimo	<input type="checkbox"/> Lacustre
<input type="checkbox"/> Ocasionais	<input type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Ruim	<input type="checkbox"/> Fluvial	<input type="checkbox"/> Lacustre	
<b>5. ACESSO MAIS UTILIZADO:</b>					
<b>6. DETALHAMENTO DO ACESSO MAIS UTILIZADO:</b>					
<b>7. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS</b>		<b>8. PROPÓSITO</b>	<b>9. JURISDIÇÃO</b>	<b>10. ACESSO AO PÚBLICO (permite acesso)</b>	
Altura ( m)	<input type="checkbox"/> Alpinismo	<input type="checkbox"/> Área Pública	Dias úteis:	Horário: das _____ às _____ h	
Largura ( m)	<input type="checkbox"/> Observação	<input type="checkbox"/> Área Privada	Sábado e Domingo:	Horário: das _____ às _____ h	
Comprimento ( m)	<input type="checkbox"/> Pesquisas Científicas				
Profundidade ( m)	<input type="checkbox"/> Caminhadas, <i>Trekking</i>				
	<input type="checkbox"/> Outros – Especificar _____				
<b>11. ESPECIFICAÇÃO QUANTO AO ACESSO DE VEÍCULOS PARA PERCORRER O ATRATIVO</b>	<b>12. OCUPAÇÃO E EXPLORAÇÃO TURÍSTICA</b>	<b>13. AVALIAÇÃO PRELIMINAR DO ATRATIVO</b>			
			BOM	REG.	MAU
	1. Dimensão		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	2. Beleza Cênica da Formação		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	3. Conjunto Paisagístico		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	4. Vegetação Local		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	5. Acesso		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	6. Equipamentos Turísticos		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	7. Conservação e Limpeza		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	8. Informação e Sinalização		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>14. DESCRIÇÃO DO ATRATIVO</b>					

15. ACESSIBILIDADE <input type="checkbox"/> Permanente <input type="checkbox"/> Temporária Citar:	16. TEMPO NECESSÁRIO PARA CONHECER O ATRATIVO <input type="checkbox"/> Horas <input type="checkbox"/> 3 dias <input type="checkbox"/> Pernoite <input type="checkbox"/> Mais de 3 dias	17. ATIVIDADES PROGRAMADAS <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  Citar:
18. EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS <input type="checkbox"/> Alojamentos / Instalações de Alimentação <input type="checkbox"/> Sanitários <input type="checkbox"/> Mirantes / Belvederes <input type="checkbox"/> Informações Turísticas <input type="checkbox"/> Teleféricos e Similares <input type="checkbox"/> Roteiros Internos Panorâmicos <input type="checkbox"/> Estacionamento <input type="checkbox"/> Portos, Atracadouros, Marinas Conservação: <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> Ruim	19. ORIGEM DOS VISITANTES <input type="checkbox"/> Internacional <input type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/> Regional <input type="checkbox"/> Local	20. ROTEIROS TURÍSTICOS COMERCIALIZADOS <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  Citar:
21. Transportes (tipo e frequência):		
22. Observações Complementares:		
23. Remissivas e Referências:		
24. PESQUISA DE GABINETE	25. PESQUISA DE MERCADO	26. CONFERÊNCIA E REVISÃO - DATA



MODELO DE FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

(Frente)

FPC-02		ATRATIVOS TURÍSTICOS HISTÓRICO-CULTURAIS	
CATEGORIA:	TIPO:	SUBTIPO:	CÓDIGO:
U.F.	MUNICÍPIO:	DISTRITO:	HIERARQUIA:
NOME:			
2. LOCALIZAÇÃO:			
3. LOCALIDADE MAIS PRÓXIMA:		DISTÂNCIA: km	
4. MEIOS DE ACESSO AO ATRATIVO:			
<input type="checkbox"/> Regulares	<input type="checkbox"/> Rodoviário	<input type="checkbox"/> Ferroviário	<input type="checkbox"/> Fluvial
<input type="checkbox"/> Irregulares	<input type="checkbox"/> Pavimentado	<input type="checkbox"/> Não-Pavimentado	<input type="checkbox"/> Marítimo
<input type="checkbox"/> Ocasionais	<input type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Ruim	<input type="checkbox"/> Lacustre
5. ACESSO MAIS UTILIZADO:			
6. DETALHAMENTO DO ACESSO MAIS UTILIZADO:			
7. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS		8. JURISDIÇÃO	
Altura ( m)		<input type="checkbox"/> Área Pública	9. ACESSO AO PÚBLICO (permite acesso)
Largura ( m)		<input type="checkbox"/> Área Privada	
Comprimento ( m)			
Profundidade ( m)			
10. DESCRIÇÃO DO ATRATIVO			

11. PROTEÇÃO EXISTENTE	12. ESTADO DE CONSERVAÇÃO <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim <input type="checkbox"/> Ruínas	13. ORIGEM DOS VISITANTES <input type="checkbox"/> Internacional <input type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/> Regional <input type="checkbox"/> Local	14. ROTEIROS TURÍSTICOS COMERCIALIZADOS <input type="checkbox"/> Sim Citar: <input type="checkbox"/> Não
15. TRANSPORTES (tipo de frequência)			
16. AVALIAÇÃO PRELIMINAR DO PESQUISADOR: ESPECIALIZAÇÃO DO ACERVO, ORIGINALIDADE. PEÇAS DE MAIOR IMPORTÂNCIA, Nº DE OBRAS			
17. OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:			
18. REMISSIVAS E REFERÊNCIAS:			
PESQUISA DE GABINETE		PESQUISA DE CAMPO	CONFERÊNCIA E REVISÃO - DATA



# MODELO DE FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

(Frente)

FPC-03 EQUIPAMENTO HOTELEIRO									
CATEGORIA:		TIPO:		SUBTIPO:		CODIFICAÇÃO:			
U.F.		MUNICÍPIO:		DISTRITO:		CLASSIFICAÇÃO EMBRATUR:			
1. NATUREZA DO ESTABELECIMENTO									
<input type="checkbox"/> H - Hotel		<input type="checkbox"/> HC - Hotel Clube		<input type="checkbox"/> EH - Eco-Hotel		<input type="checkbox"/> M - Motel			
<input type="checkbox"/> HL - Hotel Lazer		<input type="checkbox"/> HS - Hotel de Saude/Spa		<input type="checkbox"/> HTT - Hotel em Terminal de Transporte		<input type="checkbox"/> TS - Time Share			
<input type="checkbox"/> HR - Hotel Residência ou Suite Service		<input type="checkbox"/> HF - Hotel fazenda		<input type="checkbox"/> L - Lodge					
2. DENOMINAÇÃO (NOME FANTASIA):									
3. RAZÃO SOCIAL:									
4. PROPRIETÁRIO:									
5. INFORMANTE:									
6. TELEFONE PARA RESERVA									
FAX: e-mail									
7. REGISTRO EMBRATUR									
9. DATA DE INÍCIO DAS ATIVIDADES:									
<input type="checkbox"/> Hotel Cadeia Internacional		<input type="checkbox"/> Sim		<input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Hotel Cadeia Nacional			
<input type="checkbox"/> Hotel Cadeia Individual		<input type="checkbox"/> Hotel Internacional Individual		<input type="checkbox"/> Hotel Nac. Int.					
CITAR:									
11. NÚMERO DE UNIDADES HABITACIONAIS									
SUITES		APTOS.		CHALÉS		QUARTOS		Nº DE APOSENTOS	
S		S		S		S		com banheiro privativo	
D		D		D		D		sem banheiro privativo	
T		T		T		T			
								TOTAL DE LEITOS	
								Total de camas extras	
								Permanência média	
12. SERVIÇOS									
Bar		S		N		S		N	
Restaurante						TV nos aposentos		Centro de convenções	
Lavanderia						TV no saguão		Auditório	
Garagem						Música ambiente		Sauna	
Estacionamento						Frigobar		Instituto de beleza	
Calefação central						Piano		Galeria de arte	
Ar refrigerado						Cofres indiv. nos aposentos		Serviços médicos	
Elevadores						Guarda-valores indiv. central		Equip. termalismo	
Central telefônica						Lojas		Equip. talassoterapia	
Telex						Bancos/câmbio		Equip. crenoterapia	
Fax						Lareira		Playground	
Café da manhã								Núcleo de informática (Internet)	
						Aceita cartão de crédito		Quais?	

13. PESSOAL	PESSOAL PERMANENTE	PESSOAL TEMPORÁRIO	TOTAL
Cargos de direção			
Cargos da área administrativa			
Chefias – governanças			
Portaria e recepção			
Restaurante, bar e cozinha			
Rouparia e faxina			
Intérprete			
Telecomunicações			
Atendimento a executivos			
Animação			
Atendimento médico-psicoterápico			
Atendimento desportivo			
Outros			

14. INFORMES FÍSICOS DO IMÓVEL  
Área total do imóvel:  
Área da construção:  
Área livre:  
Ano da construção:  
Ano de funcionamento:

- CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL:
- ☐ Térreo/pavilhonar – nº de pavilhões:
- ☐ Térreo/unidades isoladas – nº de U.I.:
- ☐ Bloco vertical – nº de pav.:
- Projetos existentes: ☐ Ampliação ☐ Outros
- ☐ Reforma e mod.

15. AVALIAÇÃO PRELIMINAR DO PESQUISADOR	MÁ	REGULAR	BOA	ÓTIMA
Conservação e manutenção do hotel				
Decoração e mobiliário				
Apresentação e vestuário do pessoal				
Rouparia/guarnição e serviços de mesa				
Equipamentos sanitários				
Serviços de telefonia e comunicação				
Qualidade da alimentação				
Oferta de lazer/recreação e entretenimento				

16. OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

24. PESQUISA DE GABINETE	25. PESQUISA DE MERCADO	26. CONFERÊNCIA E REVISÃO – DATA
--------------------------	-------------------------	----------------------------------



# MODELO DE FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

(Frente)

FPC-04		EQUIPAMENTO EXTRA-HOTELEIRO – ALOJAMENTOS NÃO-CONVENCIONAIS	
CATEGORIA	TIPO	SUBTIPO	CODIFICAÇÃO
U.F.	MUNICÍPIO		
NATUREZA DO ESTABELECIMENTO <input type="checkbox"/> PENSÃO <input type="checkbox"/> PENSIONATO <input type="checkbox"/> COLÔNIA DE FÉRIAS <input type="checkbox"/> HOSPEDARIA <input type="checkbox"/> ALBERGUE DE TURISMO <input type="checkbox"/> POUSADA <input type="checkbox"/> PARADOR <input type="checkbox"/> APART-HOTEL <input type="checkbox"/> FLAT <input type="checkbox"/> ACAMPAMENTO DE FÉRIAS <input type="checkbox"/> ACAMPAMENTO TURÍSTICO (CAMPING – FPC-05) <input type="checkbox"/> IMÓVEL LOCADO <input type="checkbox"/> SEGUNDA RESIDÊNCIA <input type="checkbox"/> QL. AVULSOS			
1. DENOMINAÇÃO			
2. RAZÃO SOCIAL			
4. PROPRIETÁRIO / INSTITUIÇÃO		5. INFORMANTE	6. TELEFONE PARA RESERVA
7. ENDEREÇO		FAX	E-MAIL:
8. REGISTRO EMBRATUR / OUTROS			
9. DATA DE INÍCIO DAS ATIVIDADES			
10. UNIDADE ISOLADA E/OU INSTITUIÇÃO ASSOCIATIVA E/OU CORPORATIVA - <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO    / <input type="checkbox"/> PÚBLICA <input type="checkbox"/> PRIVADA CITAR:			
11. NÚMERO DE UNIDADES HABITACIONAIS			
12. SERVIÇOS			

13. PESSOAL

14. INFORMES FÍSICOS DO IMÓVEL

15. AVALIAÇÃO PRELIMINAR DO PESQUISADOR

16. ESTIMATIVA GLOBAL DE ALOJAMENTOS EXTRA-HOTELEIROS NA LOCALIDADE PESQUISADA  
SEGUNDA RESIDÊNCIA:

CASAS RESIDÊNCIAIS:

LEITOS:

APARTAMENTOS RESIDÊNCIAIS:

LEITOS:

QUARTOS E LEITOS AVULSOS:

TOTAL DE LEITOS:

Fonte: Mário Carlos Beni, inédito